

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**  
**MESTRADO EM HISTÓRIA**

**Giovanna de Andrade Figueira**

**Os usos políticos do fascismo pela nova direita brasileira**

Juiz de Fora

2025

**Giovanna de Andrade Figueira**

**Os usos políticos do fascismo pela nova direita brasileira**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Odilon Caldeira Neto

Juiz de Fora  
2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Figueira, Giovanna de Andrade.  
Os Usos políticos do fascismo pela nova direita brasileira /  
Giovanna de Andrade Figueira. -- 2025.  
139 p. : il.

Orientador: Odilon Caldeira Neto  
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz  
de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de  
Pós-Graduação em História, 2025.

1. Fascismo. 2. Fascismo de esquerda. 3. Intelectuais. 4. Nova  
direita. I. Caldeira Neto, Odilon, orient. II. Título.

**Giovanna de Andrade Figueira**

**Os usos políticos do fascismo pela nova direita brasileira**

Dissertação  
apresentada ao  
Curso ou Programa  
Pós-Graduação em  
História da Universidade  
Federal de Juiz de  
Fora como requisito  
parcial à obtenção do  
título de Mestre em  
História. Área de  
concentração:  
História, Cultura e  
Poder.

Aprovada em 26/05/2025.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Odilon Caldeira Neto** - Orientador  
Universidade Federal de Juiz de Fora

**Prof. Dr. Demian Bezerra de Melo**  
Universidade Federal de Juiz de Fora

**Prof. Dr. Alexandre de Almeida**  
Universidade Federal de Juiz de Fora

Juiz de Fora, 21/05/2025.



Documento assinado eletronicamente por **Odilon Caldeira Neto, Professor(a)**, em 09/06/2025, às 10:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alexandre de Almeida, Usuário Externo**, em 24/07/2025, às 22:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Demian Bezerra de Melo, Usuário Externo**, em 25/07/2025, às 15:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf ([www2.ufjf.br/SEI](http://www2.ufjf.br/SEI)) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2412004** e o código CRC **429508D5**.

---

Para Tia Darcy.

## **AGRADECIMENTOS**

Por diversas vezes ouvi que o mestrado é uma das etapas mais desafiadoras da trajetória acadêmica e agora eu compreendo o porquê desta máxima. Mas, apesar de todos os desafios, gostaria de demonstrar meu agradecimento por todos que me incentivaram, me acolheram, me acompanharam e me possibilitaram chegar até aqui.

Em primeiro lugar, agradeço à Universidade Federal de Juiz de Fora e ao Programa de Pós-Graduação em História, por terem sido minha casa nestes dois anos de pesquisa.

Agradeço ao Programa de Bolsas de Pós-Graduação da UFJF (PBPG) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) por terem financiado este trabalho.

Agradeço ao meu professor orientador, Dr. Odilon Caldeira Neto, por acreditar em meu trabalho, por pacientemente me auxiliar e, acima de tudo, por me inspirar a me debruçar sobre a temática das novas direitas.

Agradeço também por todas as trocas e contribuições dos professores presentes em minha banca de qualificação: Prof. Dr. Leandro Pereira Gonçalves e Prof. Dr. Demian Bezerra de Melo, bem como os presentes em minha banca de defesa: Dr. Demian Bezerra de Melo e Dr. Alexandre de Almeida.

Não poderia deixar de agradecer também aos professores de minha graduação que me mostraram e me incentivaram a seguir nesta temática de pesquisa: Prof. Dr. José Zioni Ferreti e Prof. Dr. Afonso de Alencastro Graça Filho. Ao professor Danilo agrago por sempre ter sido acolhedor e mostrar novas possibilidades de pesquisa. Ao professor Afonso agradeço por ter sido meu primeiro orientador desde a Iniciação Científica até o momento de finalização do TCC. Graças a vocês sempre irei me lembrar do meu início na jornada acadêmica com carinho.

Agradeço aos amigos que trouxeram diversão a minha estadia em Juiz de Fora desde o princípio: Gabriel Machado, Caroline Lopes, Amanda Lira e Mayara Balestro. Fui e sou muito sortuda de ter encontrado no mestrado as melhores companhias para reclamações de angústias acadêmicas, viagens e risos frouxos em alguma mesa de bar. Tenho certeza que toda a experiência de mestrado não teria sido a mesma sem vocês e por isso os agradeço por deixarem tudo mais leve.

Aos meus amigos que ultrapassaram os laços de amizade e se transformaram em grandes irmãos: Geovane Carvalho e Bruna Giovanna. Não há palavras capazes de mensurar a gratidão que sinto por vocês fazerem parte da minha vida. Mas agradeço à Bruna por me acompanhar na história desde o primeiro dia de aula da graduação, por todas as conversas

varando a noite, pelo lar que compartilhamos por mais de um ano e por toda a paciência e incentivo em não me deixar desistir. Obrigada!

À minha família, em especial à minha avó Zezé. À minha mãe, meu irmão, meu tio/padrinho. Destino um agradecimento mais caloroso à minha tia Darcy, a quem dedico este trabalho e que, infelizmente, nos deixou antes de eu ter tempo de concluí-lo. Através dela vi que há algo mágico na educação e me inspirei para me tornar, assim como ela, professora de História.

E por fim, mas longe de ser menos importante, agradeço ao meu companheiro Leonardo. Obrigada por colorir minha vida e me inspirar diariamente a ser uma pessoa melhor. Mas, acima de tudo, obrigada por apoiar meu trabalho e acreditar em mim mais do que eu mesma. Ao seu lado todas as canções de amor fazem sentido e por isso eu as te dedico.

Obrigada!



## RESUMO

Este trabalho procura apresentar como o conceito fascismo foi apropriado por intelectuais da “nova direita” brasileira. Para tal, iremos nos debruçar sobre os trabalhos de três intelectuais representantes deste grupo: Olavo de Carvalho, Leandro Narloch e Evandro Sinotti. Analisaremos através do site [olavodecarvalho.org](http://olavodecarvalho.org) e dos livros *Guia politicamente incorreto da história do mundo* e *Não, Sr. Comuna: Guia para desmascarar as falácias esquerdistas*, as manobras utilizadas para inserir o fascismo ao espectro político da esquerda, bem como as motivações para tal feito.

**Palavras-chave:** fascismo; fascismo de esquerda; intelectuais; nova direita.

## ABSTRACT

This work seeks to present how the concept of fascism has been appropriated by intellectuals from the Brazilian 'new right'. To this end, we will analyse the works of three intellectuals representing this group: Olavo de Carvalho, Leandro Narloch and Evandro Sinotti. Through the [olavodecarvalho.org](http://olavodecarvalho.org) website and the books *Guia politicamente incorreto da história do mundo* and *Não, Sr. Comuna: Guia para desmascarar as falácias esquerdistas*, we will analyse the moves used to insert fascism into the political spectrum of the left, as well as the motivations for doing so.

**Keywords:** fascism; left-wing fascism; intellectuals; new right.

## **LISTA DE FIGURAS**

<b>Figura 1:</b> Resultado da análise dos políticos brasileiros feita por Leandro Narloch.....	<b>97</b>
<b>Figura 2:</b> Resultado da análise dos políticos brasileiros feita por Leandro Narloch.....	<b>97</b>
<b>Figura 3:</b> Panfleto de campanha eleitoral de Evandro Sinotti.....	<b>102</b>
<b>Figura 4:</b> Panfleto de campanha eleitoral de Evandro Sinotti.....	<b>102</b>
<b>Figura 5:</b> Candidatos apoiados por Evandro Sinotti nas eleições de 2014.....	<b>103</b>
<b>Figura 6:</b> Publicação de convite de Evandro Sinotti.....	<b>106</b>

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

ADAV	Allgemeiner Deutscher Arbeiter-Verein
APH	Aparelhos privados de hegemonia
DEM	Democratas
ICMS	Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
IMB	Instituto Mises Brasil
IPVA	Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores
PDS	Partido Democrático Social
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PFL	Partido da Frente Liberal
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PP	Progressistas
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PSC	Partido Social Cristão
PSF	Parti Social Français
PT	Partido dos Trabalhadores

## Sumário

<b>1. Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>2. As interpretações do Fascismo.....</b>	<b>12</b>
2.1 — As emergências do Fascismo.....	12
2.2 — O Totalitarismo de Hannah Arendt.....	17
2.3 — O Fascismo francês e a díade entre direita e esquerda.....	23
2.4 — Fascismo como corruptela marxista de A. J. Gregor.....	33
2.5 — As Manifestações culturais do Fascismo.....	42
<b>3. Olavo de Carvalho e os usos políticos do Fascismo.....</b>	<b>52</b>
3.1 — A Construção política de Olavo de Carvalho.....	53
3.2 — O Fascismo sob a ótica de Olavo de Carvalho.....	61
3.3 — Olavo de Carvalho: o “guru” da “Nova direita” brasileira.....	74
<b>4. O “Fascismo de Esquerda” na “nova direita” brasileira.....</b>	<b>83</b>
4.1 — Os intelectuais da Nova Direita no mercado editorial.....	84
4.2 — Leandro Narloch e o “Fascismo de Esquerda” no Guia Politicamente incorreto da História do Mundo.....	92
4.3 — Usos do fascismo em Não, Sr. Comuna! Guia para desmascarar as falácias esquerdistas.....	101
<b>5. Considerações Finais.....</b>	<b>109</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>112</b>

## 1. Introdução

Este trabalho tem por objetivo compreender como a “nova direita” brasileira se fortaleceu através da atuação de intelectuais responsáveis por expandir os interesses vinculados a esta categoria. Encaixados no que Fernando Perlatto e Jorge Chaloub apresentam como “intelectuais da Nova Direita”, estes personagens foram essenciais para o fomento de discursos relacionados a críticas voltadas a governos e lideranças progressistas. Vamos, portanto, nos atentar em investigar como esse grupo se apropriou de conceitos históricos, como o fascismo, e os transformaram em temas polêmicos. Desta maneira, o principal objetivo desta pesquisa é indagar como o conceito de fascismo foi discutido e apresentado, com táticas revisionistas, por alguns destes intelectuais, sendo estes: Olavo de Carvalho, Leandro Narloch e Evandro Sinotti.

Para conseguirmos alcançar os resultados almejados, necessitamos expor como se caracteriza a “Nova Direita” brasileira e quem são seus agentes. O início da Nova República brasileira ficou marcado pelo surgimento de um novo movimento, exposto por Antônio Pierucci, como “direita envergonhada”<sup>1</sup>. Pierucci indica que este processo de “envergonhamento” ocorrido nos anos 1980, durante o processo de redemocratização e formação de uma nova Constituição, não ficou limitado somente aos candidatos políticos, mas também a seus eleitores, que não queriam mais vestir os estigmas da truculência que caracterizou a direita no período ditatorial brasileiro. Neste sentido, esclarece que a direita, num processo de readequação à atualidade, “deixou de dizer seu nome” e passou a se definir como “centro”<sup>2</sup>.

A adoção desse novo posicionamento pela direita tradicional impulsionou a formação de um movimento que Antônio Pierucci denomina “Nova Direita”, cujas origens, vinculadas a setores da extrema-direita, se manifestaram pela rejeição aos avanços relacionados aos direitos humanos. Esse movimento empenhou-se em construir novos bodes expiatórios, buscando ocupar simultaneamente as posições de vítima e de herói, uma vez que o anticomunismo já não exercia mais a mesma função de mobilização das massas. Para isso, recorreu a estratégias como o combate à violência — frequentemente associado às práticas xenofóbicas e racistas — e à resistência a transformações sociais progressistas. Odilon Caldeira Neto também reforça esta narrativa ao nos relatar que

---

<sup>1</sup> PIERUCCI, Antônio Flávio. As bases da nova direita. **Novos estudos**, CEBRAP, v. 19, n. 3, p. 26, 1987.

<sup>2</sup> Idem. p. 37.

O momento de abertura do campo político ao longo dos capítulos finais da transição democrática coincide com uma relativa pulverização de diversas pequenas organizações da extrema-direita, que buscavam relacionar-se com a abertura das possibilidades do campo político, todavia, com um ambiente fortemente refratário”. A partir desse quadro, pode-se observar as estratégias, em especial durante os processos eleitorais e a relação com partidos políticos.<sup>3</sup>

Foi por meio destas estratégias que, de acordo com Pierucci, tanto nacionalmente, quanto ao nível internacional, a “nova direita”, assim como a direita tradicional – que por vezes age difusamente e despolitizada – se esforçou “por diagnosticar a crise geral do presente como uma crise primeiramente cultural, uma crise de valores e de maneiras. Crise moral”<sup>4</sup>. Em decorrência disso, o crescimento de discursos que valorizam pautas individualistas em contraste com o coletivismo progressista se fortaleceu, especialmente com a consolidação do neoliberalismo. Ademais, segundo retrata Pierucci, o discurso moralista foi corroborado e até mesmo impulsionado pelo crescimento pentecostal e o “televangelismo”<sup>5</sup> no Brasil.

Conforme apresenta Camila Rocha, membros do PMDB (atualmente MBD), ex-arenistas do PDS e PFL com maior envolvimento em políticas de cunho neoliberais, se uniram no que Pierucci apresentou como “centro”, e puderam inviabilizar projetos da esquerda em prol do mercado<sup>6</sup>. A necessidade de firmar o antiestatismo destes grupos fez com que novas ferramentas de coerção passassem a ser mobilizadas. Diante disso, de acordo com Flávio Casimiro, “essas frações dominantes passaram a investir seus esforços materiais e simbólicos na construção e difusão de uma ideologia neoconservadora neoliberal no Brasil, com o intuito de manutenção de suas posições no campo de poder político-econômico”<sup>7</sup>. O esforço voltado para a construção desta ideologia, ressalta Casimiro, foi estabelecido na criação de *think tanks* pró-mercado, como o Instituto Liberal, fundado em 1983 por Donald Stewart Jr., para educar o empresariado brasileiro e também atingir um público mais amplo<sup>8</sup>.

Flavio Casimiro, ao empregar a contribuição da cientista social Denise Gros, expõe que o aparecimento de instituições liberais no cenário brasileiro faz parte de um panorama internacional:

---

<sup>3</sup>CALDEIRA NETO, Odilon. Neofascismo, “Nova República” e a ascensão das direitas no Brasil. **Conhecer: debate entre o público e o privado**, v. 10, n. 24, p. 120–140, 2020.

<sup>4</sup>PIERUCCI, Antônio Flávio. As bases da nova direita. *Novos estudos*, CEBRAP, v. 19, n. 3, p. 26, 1987. p.45.

<sup>5</sup>Idem, p.44.

<sup>6</sup>ROCHA, Camila. **Menos Marx, mais Mises**: O liberalismo e a nova direita no Brasil. *Todavia*, 2021. p.72

<sup>7</sup>CASIMIRO, Flávio. **A construção simbólica do neoliberalismo no Brasil (1983–1998)**: A ação pedagógica do Instituto Liberal. 2011. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de São João del Rei, São João del-Rei.

<sup>8</sup>ROCHA, Camila. **Menos Marx, mais Mises**: O liberalismo e a nova direita no Brasil. *Todavia*, 2021. p.60

Os Institutos Liberais surgem no cenário nacional como uma organização com forte influência de modelos externos e como estratégia dos setores de capital mais concentrados e vinculados aos capitais financeiros nacional e internacional, com o objetivo de difundir seus valores entre a burguesia e na sociedade em geral. A inspiração externa dos Institutos Liberais é o movimento neoliberal internacional, que se insere na articulação das forças conservadoras no mundo a partir dos anos 70 e 80. A doutrina desse movimento se fundamenta na Escola Austríaca de Economia, que defende um liberalismo ultraconservador, muito distante das formulações do liberalismo clássico. Dada a forte relação entre a burguesia e o Estado ao longo de toda a história do capitalismo brasileiro, assim como a sua adesão tardia à saída pactuada da ordem autoritária, é possível perceber que a ideologia liberal que a burguesia adota é a sua vertente mais conservadora, o que demonstra certa continuidade com as ideologias burguesas históricas do País, nas quais os traços autoritários e conservadores predominaram sobre os progressistas e democratizantes.<sup>9</sup>

O processo de disputas hegemônicas foi intensificado após o período de redemocratização no Brasil. Para Camila Rocha, a emergência de novos intelectuais de direita foi fomentada por aparelhos privados, os *think tanks* pró-mercado. Os organizadores desses *think tanks* foram também responsáveis pela formação do centro político, composto por empresários de setores diversos, incluindo o presidente do Instituto Liberal de São Paulo, Jorge Simera Jacob. Conforme exposto por Paulo Rabello de Castro e apresentado por Camila Rocha, Simera Jacob foi quem desenvolveu a “base do chamado Centrão a partir de 1987, dando uma orientação mais racional para a ‘viagem na maionese’ que o pessoal de esquerda queria fazer com a Constituinte”<sup>10</sup>.

Jorge Chaloub e Fernando Perlatto, em busca de compreender como foi o surgimento e impacto destes intelectuais no panorama brasileiro, apresentam uma divisão conceitual como metodologia de investigação. Tal divisão se refere aos conceitos de “direita teórica” e “direita militante”. A “direita teórica”

Reclamaria seu lugar à direita no debate público a partir de argumentos de ampla duração histórica, de modo que as razões para a recusa à esquerda mobilizariam ideias e noções que ultrapassam em muito o contexto imediato, destacando os equívocos dos setores de esquerda em relação à modernidade e à natureza humana<sup>11</sup>.

Além disso, conforme exposto pelos autores, se esforça em empregar amplo material bibliográfico para legitimar seus argumentos. Movimentam, na maioria das vezes, conteúdo correspondente a sua ideologia, mas também utilizam clássicos da literatura de esquerda para

---

<sup>9</sup> CASIMIRO, Flávio. **A construção simbólica do neoliberalismo no Brasil (1983–1998)**: A ação pedagógica do Instituto Liberal. 2011. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de São João del Rei, São João del-Rei.

<sup>10</sup> ROCHA, Camila. **Menos Marx, mais Mises**: O liberalismo e a nova direita no Brasil. Todavia, 2021. p.70

<sup>11</sup> Idem p.10



criticá-los. Neste grupo, portanto, se encaixam os intelectuais mais próximos ao caminho filosófico, como Olavo de Carvalho e Luiz Felipe Pondé<sup>12</sup>. Já o segundo conceito se refere a

direita militante, que, por sua vez, é composta, sobretudo, por polemistas públicos, com seus intelectuais circunscritos às questões da conjuntura mais imediata e sua argumentação raramente ultrapassando os marcos mais evidentes do debate contemporâneo<sup>13</sup>.

Ainda segundo os autores Chaloub e Perlatto, estes intelectuais buscam, por meio do “polemismo anti esquerdistas”, apresentar erudição ao mencionar diversos autores, mas se baseiam principalmente nas teorias libertárias de Ludwig von Mises e Friedrich Hayek e nos autores da mencionada “direita teórica” para sustentar suas argumentações. Além disso, suas considerações voltadas ao tratamento do presente reduzem o aprofundamento de suas produções. Reinaldo Azevedo, Rodrigo Constantino, Guilherme Fiuza, Marco Antonio Villa, Diogo Mainardi, Denis Lerrer Rosenfield, Leandro Narloch e Evandro Sinotti são alguns dos nomes encaixados neste conceito.<sup>14</sup>

A busca pela formação de novos intelectuais orgânicos defensores da cartilha liberal, de acordo com Camila Rocha, conduziu o esforço destes *think tanks* em angariar um público-alvo, formador de opinião, encaixado nas categorias de: “deputados federais e senadores; governadores de estado e secretários; prefeitos influentes de grandes municípios; deputados estaduais mais representativos; professores universitários; jornalistas; dirigente de entidades empresariais; empresários militantes; líderes sindicais; líderes estudantis; líderes de entidades civis”<sup>15</sup>. Tal esforço possibilitou a emergência de novos nomes alinhados aos objetivos intelectuais desta classe dominante.

Foi neste caminho que despontou, no decorrer dos anos 1980, o filósofo e futuro “guru” da “nova direita”, Olavo de Carvalho, responsável por ministrar cursos e palestras de filosofia em instituições públicas e privadas tais quais o “Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos” e “União Brasileira de Escritores”<sup>16</sup>. A partir de 1989 deu início aos “Seminários de Filosofia”, promovidos duas vezes ao mês nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Foi neste período que passou a se apresentar como figura intelectual e comentarista político e lançou, em 1995, sua primeira obra dedicada a esta temática: *O jardim das aflições: de Epicuro à ressurreição de César-Ensaio sobre o materialismo e a religião civil*, da editora

---

<sup>12</sup> Op.Cit.

<sup>13</sup> Op.Cit.

<sup>14</sup> Idem. p.11.

<sup>15</sup> Idem, p. 79

<sup>16</sup> PATSCHIKI, L. **Os litores da nossa burguesia**: O Mídia sem Máscara em atuação partidária (2002–2011). Dissertação de Mestrado, 2012, p.33–35.

Diadorim. O lançamento deste livro foi o início da trajetória que transformaria Olavo de Carvalho em um grande *best-seller*.

O sucesso editorial de Olavo de Carvalho também fomentou sua carreira jornalística e possibilitou sua participação, de forma mais ativa, em colunas de jornais e revistas como *O Globo* e *Veja*. Ademais, para além dos espaços já conquistados, Carvalho também fez questão de se fazer presente no mundo digital, — que ainda era recente nos anos finais do século XX — e lançou, em 1998, seu blog “Olavo de Carvalho” visando reunir todas suas publicações em um só espaço. É através deste blog que iremos buscar e nos aprofundar em suas publicações relacionadas ao fascismo. Para prosseguirmos a pesquisa, iremos nos deter da metodologia de História Digital.

A História Digital emerge sob a necessidade de compreensão das relações deste espaço “cibercultural”<sup>17</sup> com o mundo real, fora das telas. Definida por Douglas Seefeldt e William G. Thomas como

uma abordagem para examinar e representar o passado que trabalha com as novas tecnologias de comunicação do computador, da rede da Internet e dos sistemas de software. Em um nível, a história digital é uma arena aberta de produção e comunicação acadêmica, abrangendo o desenvolvimento de novos materiais de curso e esforços de coleta de dados acadêmicos. Em outro nível, a história digital é uma abordagem metodológica enquadrada pelo poder hipertextual dessas tecnologias para fazer, definir, consultar e anotar associações no registro humano do passado. Fazer história digital, portanto, é certamente digitalizar o passado, mas é muito mais do que isso. É criar uma estrutura por meio da tecnologia para que as pessoas vivenciem, leiam e acompanhem uma discussão sobre um problema histórico importante.<sup>18</sup>

Como meio de examinar o passado digitalizado de Olavo de Carvalho, nos dispomos ao acesso a plataformas de “tecnologias de memória”, conforme nos apresenta Anita Lucchesi<sup>19</sup>, como a *Internet Archive: wayback machine*, que rompe com a dada percepção de efemeridade da internet ao dispor de imenso acervo construído através da ajuda de colaboradores que procuram salvar artefatos digitais<sup>20</sup>. Esta plataforma nos concede

<sup>17</sup> LUCCHESI, Anita. Por um debate sobre História e Historiografia Digital. **Boletim Historiar**, n. 2, 2014.

<sup>18</sup> Tradução nossa. (...) an approach to examining and representing the past that works with the new communication technologies of the computer, the internet network, and software systems. On one level, digital history is an open arena of scholarly production and communication, encompassing the development of new course materials and scholarly data collection efforts. On another level, digital history is a methodological approach framed by the hypertextual power of these technologies to make, define, query, and annotate associations in the human record of the past. To do digital history, then, is to digitize the past certainly, but it is much more than that. It is to create a framework through the technology for people to experience, read, and follow an argument about a major historical problem. SEEFELDT, Douglas; THOMAS III, William G. **What is digital history? A look at some exemplar projects**. 2009.

<sup>19</sup> LUCCHESI, Anita. História Pública Digital: Dois pitacos sobre outras histórias possíveis na Era Digital. **Boletim do Tempo Presente**, v. 11, n. 03, p. 36–43, 2022.

<sup>20</sup> About the internet archive. Disponível em: <https://archive.org/about/>. Acesso em nov. 2024.

informações acerca de conteúdos que já deixaram de existir, oficialmente, nas redes. Assim, por meio da conservação de arquivos digitais feita mediante a captura de telas e download de mídias, catalogadas por meio de seus hiperlinks de acesso (URL), ou busca por palavras-chave, a *Internet Archive* nos permite ter acesso aos rastros digitais de Olavo de Carvalho, mesmo que estes já não existam mais em seu blog. No entanto, mesmo com a disponibilidade de mais de 835 bilhões de páginas da web armazenadas, não foi possível fazer um levantamento dos textos que já passaram pelo blog e não estão mais disponíveis.

Desta maneira, também nos valem da ferramenta *Tropy*<sup>21</sup> para nos assegurarmos de que temos sempre à disposição os conteúdos essenciais para a construção desta análise. Conforme já mencionado, a seleção das fontes se deu através do conteúdo disponibilizado no site “olavodecarvalho.org”, tendo em vista que tal material nos permite sintetizar os objetivos e métodos de seu autor homônimo. Por meio da barra de buscas no site, procuramos pelo termo “fascismo” e, em seguida, catalogamos os 111 artigos expostos neste filtro.

Ao tratar do conceito “fascismo”, Olavo de Carvalho dispõe, na maioria de seus trabalhos, de manobras que viabilizam sua vinculação ao campo político da esquerda. Para tal, se escorou no “revisionismo histórico” para validar suas afirmações através do uso de trabalhos notórios de pesquisadores dedicados a pesquisar esse tema como Zeev Sternhell, Emilio Gentile, Hannah Arendt e Anthony James Gregor.

O revisionismo histórico não fez sua primeira aparição nos trabalhos de Olavo de Carvalho. Conforme nos expõe Enzo Traverso<sup>22</sup>, este conceito teria surgido ainda no século XIX, através de Eduard Bernstein, que teria proposto mudanças na estrutura da teoria marxista. Este revisionismo tem como referência a proposta de Bernstein que sugeriu uma conciliação gradual entre o sistema democrático e as classes, negando a revolução por meio da luta de classes proposta por Karl Marx e Friedrich Engels.

No entanto, Traverso nos esclarece que não devemos confundir “revisão” historiográfica, — essencial para a construção historiográfica que, através do contato com novas fontes, proporcionam um novo olhar sobre teses já consolidadas — com “revisionismo histórico”, geralmente atrelado a um teor negativo, com intenções políticas em seu discurso. O tipo de revisionismo que se encaixa na segunda definição pode ser visualizado nos trabalhos de François Furet, conforme apresenta o historiador Demian Melo<sup>23</sup>.

---

<sup>21</sup>Tropy é um programa desenvolvido por historiadores e programadores para facilitar a organização de fontes fotográficas. De acesso gratuito, pode ser encontrado em: <https://tropy.org/>.

<sup>22</sup> TRAVERSO, Enzo. **O passado, modos de usar**. Lisboa: Edições Unipop, 2012.

<sup>23</sup> DE MELO, Demian Bezerra. Revisão e revisionismo historiográfico: os embates sobre o passado e as disputas políticas contemporâneas. **Revista Marx e o Marxismo–Revista do NIEP-Marx**, v. 1, n. 1, p. 49–74, 2013.

Demian Melo nos expõe que François Furet promoveu o “revisionismo” direcionado ao conceito de revolução com o intuito de descaracterizar a Revolução Francesa como uma revolução burguesa. Nesta direção, Ernst Nolte, segundo Melo, também desenvolveu suas ideias com motivações semelhantes e “apresentou sua tese de que o Nazismo e mesmo o Holocausto foram cópias do bolchevismo”<sup>24</sup> e por meio dela buscou minimizar a culpa dos alemães perante os crimes cometidos no século XX através do apontamento do comunismo como o principal mal do século.

Olavo de Carvalho traçou caminho semelhante à Furet e Nolte e, conforme supracitado, utilizou o revisionismo histórico para fundamentar sua narrativa referente ao fascismo. Encaixado no que Fernando Perlatto e Jorge Chaloub classificaram como “direita teórica”, Carvalho inspirou demais comunicadores da “nova direita” a seguirem sua trajetória, como foi o caso do jornalista Leandro Narloch e Evandro Sinotti.

Leandro Narloch, jornalista que tem em seu currículo trabalhos nas revistas *Veja* e *Superinteressante*, ganhou notoriedade no mercado editorial através do lançamento de sua obra *Guia politicamente incorreto da história do Brasil* (2009). Nela, conforme exposto na descrição do livro, Narloch visa desconstruir a história do Brasil “politicamente correta” por meio de uma provocação aos historiadores militantes. A obra tornou-se um *best-seller* e proporcionou a publicação de novas obras do autor, sendo estas: *Guia politicamente incorreto da história da América Latina* (2011) — em co-autoria com o também jornalista Duda Teixeira —, *Guia politicamente incorreto da história do mundo* (2013), *Guia politicamente incorreto da economia brasileira* (2015) e *Achados & Perdidos da História: Escravos* (2017).

O sucesso editorial e a popularidade de Leandro Narloch nos motivaram a escolher este personagem da “nova direita” como objeto de estudo deste trabalho. Narloch, que além de escritor, atua também como colunista nos portais da *Folha de São Paulo*, *Veja* e *Jovem Pan*, está inserido em *think tanks* liberais como o Instituto Millenium — o qual é colaborador — e atua como personagem essencial para a propagação de seus discursos liberais. Dentre os temas abordados por Narloch em suas obras, iremos nos dedicar à análise de sua interpretação do fascismo. Desta forma, iremos analisar o capítulo “Fascistas”, inserido no *Guia politicamente incorreto da história do mundo* (2013).

Neste capítulo Narloch utiliza como aporte teórico o jornalista Jonah Goldberg e seu livro *Liberal Fascism* (2008), que foi traduzido para o Brasil, pela editora Record, com o título *Fascismo de Esquerda* (2009), além de menções à Hannah Arendt e seu conceito de

---

<sup>24</sup> Idem, p. 55.

totalitarismo. Apesar de mencionar outros trabalhos referentes ao fascismo para fazer associações do conceito ao campo político da esquerda, Narloch se inspira, quase em sua totalidade, no trabalho de Jonah Goldberg que, por sua vez, tem seu trabalho fundamentado na produção de A. J. Gregor.

Outra figura que, assim como Leandro Narloch, se encaixa na segunda categoria de intelectuais apresentada por Chaloub e Perlatto — a de direita militante — é o escritor Evandro Sinotti. Autor das obras *Não, Sr. Comuna! Guia para desmascarar as falácias esquerdistas* (2015), *Não, Sr. Comuna! Guia para desmascarar as falácias esquerdistas Vol. 2* (2018) e *Não, Sr. Clubista!* (2021), Evandro Sinotti, que já foi candidato a deputado do estado de São Paulo, em 2014, pelo PMDB, conquistou sua popularidade através da atuação em redes sociais, em especial o Facebook.

Construiu, no início dos anos 2010, sua base intelectual através do *Instituto Mises Brasil* e desde então passou a desqualificar a esquerda em seus discursos. Em vista disso, passou a promover discussões virtuais entre “esquerdistas” e “direitistas” em suas redes. Com o objetivo de “revelar as falácias esquerdistas” lançou, em 2015, o *best-seller Não, Sr. Comuna! Guia para desmascarar as falácias esquerdistas*, através da Editora Sinotti. Nessa obra, composta por 23 capítulos, o autor se debruça sobre temas polêmicos como “A educação do Brasil está livre de qualquer viés ideológico” para angariar seu público.

Destes 23 capítulos, escolhemos um deles como objeto de estudo: “Vocês são fascistas” (esquerdistas dizendo isso para defensores do livre-mercado)”, por se referir ao fascismo. Para analisar esta produção, usaremos os direcionamentos de Robert Darnton, que nos lembra do processo de atentar-se às influências dos autores para a criação dos livros, a categoria, o público, o contexto econômico, social, e político. Desta forma, nos indagamos acerca do cenário em que foram produzidos e publicados, os debates e as circunstâncias políticas da época, gerando determinadas respostas e novas discussões, reações às quais se inscrevem estes livros.<sup>25</sup>

Além disso, também utilizamos o método proporcionado por Roger Chartier, que consiste em compreender que “a própria materialidade do livro é fundamental para como o texto é entendido e recebido, já que a passagem de uma materialidade a outra transforma o texto e gera um novo público”<sup>26</sup>. Posto isto, vamos analisar tanto as condições de publicação dos livros físicos, como nos atentar para as formas em que são disponibilizados na internet.

---

<sup>25</sup> DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. Editora Companhia das Letras, 2010.

<sup>26</sup> CHARTIER, Roger et al. *A história cultural*. Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, v. 1, p. 12, 1990.

Desta maneira, visamos reconhecer como estes três autores construíram o revisionismo histórico do fascismo. Com este intuito, seguimos caminho oposto ao sugerido por Enzo Traverso que nos recomenda designar o conceito de revisionismo somente à sua gênese, no contexto alemão. Reconhecemos como essencial ao ofício do historiador esclarecer os motivos pelo qual os autores buscam apresentar sua narrativa do passado mediante uma reformulação que não lhe cabe. Para tal, nos valem do tratamento do termo feito pelo historiador Marcos Napolitano que, assim como também exposto por Demian Melo, elenca a motivação baseada em utilidades políticas. Assim, o revisionismo histórico é um processo

de matriz ideológica que parte unicamente de demandas ideológicas e valorativas e colige fontes e autores para confirmar uma visão pré-construída acerca de um tema histórico, quase sempre polêmico. Esse revisionismo é refém de objetivos meramente ideológicos, da falta de método e da ética da pesquisa historiográfica.<sup>27</sup>

O revisionismo histórico é, por vezes, atrelado ao negacionismo histórico. No entanto, apesar de diversas incongruências nos trabalhos de Olavo de Carvalho, Leandro Narloch e Evandro Sinotti, não encontramos, em suas produções, negações de que o fascismo e movimentos que o compõem, existiam e atuavam de forma truculenta.<sup>28</sup> Marcos Napolitano nos evidencia que para a aplicação deste recurso,

[...] o negacionista rejeita o conhecimento histórico estabelecido em bases científicas e metodológicas reconhecidas, em nome de uma suposta “verdade ocultada” pelas instituições, científicas e escolares por causa de supostos “interesses políticos ligados ao sistema”.<sup>29</sup>

Por conseguinte, identificamos que o fascismo é abordado por estes autores via mobilização dos conceitos de “esquerda” e “direita”, visando direcionar à esquerda todos os malefícios relativos às movimentações políticas do século XX. De tal forma, com o propósito de compreender como foram manipulados, buscamos uma definição destes conceitos que, de acordo com Norberto Bobbio, podem ser compreendidos através do critério da liberdade expostos em um quadro que

---

<sup>27</sup> NAPOLITANO, Marcos. **Negacionismo e revisionismo histórico no século XXI**. Novos combates pela História: desafios, ensino, 2021. p. 99.

<sup>28</sup> Odilon Caldeira Neto nos esclarece como ocorre a transformação das memórias coletivas para a construção de uma falsificação da história. Tal trabalho pode ser visto em: CALDEIRA NETO, Odilon. Memória e justiça: o negacionismo e a falsificação da história. *Antíteses, [S. l.]*, v. 2, n. 4, p. 1097–1123, 2009. DOI: 10.5433/1984-3356.2009v2n4p1097. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/2507>. Acesso em: 19 abr. 2025.

<sup>29</sup> NAPOLITANO, Marcos. **Negacionismo e revisionismo histórico no século XXI**. Novos combates pela História: desafios, ensino, 2021. p. 98.

- a) na extrema-esquerda estão os movimentos simultaneamente igualitários e autoritários, dos quais o jacobinismo é o exemplo histórico mais importante, a ponto de se ter tornado uma abstrata categoria aplicável, e efetivamente aplicada, a períodos e situações históricas diversas;
- b) no centro-esquerda, doutrinas e movimentos simultaneamente igualitários e libertários, para os quais podemos empregar hoje a expressão "socialismo liberal", nela compreendendo todos os partidos social-democratas, em que pesem suas diferentes práxis políticas;
- c) no centro-direita, doutrinas e movimentos simultaneamente libertários e inigualitários, entre os quais se inserem os partidos conservadores, que se distinguem das direitas reacionárias por sua fidelidade ao método democrático, mas que, com respeito ao ideal da igualdade, se prendem à igualdade diante da lei, que implica unicamente o dever por parte do juiz de aplicar imparcialmente as leis, e à liberdade idêntica, que caracteriza aquilo que chamei de igualitarismo mínimo;
- d) na extrema-direita, doutrinas e movimentos antiliberais e antiigualitários, dos quais creio ser supérfluo indicar históricos bem conhecidos como o fascismo e nazismo.<sup>30</sup>

Assim, após o reconhecimento de que o fascismo não pode ser atrelado ao campo político da esquerda, pretendemos analisar, consoante ao título desta dissertação, como foi engendrado e aplicado os usos políticos do fascismo pela “nova direita” brasileira. Para tal, dividimos a pesquisa em três capítulos.

No primeiro capítulo (“As interpretações do fascismo”), temos como ponto central a exposição das interpretações do fascismo conduzidas por autores apropriados pelos intelectuais da “nova direita” brasileira. O primeiro tópico é dedicado a um breve apanhado histórico de como se deu a construção do conceito “fascismo”. Em seguida, nos demais tópicos, fazemos a apresentação do fascismo através da leitura de especialistas do tema, que foram referenciados nas produções que temos como objeto de pesquisa. Desta forma, buscamos expor o cerne da interpretação sobre o fascismo feita por Hannah Arendt, Zeev Sternhell, A.J. Gregor e Emílio Gentile para que, adiante, seja possível assimilar como foram abordados por Olavo de Carvalho, Leandro Narloch e Evandro Sinotti.

No segundo capítulo (“Olavo de Carvalho e os usos políticos do fascismo”), analisamos como se deu a construção política e intelectual de Olavo de Carvalho, figura central para a consolidação da “nova direita” no Brasil. Adiante, nos debruçamos em seu blog “olavodecarvalho.org” para a catalogação e análise de seus textos que fazem referência ao fascismo. Por meio destes textos, reconhecemos que Olavo de Carvalho busca erudição ao

---

<sup>30</sup>BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda razões e significados de uma distinção política**. Unesp, 2003. p.119.

referenciar pesquisadores que dedicaram seus trabalhos a esta temática, como A. J. Gregor — a quem tem como maior referência —, Hannah Arendt, Emilio Gentile e Zeev Sternhell. Assim, maquia o tratamento revisionista que dá ao conceito. Por fim, é evidenciado como o filósofo alçou o posto de “guru” da “nova direita” brasileira.

Apresentado o “guru” desta nova organização política, temos, no terceiro capítulo (“O ‘fascismo de esquerda’ na ‘nova direita’ brasileira”) a exposição de como seus discípulos conquistaram a titularidade de intelectuais e como conseguiram conquistar o mercado editorial brasileiro através da publicação de *instant books*, caracterizados pela abordagem do presente — sobretudo em suas polêmicas — em suas narrativas. Em seguida, nos dedicamos à investigação de um capítulo — “Fascistas” — referente ao *Guia politicamente incorreto da história do mundo (2013)*, de Leandro Narloch, para esclarecer como foi idealizada sua argumentação, baseada em nomes como Hannah Arendt e Jonah Goldberg, de que o fascismo e nazismo possuem mais traços relacionados à esquerda do que a direita. Por último, fazemos a investigação de como Evandro Sinotti, através de metodologia semelhante, aborda o fascismo em seu capítulo “Vocês são fascistas” (esquerdistas dizendo isso para defensores do livre-mercado)”, pertencentes ao *Não, Sr. Comuna: Guia para desmascarar as falácias esquerdistas (2015)*.

Em suma, este trabalho questiona se esta tática dos intelectuais da “nova direita” brasileira, fundamentada na associação do fascismo à esquerda, pôde fomentar um ideário anticomunista e antiprogressista no cenário político brasileiro nos anos 2010, que atingiu seu ápice com a vitória de Jair Messias Bolsonaro como presidente da República em 2018.



## 2. As interpretações do Fascismo

Neste primeiro capítulo visamos apresentar as interpretações do fascismo conduzidas por autores apropriados por expoentes da nova direita brasileira. Como será observado posteriormente, há um esforço concreto na seletividade bibliográfica no campo editorial da nova direita, de modo que é crucial compreender, ainda que sinteticamente, quais são seus argumentos basilares. Nesse sentido, serão examinadas as contribuições do historiador e cientista político Zeev Sternhell, com foco nas obras *Ni droite, ni gauche. L'idéologie fasciste en France* e *Naissance de l'idéologie fasciste*; do cientista político Anthony James Gregor, autor de *Marxism, fascism, and totalitarianism: chapters in the intellectual history of radicalism*; do historiador italiano Emilio Gentile, conhecido por obras como *Fascismo. Storia e interpretazione*, *A linguagem fascista* e *Il mito dello Stato nuovo. Dal radicalismo nazionale al fascismo*; e da filósofa alemã Hannah Arendt, cuja contribuição se destaca especialmente no conceito de “totalitarismo” em *The Origins of Totalitarianism*. Assim, após um debate que visa integrar o estudo do fascismo na historiografia ao longo das décadas, iremos na abordagem desse tema feita por Hannah Arendt, Zeev Sternhell, A.J. Gregor e Emilio Gentile.

Destacamos que neste primeiro momento de introdução aos autores que dedicaram suas pesquisas à temática do fascismo, buscamos expor o cerne de suas linhas interpretativas para compreendermos se o uso que os autores da nova direita fazem de seus trabalhos é condizente ou dotado de revisionismo. A escolha de tais nomes deu-se através do uso de suas produções pelos intelectuais brasileiros Olavo de Carvalho, Leandro Narloch e Evandro Sinotti, versados nesta pesquisa como objeto de estudo, ao buscarem uma abordagem anticomunista e revisionista do fascismo.

### 2.1 — As emergências do Fascismo

O fascismo é analisado por correntes historiográficas diversas e passa por questionamentos acerca de sua definição até os dias atuais. A multiplicidade de tentativas de definições deste termo ocorre devido ao fato das contribuições historiográficas serem, em certa medida, feitas mediante uma leitura do passado motivada por paixões do presente. Como exemplificado por Enzo Traverso<sup>31</sup>, este uso do passado pode se valer de revisionismos a fim

---

<sup>31</sup> TRAVERSO, Enzo. *O passado, modos de usar*. Lisboa: Edições Unipop, 2012.

de amenizar os tormentos causados por eventos históricos específicos, como é o caso do nacional-socialismo alemão. Neste sentido, a fim de introduzir os trabalhos acerca desta temática, iremos nos valer do apanhado interpretativo realizado por Enzo Traverso em *As Novas Faces do Fascismo* (2023).

Os estudos sobre o fascismo foram renovados graças aos trabalhos de George Mosse, Emilio Gentile e Zeev Sternhell que, de acordo com Traverso, apresentavam novas visões de análise do tema. George Mosse, nascido na Alemanha e refugiado nos Estados Unidos, foi responsável por dar luz aos estudos ligados à vanguarda estética do fascismo e nazismo. Zeev Sternhell, faz parte de uma tradição clássica das ideias políticas. Emilio Gentile, que teve como seu mentor Renzo de Felice, se distanciou dos assuntos direcionados à política e optou por estudar o campo cultural do fascismo, concretizando maior proximidade ao trabalho de Mosse.

Renzo De Felice, conforme exposto por Enzo Traverso, serviu de elo entre os três pesquisadores ao reconhecer as “origens do fascismo na tradição jacobinista francesa”<sup>32</sup>. Traverso esclarece que Jacob Talmon e François Furet, historiadores que não são especialistas na temática em questão, também compartilham desta visão. No entanto, ao contrário de Renzo de Felice, George Mosse, Zeev Sternhell e Emilio Gentile, que evidenciam a impossibilidade de encaixar ambos os modelos em uma classificação pariforme, os autores utilizam a ideia de gênese revolucionária francesa do fascismo para defender que fascismo e comunismo são gêmeos totalitários.

Enzo Traverso afirma que a emergência do fascismo se deu na Itália em decorrência dos movimentos da Primeira Guerra Mundial. No entanto, reconhece na obra de Sternhell que esboços da ideologia fascista estavam sendo desenvolvidos na França por meio de teorias que se opunham ao iluminismo e seus desdobramentos. Apesar da França não ter atingido o estágio de “Estado fascista”, (conforme explana Sternhell) Traverso nos elucida que as bases de uma crise democrática no final do século XIX, somadas ao Darwinismo Social, fertilizaram o terreno de “rejeição da visão de homem e sociedade elaborada desde Hobbes até Kant, da Revolução Inglesa do século XVII às revoluções americana e francesa”.

Neste sentido, Enzo Traverso elucida que Zeev Sternhell apresenta que intelectuais que se opunham à razão em uma busca da salvação da sociedade corrompida pelo mundo moderno e o individualismo que o acompanhava, como Georges Sorel, Maurice Barrés e Gustave Le Bon, engajaram os debates protofascistas que tinham em sua base o Darwinismo

---

<sup>32</sup>Idem. p.135

Social, provedor da ideia de que a nação necessitava de um líder capaz de guiá-la para sua reconstrução através das massas.

Assim, em complemento à Traverso, o historiador Kevin Passmore expôs que a França sobressaiu como o país com maiores tendências protofascistas. Apesar do surgimento de movimentos progressistas, houve também aqueles que buscavam a supremacia do conservadorismo, formados pela direita radical que se opunha aos socialistas, minorias étnicas, feministas e liberais<sup>33</sup>. Embora fosse a representante dos ideais democráticos do iluminismo, a França não teria sido o único país a enfrentar essas questões opositoras. A Áustria, Hungria e Inglaterra também compartilhavam o progresso de uma direita radical, mas nem todas tinham em sua estrutura o ultranacionalismo que possibilitou o avanço do fascismo, como foi o caso da Itália e Alemanha.

Na Itália, segundo Enzo Traverso, o período de virada de século ficou marcado por atritos causados pela disputa de poder após a unificação do país. Em seguida, a guerra total, responsável pela vulgarização da violência e destruição, traumatizou a sociedade e fomentou o processo de “nacionalização das massas” por meio de um processo que, de acordo com Mosse, é caracterizado pela construção de uma religião civil. Movimentos nacionalistas, como a Associação Nacionalista Italiana, emergiram fundamentados na defesa da formação de um Estado autoritário representante da virilidade masculina.

Conforme exposto por Mosse, Sternhell e Gentile, havia uma coerência no projeto fascista na qual valores conservadores foram reformados em uma versão moderna. Em um consenso sobre o fato do fascismo ser, simultaneamente, uma visão de mundo, uma revolução, uma ideologia e uma cultura, os autores enaltecem que houve o desejo de construção de uma nova sociedade pautada num nacionalismo que rejeita o marxismo por meio do controle coletivo nas esferas pública e privada dos indivíduos<sup>34</sup>.

Para garantir seu sucesso nas ruas e no parlamento, fascistas e nazistas precisavam do apoio dos conservadores. Se aliaram a estes grupos sob o fato de serem uma ferramenta capaz de disputar com grupos de esquerda sem a necessidade de eliminar o privilégio da propriedade privada. Essa aliança de sucesso com o conservadorismo fez com que muitos Estados tivessem como inspiração algumas características do fascismo, no entanto, isso não garantiu que se tornassem, de fato, fascistas.

Nenhum partido fascista chegou ao poder além dos pertencentes à Itália e Alemanha, mas isso não impediu que organizações da direita radical tivessem relevância em outros

---

<sup>33</sup>PASSMORE, Kevin. *Fascism: A very short introduction*. OUP Oxford, 2014. p. 41

<sup>34</sup>TRAVERSO, Enzo. *As novas faces do fascismo*. Editora Âyiné, 2021. p.135-136

países. A França teve o Parti Social Français (PSF); Espanha, o Falange; Áustria, o Heimwehr; Romênia, a Legião do Arcanjo Miguel (Guarda de Ferro); Estados Unidos da América, a organização American German Bund; o México, os camisas douradas; por fim, o Brasil, com o Integralismo de Plínio Salgado. Com motivações diversas, todos representaram a força que as ideias fascistas tiveram para além da Europa.

Assim, Federico Finchelstein, que buscou compreender as manifestações fascistas ao redor do mundo, apresenta que ao abordar o fascismo em uma perspectiva global, ele passa a ser menos centrado na Europa. Neste ponto, segundo o autor, Rebekka Habermas aponta que a história transnacional do fascismo é relacionada a fatores “transferíveis e intransferíveis”, por carecerem de contextos específicos em cada nação. Pelo fato de ser, ao mesmo tempo, uma ideologia mundial e uma forma extrema de nacionalismo, a relação do fascismo com a nação assumiu um caráter ambivalente<sup>35</sup>.

Houve variações do fascismo em diversos locais do globo, desde a América Latina à Ásia e, em vários destes lugares, o movimento adotou características alheias às da Europa. O pesquisador argentino descreve algumas das características destes países. Na Argentina, foi adotada uma política clérigo-fascista radical; no Japão, houve a busca de restauração moderna de uma forma imperial de poder; na Colômbia, o fascismo representava um modelo ditatorial de salvação da nação e, assim como no México, buscavam manter a soberania de um ideal de mestiçagem entre hispânicos e indígenas, sem influência judia ou do norte global. No Peru, almejavam se proteger contra a influência asiática. Já no Brasil, o movimento integralista, liderado por Plínio Salgado, teve sua proposta de fascismo caracterizada por um ideal de sociedade totalitária multirracial e multirreligiosa. O fascismo indiano, mesmo que sempre associado ao movimento de extrema-direita hindu “Sangh Parivar”, não se limitou somente a este movimento e apresentou individualidades<sup>36</sup>.

Enquanto alguns países, em especial os da América Latina, intentavam suprimir a influência do fascismo europeu para adotar suas formas de poder voltadas ao autoritarismo ou imperialismo, outros, como nos casos da Hungria, Espanha, França, Croácia, Romênia e Noruega, só prosperaram em seus movimentos antiliberais graças ao suporte dos alemães e franceses. A ocorrência do fascismo para além da Itália e Alemanha veio através da necessidade de formas de atuação política alternativas em um contexto de crises políticas e econômicas mundiais, que não se limitavam somente à Europa. Desta maneira, para Finchelstein, antes de seu declínio, a grande empreitada do fascismo em redefinir o conceito

---

<sup>35</sup> FINCHELSTEIN, Federico. **Do fascismo ao populismo na história**. Leya, 2019, p. 71

<sup>36</sup> Idem, p. 75-76

de Estado através da violência e racismo foi lida como uma solução plausível aos problemas enfrentados por países capitalistas ao redor do mundo, durante os anos iniciais do século XX.

Finchelstein acrescenta que o fascismo e o nazismo não são a mesma coisa. O nazismo e seus crimes foram reconhecidos como uma variante radical do fascismo. Assim, nesta variante, os campos de concentração e extermínio, como Auschwitz, serviram como um laboratório para o potencial da violência fascista. Hannah Arendt, conforme aponta o autor, também afirma que as experiências do Holocausto derivaram de ideais imperialistas. Lugares como o Leste Europeu, outrora dominados pelo Império Alemão, e países africanos dominados pela Itália, serviram como protótipos para o horror e violência que resultaria no genocídio de judeus ao redor do mundo. O apoio prático e ideológico de grupos em países como Argentina, França, Holanda e Ucrânia contra o povo judeu foi o que possibilitou a magnitude destes crimes arquitetados por Hitler.

A ideologia do fascismo tem em sua base a violência, mas uma violência sacra, na qual o sacrifício do indivíduo passou a ser o limite. Finchelstein afirma não haver fascismo sem violência política, pois a força bruta representava poder e, além de tudo, era uma forma de acabar com outras ideias concomitantes. Não havia, portanto, espaço para inimigos de qualquer tipo que fossem e quem ousasse se opor seria transformado em vítima do regime. Os líderes fascistas eram considerados mitos vivos, capazes de reestruturar a nação e a salvar da decadência. Se associavam a um passado mítico e heroico que lhes dava um poder que transcendia direto à liderança do povo ou nação. Sendo assim, conforme exposto por Finchelstein, em suas diversas manifestações, o fascismo atuou como uma “religião política” que apresentava a violência como sua ética residida no Estado. Ademais, Finchelstein evidencia que a violência servia como um possível contra-ataque imperialista. O fascismo teria condutas imperialistas, reforçadas pelo povo como uma forma de “fascismo proletário”, para evitar ser colonizado por outras nações, evidenciando novamente a necessidade de mostrar sua força para estar no poder. Para os fascistas, o imperialismo estava no centro de sua matriz e oferecia-lhes a sensação de transpor a teoria para a prática, através da guerra e da violência, em nome do povo<sup>37</sup>.

Este imperialismo que fazia parte do espírito fascista também era partilhado pelo império genocida nazista de Hitler, mesmo que os movimentos se diferenciem em múltiplos aspectos. Apesar do fascismo italiano ter sido o primeiro movimento com motivações semelhantes a ter sucesso, não foi o modelo para os demais. O fascismo ao redor do mundo

---

<sup>37</sup> Idem p.90.

era compartilhado mediante um ideal comum, baseado na supremacia da nação e este não foi exclusivo da Itália de Mussolini.

Ademais, ressaltamos que, conforme elucida Traverso, um dos pilares da caracterização do fascismo é sua marca de contrarrevolução aos desdobramentos da Revolução Russa de 1917, ou seja, sua agitação anticomunista realizada sob a violência dos camisas negras.<sup>38</sup> Apesar do conceito “revolucionário” destinado ao movimento, o fascismo chegou ao poder por meio de vias legais, apoiado pelas elites tradicionais que também viam os comunistas como adversários, e não transformou as estruturas econômicas e sociais vigentes. Entretanto, mesmo que sua vitória tenha sido alcançada por meios legais, o movimento se solidificou graças a seu caráter violento. Ao ofuscar este aspecto essencial do movimento abre-se espaço para erguer-se visões despolitizadas da teoria do fascismo que, de acordo com Traverso, se transformam num “anti-antifascismo”, moldado por um revisionismo histórico.

## 2.2 — O Totalitarismo de Hannah Arendt

Hannah Arendt (1906–1975), nascida na cidade de Linden, foi uma filósofa política alemã. Seus estudos sobre o totalitarismo seguem ecoando até o presente em diversas produções referentes às movimentações políticas do século XX. Dentre os trabalhos que abordam seu conceito de totalitarismo, temos os de Olavo de Carvalho e Leandro Narloch, que são utilizados por nós como objeto de investigação. Desta maneira, visamos expor a interpretação da filósofa sobre a temática em questão para que em seguida seja possível compreender como este conceito foi apropriado pelos autores utilizados em nossa pesquisa.

Em 1924, Arendt chegou à Universidade de Marburg durante uma revolução mobilizada pelo jovem filósofo Martin Heidegger, que continuava o movimento intelectual inaugurado por Edmund Husserl na Universidade de Freiburg. Apesar de Heidegger ter tido grande influência em seus estudos e pensamento, sua tese de doutoramento, intitulada *O conceito de amor em Santo Agostinho*, foi finalizada em 1929, na Universidade de Heidelberg, sob a orientação de Karl Jaspers, com quem teve um relacionamento profundo de afinidade intelectual, amizade e companheirismo durante toda a vida<sup>39</sup>.

Após se refugiar nos Estados Unidos, deu início a publicação de suas obras: *Origens do Totalitarismo* (1951); *A Condição Humana* (1958); *Entre o Passado e o Futuro* (1961);

---

<sup>38</sup> Grupo paramilitar fascista.

<sup>39</sup> BRITO, Renata Romolo. Hannah Arendt. **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia**, V. 6 N. 11, 2020, p. 14

*Sobre a Revolução (1963); Eichmann em Jerusalém (1963); Homens em Tempos Sombrios (1968); Crises da República (1972);* dentre outros diversos artigos até o final de sua vida, em 1975.

Hannah Arendt ganhou notoriedade no meio intelectual através de seus estudos sobre o totalitarismo, conceito o qual, conforme declara Rodrigo de Almeida, é caracterizado pela filósofa como um “sistema baseado no terror e na ideologia”<sup>40</sup>. Considerado um tipo de organização diferente de outras formas governamentais opressivas como ditaduras e autocracias, o totalitarismo teria surgido somente no século XX, como uma novidade radical. Para Hannah Arendt, esse novo tipo de regime foi originado através do nazismo alemão, liderado por Adolf Hitler, e o comunismo soviético, especialmente durante o governo de Josef Stálin (stalinismo).

Para a filósofa, o nazismo e o stalinismo são tidos como expoentes do totalitarismo pelo fato de terem sido reconhecidos como os primeiros praticantes de crimes contra a humanidade com motivações baseadas na repulsa por aqueles que não se encaixam em suas normas. Nesta lógica, seus oponentes seriam, portanto, incapazes de se assimilar aos regimes já estabelecidos e a solução seria eliminá-los. Ademais, também criaram novas instituições políticas com o ímpeto de excluir todas as leis, tradições sociais e políticas que estavam em vigor até o momento.

Ao excluírem as leis do Estado, segundo Arendt, geraram novas normas baseadas em uma força maior, personificada no líder, passíveis de alterações a qualquer momento para manter sua soberania. Conquistaram a massa via um resgate de sua apatia, lhes oferecendo meios de serem agentes da construção de uma nova sociedade, seja ela baseada em prerrogativas de raça ou de classe. Esta nova sociedade seria a força condutora deste sistema, ditadora das leis baseadas na natureza ou na história, das formas de agir e de pensar.

Desta maneira, tal força seria exposta e traduzida através do terror que, de acordo com Hannah Arendt, é a essência do governo totalitário. A implementação da dominação social por meio do terror buscava vetar qualquer possibilidade de ameaça capaz de atingir o regime, ou seja, vetava qualquer chance de manifestação humana que não fossem as que lhe eram determinadas por meio do líder em um processo de centralização e concentração do

---

<sup>40</sup> DE ALMEIDA, Rodrigo Moreira. Hannah Arendt e a natureza do totalitarismo. **Revista Diaphonía**, v. 9, n. 1, 2023, p. 73–85.

poder em suas mãos. Mediante tal centralização, estaria o controle de todas as esferas da vida humana, tanto a pública, quanto privada<sup>41</sup>.

O totalitarismo seria para Arendt, portanto, uma forma de governo, personificado em um líder que tem como base o controle total do Estado e seus membros. Neste tipo de regime a massa é tratada como um rebanho movido pelo medo que entra pelas portas de suas casas, sem pedir licença e destrói a distinção entre vida pública e privada, transformando todos em um aglomerado homogêneo. No entanto, a filósofa nos esclarece que por já terem seus alvos definidos — no caso do nazismo, os judeus e do stalinismo, a classe burguesa — o medo nem sempre funciona como ferramenta coercitiva, pois não há como os indivíduos temerem algo que não depende de uma ação, mas sim de algo que lhes é intrínseco. Sendo assim, conforme expõe o historiador Rodrigo de Almeida, o princípio de ação do totalitarismo é a construção de sua ideologia<sup>42</sup>.

De acordo com Arendt, a penetração desta doutrina ideológica seria feita mediante a propaganda. Esta divulgação ocorreu em ambientes diversos com intenção de doutrinar as massas para se tornarem colaboradores fieis de seus objetivos. Desta maneira, utilizaram as rádios, as ruas, os ambientes de trabalho e as salas de aula como espaços de disseminação de suas ideias fundamentadas no pânico e coerção. Atingiam as massas ao atizar suas fraquezas, cutucando as feridas do orgulho para lhes oferecer uma oportunidade de alterar tal cenário. A violência e terror, segundo Ricardo Silva e Naipe Galvê, foram utilizadas como instrumento para legitimar o que foi prometido nas propagandas<sup>43</sup>.

Como meio de garantir a manutenção de sua doutrina, ainda utilizaram o recurso da propaganda mesmo após sua chegada ao poder. A desilusão e crises causadas pela Primeira Guerra possibilitaram a fertilização do terreno para o florescer dos regimes totalitários de Hitler e Stálin, pois, conforme explica Arendt, lhes davam a sensação de poder de ação através da construção de uma sociedade sem classes ou uma sociedade na qual somente membros de uma raça privilegiada — como a *Volksgemeinschaft* — poderiam se inserir<sup>44</sup>.

---

<sup>41</sup> Hannah Arendt define que este tipo de controle por meio da eliminação de seus inimigos pôde se concretizar apenas após a tomada de poder dos movimentos. ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. Editora Companhia das Letras, 2013, p. 398.

<sup>42</sup>DE ALMEIDA, Rodrigo Moreira. Hannah Arendt e a natureza do totalitarismo. **Revista Diaphonía**, v. 9, n. 1, p. 73-85, 2023. p. 81.

<sup>43</sup>DE ARAÚJO SILVA, Ricardo George; SILVA, Napiê Galvê Araújo. O totalitarismo e seus recursos sob a perspectiva de Hannah Arendt. **Kalagatos: Revista de Filosofia**, v. 7, n. 13, p. 135–157, 2010.

<sup>44</sup>A ideia de “*Volksgemeinschaft*” gradualmente foi sendo abandonada pelo regime nazista após sua tomada de poder, pois atuava somente como uma forma de combater a propaganda soviética da construção e manutenção de uma sociedade sem classes. Em seguida, a ideia de superioridade ariana ganhou mais forças. ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. Editora Companhia das Letras, 2013. p.446.



Por esta razão, para a filósofa, a escolha “dos elementos que mais se prestam como fundamentos para a criação de um mundo inteiramente fictício<sup>45</sup>” foi o que diferenciou Hitler e Stalin dos demais líderes ao redor do mundo, pois souberam atingir os anseios coletivos.

Conforme já exposto, a violência e terror foram essenciais para a dominação totalitária. Neste sentido, Hannah Arendt afirmou que os “campos de concentração e de extermínio dos regimes totalitários servem como laboratórios onde se demonstra a crença fundamental do totalitarismo de que tudo é possível. Comparadas a esta, todas as outras experiências têm importância secundária”<sup>46</sup>. Desta forma, o professor e pesquisador Adriano Correia acrescenta que o antissemitismo e a criação e manutenção dos campos de concentração e extermínio destinados aos “inimigos do Estado”, atuaram como uma das ferramentas centrais para o controle do Estado nazista<sup>47</sup>. Para Hannah Arendt, o antissemitismo presente no nazismo é uma ideologia leiga do século XIX e não se restringe ao antissemitismo de ódio religioso. Para a filósofa, foi

Só nos séculos XIX e XX, depois da emancipação e em consequência da assimilação dos judeus, o antissemitismo veio a ter alguma importância para a preservação do povo judeu, pois só então os judeus passaram a aspirar a serem aceitos pela sociedade não judaica<sup>48</sup>.

Na consolidação de sistemas democráticos, com o ideal de igualdade para todos, os judeus passaram a se inserir na sociedade. Entretanto, a partir dos anos finais do século XIX e início do XX, conforme expõe Arendt, o antissemitismo ganhou maior expressividade a medida que os Estados-nações se enfraqueciam.<sup>49</sup> Assim, em um contexto em que grupos impotentes passaram a ser perseguidos,

o antissemitismo alcançou o seu clímax quando os judeus haviam, de modo análogo, perdido as funções públicas e a influência, e quando nada lhes restava senão sua riqueza. Quando Hitler subiu ao poder, os bancos alemães, onde por mais de cem anos os judeus ocupavam posições chave, já estavam quase judenrein — desjudaizados —, e os judeus na Alemanha, após longo e contínuo crescimento em posição social e em número, declinavam tão rapidamente que os estatísticos prediziam o seu desaparecimento em poucas décadas.<sup>50</sup>

---

<sup>45</sup> Idem, p. 447.

<sup>46</sup> Idem, p. 480.

<sup>47</sup> CORREIA, Adriano. Antissemitismo e totalitarismo em Hannah Arendt. **Quadranti-Rivista Internazionale di Filosofia Contemporanea**, 2018, p. 135–145.

<sup>48</sup> ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. Editora Companhia das Letras, 2013. p.15

<sup>49</sup> Idem, p. 20.

<sup>50</sup> Idem, p. 21.

No entanto, apesar de terem capital, Arendt afirma que os judeus foram politicamente ingênuos e se deixaram levar pelas promessas do Estado ao invés de lutar pela manutenção da democracia e contra o fato de terem sido convertidos ao papel de vilões da história. Para a autora, era preciso, portanto, também reconhecer a atuação dos próprios judeus em relação ao antissemitismo, pois por muito tempo ignoraram ou não perceberam que ele já existia antes mesmo de sua radicalização na Alemanha de Hitler<sup>51</sup>.

Durante o nazismo, muitos judeus, mesmo que estivessem inseridos na posição de vítimas, demoraram a descobrir o que ocorria nos campos de concentração, mas isso não se devia ao seu desinteresse, e sim à propaganda e censura do governo que escondia as atrocidades que cometiam. Além disso, não havia velocidade nas comunicações como atualmente. A censura, somada à propaganda de conspiração mundial judaica, para a autora, torna visível que os campos de concentração e execução atuavam como a verdadeira instituição governamental totalitária<sup>52</sup> e tinham como objetivo minar a pluralidade humana.

Para além da execução das vítimas, os campos de concentração e execução tinham como objetivo aniquilar a personalidade moral por meio da morte da memória daqueles que lá estavam. Destruiriam a dignidade humana ao exterminar suas diferenças através da tortura, física e mental, arquitetando para transformá-los em um único indivíduo. Desta maneira, segundo Arendt, nas massas modernas não haveria um interesse capaz de uni-los, mas sim um sistema que os comprime em uma massa que serve como material para os movimentos totalitários<sup>53</sup>.

Foram efetuadas, com o avanço da historiografia, algumas críticas direcionadas à análise de Hannah Arendt sobre os movimentos políticos do século XX. Para Emilio Gentile, a principal delas seria a negação ou omissão do fascismo italiano como movimento totalitário<sup>54</sup>. Para o historiador italiano, a única novidade da autora seria associar o terror como a “essência totalitária”, a qual teria como necessidade a existência de espaços de tortura, como os campos de concentração e extermínio, que não foram empregados no fascismo italiano.

Arendt pouco fala sobre o fascismo, mesmo tendo o período de sua ocorrência como recorte de sua análise. Apesar disso, segundo Emilio Gentile, seu trabalho sobre o totalitarismo é um dos mais reconhecidos e utilizados no meio acadêmico. A filósofa

---

<sup>51</sup> Idem. p. 137

<sup>52</sup> ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. Editora Companhia das Letras, 2013. p.491

<sup>53</sup> Idem, p. 480.

<sup>54</sup> GENTILE, Emilio. Le silence de Hannah Arendt: l'interprétation du fascisme dans les origines du totalitarisme. **Revue d'histoire moderne et contemporaine**, n. 3, 2008, p. 11-34.

promoveu uma virada na interpretação do fascismo que, até o surgimento de seu trabalho, era reconhecido por historiadores de diversas correntes — como Luigi Sturzo; Hans Kohn; Michael Florinsky; Raymond Aron; Waldemar Gurian; Alfred Cobban; Carlton Hayes; Emil Lederer; Franz Borkenau e Sigmund Neumann — como um regime totalitário.<sup>55</sup>

O fascismo italiano, segundo a interpretação de Emilio Gentile sobre Hannah Arendt, se expressa como uma ditadura nacionalista com o objetivo de se colocar como um aparelho do Estado por meio de um “partido acima dos partidos”, e não sua substituição ou destruição. Gentile inclui que o movimento teria sido constituído ao redor de uma figura única, a de Mussolini — que, embora citado por Arendt como simpático à expressão “Estado totalitário”<sup>56</sup> para a definição de seu regime, teria se contentado com uma ditadura de partido único — voltada para a construção de uma nação incorporada no Estado<sup>57</sup>. Em vista disso, na visão da filósofa, o fascismo não deveria ser considerado um movimento, e sim somente a manifestação de um partido político que não utilizava a mesma truculência repressiva dos verdadeiros Estados totalitários e não queria estar acima da nação.

Domenico Losurdo complementa a crítica ao definir que a caracterização do totalitarismo de Hannah Arendt sofreu alterações durante a Guerra Fria, influenciada pelos Estados Unidos. Além disso, também expõe que sem uma abordagem de sua construção histórica política no livro *Origens do Totalitarismo* as duas primeiras partes, com maior enfoque no antissemitismo francês e imperialismo, não harmonizam com a última, que tem como objeto a União Soviética e a Alemanha de Hitler,<sup>58</sup>

Após desconsiderar o fascismo italiano, para Arendt, dois movimentos se mostrariam totalitários: o nacional-socialismo alemão (nazismo) e a ditadura bolchevique (stalinismo). O nacional-socialismo alemão já teria sido edificado sobre características totalitárias, e teria alcançado a alcunha de regime totalitário em 1933. Já o bolchevismo teria se tornado totalitário durante o governo de Stálin, responsável por transformar a Rússia em “uma ditadura de partido único num regime totalitário”<sup>59</sup>. “O totalitarismo assemelha-se a uma espécie de fenômeno intermitente, que aparece e desaparece” com mais e menos intensidade na União Soviética e na Alemanha Nazista, mas nunca na Itália de Mussolini.<sup>60</sup>

---

<sup>55</sup>No que diz respeito à análise das fontes utilizadas por Arendt para sua definição do fascismo, Emilio Gentile expõe que a autora recorreu apenas a algumas peças de propaganda de Benito Mussolini. A autora teria deixado de lado a análise de fontes relacionadas às demais estruturas essenciais do movimento, como as ações econômicas, militares/bélicas e imperialistas. Idem, p. 13; 20-21.

<sup>56</sup> Idem, p. 16.

<sup>57</sup> Idem, p. 17.

<sup>58</sup> LOSURDO, Domenico. Para uma crítica da categoria de totalitarismo. **Crítica marxista**, v. 17, 2003, p. 51-79.

<sup>59</sup>GENTILE, Emilio. Le silence de Hannah Arendt: l'interprétation du fascisme dans les origines du totalitarisme. **Revue d'histoire moderne et contemporaine**, n. 3, 2008, p. 11-34.

<sup>60</sup> Idem, p. 32.

Para Domenico Losurdo, na construção de ambas as narrativas a metodologia utilizada foi mais dedutivista que propriamente científica devido ao abandono do contexto histórico desses países para além do século XX<sup>61</sup>. Após o período de guerras, o totalitarismo foi adotado por muitos como o conceito capaz de explicar todo o horror do século XX.

Em suma, Hannah Arendt ao ofuscar o contexto histórico que levou à formação dos regimes totalitários de Hitler e Stálin, os apresenta como agentes de uma lógica teórica e não da ideologia em si, como o comunismo e o racismo. Para a autora, o que os caracteriza como representantes dos regimes tidos como totalitários é a sua condução das ideias à prática por meio de uma coerção encarnada no terror que tem como representação máxima os campos de extermínio.

### 2.3 — O Fascismo francês e a díade entre direita e esquerda

Zeev Sternhell (1935–2020) foi um historiador, cientista político, comentarista e escritor que teve o fascismo como temática central de seu trabalho. De origem judaica, nascido em 1935, na Polónia, foi criado até os 10 anos por uma família católica que o acolheu após a morte de seus pais e irmãos acarretada pelo contexto de guerra. Se refugiou na França até os 16 anos e em 1951 foi para Israel, onde se tornou professor na Universidade Hebraica de Jerusalém. Vítima do horror da Segunda Guerra Mundial, ganhou notoriedade na academia após desconstruir, por meio da exposição das bases intelectuais francesas reacionárias presentes antes de 1914, a ideia de que a França foi imune ao fascismo<sup>62</sup>.

Esse pesquisador foi escolhido como objeto de análise devido ao fato de ser referenciado por Olavo de Carvalho em sua definição de fascismo. Desta maneira, nos propomos a apresentar, neste primeiro momento do trabalho, como Zeev Sternhell abordou o conceito de fascismo e como sua teoria foi conduzida pela historiografia. Em seguida, no próximo capítulo, iremos tratar como Olavo de Carvalho utilizou seu trabalho.

A partir de uma análise e interpretação sobre as origens da ideologia fascista, o historiador Zeev Sternhell, em sua obra lançada em 1983, *Nem direita, nem esquerda: a ideologia fascista na França*<sup>63</sup>, aponta que as condições para o desdobramento do movimento teriam surgido na França, logo após a Revolução de 1789, promotora do liberalismo. Segundo

---

<sup>61</sup> LOSURDO, Domenico. Para uma crítica da categoria de totalitarismo. *Crítica marxista*, v. 17, 2003, p. 51-79.

<sup>62</sup> TRAVERSO, Enzo. **Obituário, Zeev Sternhell, 1935–2020.** <https://jacobin.com/2020/07/zeev-sternhell-obituary020>.

<sup>63</sup> STERNHELL, Zeev. **Neither right nor left: Fascist ideology in France.** Princeton University Press, 1996.

o autor, motivados pelo propósito de pôr fim à ordem liberal e republicana estabelecida, intelectuais do século XIX passaram a expor suas insatisfações e soluções para a crise que vinha surgindo por meio dos desdobramentos da industrialização e, conseqüentemente, da modernidade. Deste modo, Zeev Sternhell apresenta que o fascismo foi também um movimento intelectual e teve suas raízes na França do século XVIII. Fruto indireto dos desdobramentos das revoluções políticas do século, ganhou força através da oposição ao Iluminismo e, em sequência, à democracia e ao pensamento liberal<sup>64</sup>.

Sternhell expõe que fascismo não pode ser entendido somente por suas práticas, mas sim, especialmente, por sua ideologia. Para o historiador, a Primeira Guerra Mundial não teria sido a promotora do movimento, pois suas raízes ideológicas já teriam aparecido no século anterior mediante uma revolução intelectual motivada pelo darwinismo social e o surgimento de novas ciências<sup>65</sup>. Além disso, a dificuldade de adaptação do liberalismo à sociedade de massas também teria sido um fator essencial para o surgimento dessa ideologia.

No decorrer dessa revolução intelectual, segundo Zeev Sternhell, pensadores da geração de 1890, como: o polímata Gustave Le Bon, o escritor Maurice Barrès, o engenheiro e teórico Georges Sorel e o antropólogo Georges Vacher de Lapouge, passaram a teorizar uma oposição ao individualismo racionalista gestado pelo sistema liberal, ao qual a França e grande parte do mundo moderno estavam inseridos. Desta maneira, esses intelectuais defenderam que a sociedade, independentemente de classes, deveria seguir seus desejos inconscientes, por vezes, representado por um “espírito”. Este movimento, conforme elucida Sternhell, motivou a oposição ao materialismo e teve como consequência uma recusa ao marxismo.

Apesar de se apresentar como uma negação a alguns aspectos modernos, Sternhell conclui que o fascismo não pode ser considerado somente uma antítese do iluminismo. A emergência de sua ideologia representou a síntese do nacionalismo com a revisão anti-materialista do marxismo. Este anti-materialismo que levou ao surgimento da ideologia fascista não foi uma vertente do marxismo ou sua simples negação, mas sim o resultado do início de uma revisão específica. Conforme exposto por Sternhell, a revisão do marxismo não é, por si só, uma virada à direita e neste sentido o pesquisador nos declara que:

---

<sup>64</sup> STERNHELL, Zeev. How to Think about Fascism and its Ideology. *Constellations*, v. 15, n. 3, p. 280-290, 2008.

<sup>65</sup> As novas disciplinas surgidas no século XIX foram: ciências políticas, sociologia, psicologia, antropologia, história e filosofia.

Quando esse afastamento das posições ideológicas da esquerda revolucionária foi acompanhado pela aceitação dos princípios e regras básicas da democracia liberal, surgiu uma forma de socialismo democrático que, com Bernstein, Jaures e Filippo Turati, criou raízes na Europa Ocidental. No entanto, quando essa revisão do marxismo foi acompanhada por um profundo “antimaterialismo”, um apelo a valores irracionais, um antiliberalismo, uma rejeição do parlamentarismo e do sistema partidário, um autoritarismo e um apelo, além dos interesses de classe, à unidade nacional, a equação fascista sempre foi possível.<sup>66</sup>

Na França do século XIX, o Boulangismo foi um dos primeiros grupos a reivindicar o nacionalismo em uma organização cujo objetivo era derrubar a democracia liberal. Zeev Sternhell declara que a grande importância do Boulangismo está no fato de que foi o “primeiro ponto de encontro do nacionalismo e certo socialismo não-marxista, anti-marxista e já, pós-marxista na França”.<sup>67</sup> Neste grupo, de acordo com o autor, havia uma completa negação do liberalismo e este sentimento, somado ao nacionalismo, foi o que os levou a ficarem conhecidos pré-fascistas.

Através do Boulangismo, em 1898, Henri Rochefort; Granger; Roche, Maurice Barrés, Francis Laur e Edouard Drumont fundaram a Liga Antissemita. Este antissemitismo foi uma ferramenta de tentativa de aglutinação de massas opositoras à democracia liberal em uma espécie de “nacionalismo tribal”. Sternhell nos apresentou que, conforme citou Edouard Drumont, apoiado pela direita que se radicalizava cada vez mais, esse “antissemitismo nunca foi uma questão religiosa, mas sim pautado por questões de fundo econômico e social”<sup>68</sup>. Além disso, Sternhell salienta que a simbologia dos judeus serem “anti-nação” não foi compartilhada apenas pela direita radical. Para o autor, sindicalistas revolucionários guiados por Georges Sorel, Édouard Berth, Gustave Hervé e Hubert Lagardelle também utilizaram o antissemitismo como argumento para se preservarem. A conciliação entre a realidade e a invenção de um mito caracterizado pela construção de um inimigo comum permitiu a superação das divisões de classes.

Maurice Barrés, na leitura de Sternhell, foi o precursor da tese do nacional-socialismo caracterizado pela negação do racionalismo em favor da espontaneidade do inconsciente como motivação de massas. Esta negação do racionalismo foi impulsionada pelo movimento anti-intelectual com raízes cada vez mais anti-iluministas. O anti-iluminismo refletia diretamente no desejo de substituição da democracia por outro modelo de governo que, não podendo ser liberal, democrático, proletário ou burguês, seria definido pela união de

---

<sup>66</sup>STERNHELL, Zeev; SZNAJDER, Mario; ASHERI, Maia. **The birth of fascist ideology**: From cultural rebellion to political revolution. Princeton University Press, 1994. p.41.

<sup>67</sup>STERNHELL, Zeev. **Neither right nor left: fascist ideology in France**. Princeton University Press, 1996. p.38.

<sup>68</sup>Ibidem. p.44

todas as esferas sociais motivada pela paixão à Nação. Paixão esta que buscava criar o poder de guiar as massas em prol de um objetivo comum.

Sternhell indica que a democratização da vida política, mantenedora da supremacia burguesa, e o aumento da consciência nacional entre as massas enfraqueceu o marxismo. A conquista de alguns direitos, como a representação trabalhista por sindicatos e o sufrágio, esfriou a exaltação das massas que já não tinham mais como objetivo superar o capitalismo. Com este enfraquecimento, o marxismo deixava de se apresentar como suficiente para a solução das novas crises do mundo moderno. Desta insuficiência surgiram questionamentos ao modelo de Marx que levaram a uma revisão de sua estrutura feita por intelectuais na virada do século.

Foi por meio das revisões do marxismo, com características muito diferentes das revisões feitas pelo leste europeu, como afirma o historiador israelense, que surgiram as ideias basilares do fascismo. Ao contrário do revisionismo de Bernstein e Jaurés que, para o autor, ainda mantinha um compromisso com a democracia e luta de classes, na França e Itália sob os trabalhos de Georges Sorel e seus seguidores Hubert Lagardelle, Hervé e Robert Michels, Vilfredo Pareto e Benedetto Croce, surgiram novas críticas ao materialismo marxista que rejeitavam sua questão econômica.

Georges Sorel, progenitor deste revisionismo revolucionário, tornou-se marxista em 1893, mas, devido ao seu moralismo religioso, mudou seus ideais ao longo da vida e passou a rejeitar a essência do trabalho de Karl Marx. Baseado, portanto, em uma reforma moral, seu trabalho nega qualquer vinculação cultural com o liberalismo, com a burguesia e com o proletarianismo jacobinista. Para ele, a burguesia possuía índole diabólica, com raízes no mal, capazes de levar à decadência moral. Apresentou o primeiro tipo de socialismo que não tinha em suas propostas o fim do capitalismo e afirmou que a nova sociedade deveria ser organizada com uma colaboração entre economia e ética. Tal colaboração dependeria do “espírito proletário” e suas formas, organizações trabalhistas autônomas, diferentes das organizações políticas clássicas.

Neste sentido, Sorel, narrado por Zeev Sternhell, apontou que a nova sociedade deveria extinguir os partidos políticos para ser organizada pelos trabalhadores em seus sindicatos. Por meio desta teoria surgiu o sindicalismo revolucionário, apontado como a maior ferramenta contra o anti-individualismo. Neste novo tipo de socialismo, a sociedade deveria ser organizada pelas massas que levariam a uma revolução organizada por meio de greves gerais sindicais, capazes de desestabilizar o sistema sem violência. Posto isto, apesar de ter negado a cientificidade e materialismo da teoria de Marx e Engels, e se opor ao

individualismo promovido pela burguesia<sup>69</sup>. Sorel não pode ser considerado, conforme expõe Leandro Galastri, conivente ao fascismo e totalitarismo, pois não apoiaria indivíduos que dentre suas maiores aspirações se encontra a conquista do poder através do Estado.

A crise intelectual motivada pelo avanço das teorias sindicalistas frente ao movimento trabalhista permitiu na França e na Itália a fusão entre os sorelianos e nacionalistas. O marxismo democrático não possuía outros meios de fuga além do seu modelo ortodoxo e, para quem não queria abdicar do capitalismo, mas não estava satisfeito com a democracia liberal, não havia alternativas senão o revisionismo revolucionário. Como caminho ao trabalhador como força motriz da revolução, surgiu o ideal de nação. A nação, assim como apresentada também por Barrés, seria responsável por proporcionar, mediante símbolos e mitos resultantes em paixão e não mais a luta de classes, a união de todas as classes contra a burguesia e suas correntes liberais decadentes. Por meio da descoberta dessas novas formas de angariar massas surgiu um movimento liderado por Filippo Tommaso Marinetti na Itália, em 1910, o futurismo, grande influenciador do fascismo. A estética, anos depois, seria fundamental para o regime ao utilizar suas formas de representação de estilo como expoentes da nova cultura que buscavam implementar.

O sindicalismo, conforme exposto por Sternhell, proporcionou o surgimento de novas formas de organização, como o corporativismo<sup>70</sup>. A França teve como um exemplar desta organização a Ação Francesa que, apresentada como um movimento com raízes monarquistas, encontrou força no anti-individualismo e serviu como uma ferramenta de conexão entre o Estado e as massas. Foi também, na virada do século, um laboratório de novas ideias e desejos de ser um grupo combatente popular.

Sorel teve suas ideias ecoadas por décadas e serviu, na França, de arcabouço conceitual para uma revolução que nunca foi realizada. No período entreguerras influenciou o líder do partido dos trabalhadores belga, Henri de Man. Por meio de uma revisão do

---

<sup>69</sup> GALASTRI, Leandro de Oliveira. O revisionismo “latino” de Georges Sorel entre 1897 e 1908. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História–ANPUH**. São Paulo, 2011.

<sup>70</sup> Conforme A. Garrido, o corporativismo pode ser definido como: “Doutrina marcadamente interclassista, surgiu acoçada pelos socialismos que emergiram nas sociedades industrializadas do século XIX. O corporativismo foi reinventado para promover a inibição política e social do potencial conflito entre “capital” e “trabalho”. Com esse propósito concreto e reacionário, declarou-se uma alternativa de representação política autoritária à democracia liberal e ao comunismo.” Segundo Garrido, o corporativismo não se limitou aos movimentos socialistas do século XIX e “Apresentado como solução para a crise do Estado liberal e dos seus modos de representação social e política, o corporativismo inspirou a Igreja Católica Romana – instituição que primeiro o propôs como terceira via oposta ao socialismo e ao capitalismo liberal. Alimentou partidos conservadores demoliberais, animou movimentos radicais de direita e insuflou todos os movimentos e partidos fascistas, bem como as elites tecnocráticas das várias direitas que abraçaram a “alternativa do século”, como lhe chamou Mihail Manoilescu (MANOILESCO, 1934, p. 8-32).” Ver em: GARRIDO, Álvaro. O corporativismo na História e nas Ciências Sociais—uma reflexão crítica partindo do caso português. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 42, n. 2, p. 387-408, 2016, p.393-394.



marxismo que também nega o seu materialismo, De Man apresenta sua tese de planos necessários para solucionar a crise europeia dos anos 1930: o planismo. Nesta sua percepção de socialismo, de acordo com Sternhell, Henri De Man coloca como motor da sociedade o intelecto humano moldado por ego e autoestima. Para ele, todas as sociedades, e não somente as capitalistas, possuem interesses socialistas intrínsecos, determinados pelo desejo de melhora do bem-estar.

Caracterizado por uma fé e ética moral a serem seguidas, o planismo de Henri De Man, conforme indica Sternhell, se apresenta como uma chave para a revolução intelectual do fascismo. Nele, o socialismo seria transformado em uma ética que substituiria “o marxismo e seu materialismo, determinismo e hedonismo por várias formas de voluntarismo e vitalismo.”<sup>71</sup> Os problemas econômicos seriam menos importantes que os problemas psicológicos e emocionais dos trabalhadores.

Neste sentido, segundo Sternhell, De Man afirma que o controle das massas, deve ser feito através da construção da autoestima do trabalhador, pois a falta de estrutura laboral e sensação de impotência é o que motiva revoltas. Sob a presença de um líder capaz de guiar todos a seus objetivos, os operários devem ser considerados heróis, viris e essenciais para a construção da Nação num processo de ascensão mútua, onde empregadores e empregados possuem um papel fundamental. Desta maneira, Sternhell assinala que, para De Man, esta seria sua solução para a crise europeia da primeira metade do século XX.

A Liga Faisceau, como apontado por Sternhell, surgida em 1925 e liderada por George Valois, despontou visando ser um movimento verdadeiramente fascista. Em um primeiro momento Valois conseguiu o apoio e financiamento de empresários e industriais que logo o abandonaram devido a discordâncias ideológicas. O líder do movimento tinha como crença um verdadeiro nacional-socialismo onde juntos, empregados e empregadores prezam pela prosperidade da nação. Assim como os demais nacional-socialistas, foi contra a burguesia e seus modos de organização. Desejou a criação de um novo Estado, com um novo sistema econômico, nova moral e costumes que consiga romper com as estruturas vigentes no país. Em seu novo modelo de organização social colocou fim a política velha e buscou angariar jovens. Representante dos interesses burgueses, foi uma ameaça para a esquerda e direita tradicional. Após a estabilização da economia francesa e a recuperação das forças da direita, a Liga se enfraqueceu, pois já não servia mais como ferramenta. Sternhell afirmou que

---

<sup>71</sup> STERNHELL, Zeev. **Neither right nor left**: Fascist ideology in France. Princeton University Press, 1996. p. 134.

Georges Valois expôs, em sua visão, que o fascismo não é nem de direita e nem de esquerda, mas seus interesses se aproximam mais da esquerda. O político francês acreditava no fascismo como movimento revolucionário capaz de transformar a Europa através da superação do velho pelo novo.

Outro intelectual influenciado pela negação das raízes marxistas foi Marcel Déat. Na criação do que afirma ser um neo-socialismo, Sternhell expõe que Déat apresenta o movimento como anticomunista, pois não acredita em uma ditadura do proletariado, mas sim no reconhecimento da colaboração entre as classes em prol da nação. Após a cisão do partido socialista francês entre marxistas e neo-socialistas, em 1933, Déat afirmou em defesa de sua ideologia que a salvação da nação estaria na criação de um Estado totalitário capaz de coordenar a união e colaboração de seu povo. Se inspirou e apoiou a Alemanha nazista e a sua criação de um partido soberano, modelo o qual qualificava como um Estado ideal. Apontava a necessidade de superação do marxismo tendo em vista que suas teorias não provocavam mais ação nos proletários, mas sim a esperança em um milagre. Promessas filosóficas já não eram mais suficientes para os trabalhadores. Com esta base, seu “neo-socialismo” estava muito além do socialismo e se aproximou muito mais do fascismo.

Sternhell assegura que o fascismo antes de se tornar uma força política foi um fenômeno cultural. Através deste fenômeno surgiram em países europeus, em especial na França, correntes ideológicas que foram essenciais para a ascensão do fascismo no século XX. Soreliano, o jornalista e socialista político Arturo Labriola foi um dos grandes representantes das ideias do fascismo advindas de movimentos políticos franceses nos anos finais do século XIX.

O historiador israelense declara que o fascismo jamais deve ser confundido com o nazismo alemão. Apesar de manterem muitas semelhanças, e serem reduzidos, muitas vezes, às suas bases totalitárias, há a necessidade de também se aprofundar em suas diferenças. O determinismo racial não se fez presente em todas as vertentes do fascismo. Na Itália, alguns judeus faziam parte de organizações fascistas, enquanto na Alemanha eles não possuíam esta opção visto que eram tidos como foco de extermínio pela Nação.

Zeev Sternhell, segundo Enzo Traverso, se diferenciava de uma historiografia generalista — como a de François Furet — ao não concordar com a classificação do fascismo como um gêmeo totalitário do comunismo<sup>72</sup>. O autor expõe que ambos os movimentos possuíam visões completamente diferentes do homem e da sociedade e que, apesar de

---

<sup>72</sup> TRAVERSO, Enzo. Interpretar el fascismo. Notas sobre George L. Mosse, Zeev Sternhell y Emilio Gentile. *Ayer*, 2005, p. 227-258.

buscarem uma revolução, o fascismo nunca quis destruir as bases do capitalismo. De acordo com Traverso, Sternhell remodelou a historiografia do fascismo na França ao afirmar que o país não era alheio ao movimento.

Ao buscar as origens do fascismo, conforme interpretação de Traverso, utiliza como fonte de estudo o campo das ideias e, através deste meio, aponta que um movimento ideológico nos anos finais do século XIX na França foi responsável por seu surgimento. Alega que a corrente ideológica da direita revolucionária, fundada no anti-iluminismo, seria uma fusão entre a direita que deu um caráter populista ao nacionalismo e à esquerda que passou por um revisionismo do marxismo e pendeu para o nacionalismo. Tal fusão resultaria no nacional-socialismo. Com origens desde o movimento boulangista e o caso Dreyfus, nos anos prévios à virada de século, Sternhell acrescenta que o fascismo francês, após um percurso de 40 anos, teria alcançado seu destino no governo de Vichy. No entanto, realça Traverso, o fascismo francês resultou de uma derrota que levou à ocupação de um território pelos alemães e, ao contrário da Itália e França, não teve sua ascensão através da construção de um regime. Desta maneira, o fascismo francês pode ser enquadrado em um tipo de fascismo classificado como “fascismo de ocupação”, onde só apresentaria as características do movimento no período de tomada alemã.

Apesar de Sternhell ter sido crucial para uma nova visão do fascismo francês, Traverso destaca que ele ignorou a historicidade do movimento.<sup>73</sup> Deu pesos iguais aos representantes do Círculo Proudhon e líderes fascistas dos anos 1930 e não demonstra nenhuma importância ao contexto de guerra o qual a Europa se encontrava e, assim como apresentado pelo autor por palavras do próprio Mussolini, sem a guerra não haveria fascismo. Desta maneira, para Traverso, a existência de traços fascistas em outros países que não tiveram ligação com a esquerda na origem de suas movimentações impede a caracterização do fascismo como uma síntese entre esquerda e direita.

O historiador português António Costa Pinto assinala que Sternhell lançou uma polémica na historiografia ao apresentar um lado mais radical dos ricos e membros da direita francesa<sup>74</sup>. Porém, apesar de abrir novos horizontes para a historiografia do fascismo francês, o pesquisador israelense peca em diversos aspectos metodológicos.<sup>75</sup> Ao contrário de afirmar

---

<sup>73</sup> Ibidem. p. 255

<sup>74</sup> PINTO, Antonio Costa. Fascist ideology revisited: Zeev Sternhell and his critics. **European History Quarterly**, v. 16, n. 4, 1986, p. 465-483.

<sup>75</sup> Para pesquisadores como Michel Winock e Jacques Julliard, de acordo com Antonio Costa Pinto, seu maior erro se dá ao separar o mundo ideológico da prática política e social, ignorando o contexto e a historiografia moderna, destinando a uma visão distorcida do período analisado. Já Sand afirma que o fascismo é um movimento pragmático com elementos teóricos muito voláteis. Ibidem, p. 473-476

que a ideologia fascista já estaria consagrada antes da primeira guerra, seus críticos o rebatem afirmando serem, no máximo, protofascistas ou pré-fascistas. Também houve uma negação de sua síntese de dupla genealogia do movimento, pois acreditam que seu silogismo nega uma definição completa do fascismo. O movimento é mais complexo do que esta máxima e, de acordo com Costa Pinto, Jacques Julliard afirma que qualquer contato com a historiografia mostra que o inimigo declarado do movimento era a esquerda, enquanto sua força vinha da direita.

Ademais, Costa Pinto nos reforça que o autor comete um erro ao confundir constantemente cultura com ideologia. Além disso, devido à falta de uma abordagem sociológica, não se pode fazer uma análise histórica do surgimento da ideologia fascista, mas sim uma compreensão das suas origens culturais que a tornaram possível somente no século XX, após sua consolidação como movimento político. Apesar das diversas críticas em seu trabalho, António Costa Pinto lança mérito ao autor por algumas de suas contribuições: redefiniu o debate sobre as origens da ideologia e cultura fascista, além de proporcionar uma análise do processo de maturação do movimento, sempre encaixado na disputa pelo fim da democracia e liberalismo.

A tentativa de Sternhell de apresentar o fascismo como um movimento teleológico, com raízes ainda no século XVIII e sem finalização após o encerramento dos conflitos europeus em 1945 é, para Tommaso Giordani, uma maneira de alertar a possibilidade do movimento se fazer presente na contemporaneidade<sup>76</sup>. Segundo o autor, Sternhell aborda pensamentos e expressões culturais das civilizações industriais europeias desde a Revolução Francesa e seus desdobramentos ao mundo moderno e evidencia que a análise de um recorte temporal de longa duração prejudica a compreensão de um todo, pois acaba usando como método um generalismo dicotômico imbuído de rigidez ideológica. Embora não seja o primeiro a expor a relevância da França na oposição ao iluminismo, Tommaso Giordani afirma que Sternhell, assim como o historiador Robert Paxton, teve suas obras sobre o governo Vichy e sua atuação com o fascismo recebidas hostilmente por acadêmicos contemporâneos.

Do incômodo causado por Sternhell surgiram críticas relacionadas ao maniqueísmo e a falta de historicização de seu trabalho, como já apontado por Giordani. Além do mais, o rebuliço causado pelo autor ocorreu devido ao seu enquadramento da modernidade como terreno fértil para o surgimento do fascismo, seja no século XX ou não. Sua discordância do

---

<sup>76</sup> GIORDANI, Tommaso. Fascism as a recurring possibility: Zeev Sternhell, the anti-Enlightenment, and the intellectual history of European modernity. *History of European Ideas*, v. 49, n. 5, 2023, p. 854-869.

movimento como um parêntese na história europeia foi responsável por suas desavenças no meio intelectual francês nos anos 1980.

Sternhell, segundo Robert Wohl, foi problemático em seus trabalhos ao rotular como fascistas pessoas que não se identificavam ou participavam de associações fascistas no período em que estas ocorreram e estavam em seu auge.<sup>77</sup> O historiador israelense passou, inclusive, por um julgamento na corte francesa em uma batalha contra o filósofo Bertrand de Jouvenel movida pelo lançamento de sua famosa obra *Ni droite ni gauche: L'idéologie fasciste en France* (1983) que foi vista como um ataque à historiografia fascista e difamação de intelectuais franceses associados ao fascismo.

Para o historiador Robert Wohl, uma das ideias de Sternhell que mais causou discordância foi o fascismo como produto do revisionismo esquerdista do marxismo socialista.<sup>78</sup> Além disso, suas críticas dizem respeito ao fato dele querer apresentar tudo como uma forma de desembocar no regime Vichy, que, de acordo com seus trabalhos, seria uma consequência natural desta impregnação fascista na França ainda no século XIX. Desta maneira, tentava encaixar casos em seus moldes metodológicos, como foi o caso do planismo de Henri De Man, o qual Robert Wohl afirma ser uma ideia que não teria surgido com a pretensão de se transformar em fascismo ou nacional-socialismo, como Sternhell aponta. Em função da quantidade de discordâncias que recebeu, seu trabalho foi ofuscado, e, mesmo que não tenha conseguido criar um conceito de fascismo capaz de ser sustentado apenas pela sua ideologia, ignorando a importância de sua prática, Wohl acrescenta que ninguém pode deixar de ficar impressionado pela originalidade que Sternhell alcançou ao abordar a vida política e intelectual, em especial do desenvolvimento da direita radical da França nos séculos XIX e XX.

Além de tocar na ferida de que o fascismo é um fenômeno intrinsecamente moderno, Sternhell, adiciona que a tradição anti-iluminista que fere a democracia também pode ser vista no nacionalismo israelense que busca legitimar sua soberania frente às nações fronteiriças. Giordani declara que ao desenvolver um argumento que explica o nacionalismo judaico e seu potencial fascista baseado em uma reação à crise da modernidade sobre sua identidade, Sternhell o integra aos movimentos europeus do século XIX.

---

<sup>77</sup> WOHL, Robert. French Fascism, both right and left: reflections on the Sternhell controversy. **The Journal of Modern History**, v. 63, n. 1, 1991, p. 91-98.

<sup>78</sup> Robert Wohl não discorda desta visão, pois, para ele, o autor não o coloca como caminho único para um comprometimento fascista. No entanto, ao afirmar que o movimento não foi nem de direita, nem esquerda, estaria cometendo um equívoco. Wohl, pelo contrário, afirma que as bases fascistas vieram da esquerda e direita, mesmo que após chegarem ao poder tenham mostrado mais apreço pela direita ao tentar minar as forças esquerdistas. Ibidem.

Sendo assim, para Zeev Sternhell, o fascismo foi um movimento com motivações culturais que teve suas raízes apresentadas na França do século XIX através de um revisionismo do socialismo marxista e da negação do sistema democrático liberal. Por meio deste revisionismo, dissidentes socialistas e representantes dos interesses burgueses se uniram em um movimento francês conhecido como “nacional-socialismo” – baseado em uma colaboração mútua entre empregados e empregadores que visam a prosperidade da Nação – o qual Sternhell afirma ser o precursor do fascismo e o encaixa em uma categoria que não é nem a direita, nem esquerda, mas sim uma terceira via política.

#### **2.4 — Fascismo como corruptela marxista de A. J. Gregor**

Anthony James Gregor, nascido em Nova York no ano de 1929, graduou-se pela Universidade Columbia em 1961. Nos anos seguintes tornou-se pesquisador e professor emérito de ciência política na Universidade da Califórnia. Autor de mais de 30 obras, seus trabalhos são reconhecidos por seus estudos relacionados ao fascismo e ao marxismo, assim como no campo de estudos das ideologias políticas e o totalitarismo.

Vemos como essencial a apresentação do que é o conceito de fascismo para A. J. Gregor pelo fato do autor ser considerado por Olavo de Carvalho — a quem vimos como figura basilar da “nova direita” brasileira —, o melhor expoente dos estudos sobre o tema. Neste sentido, nos debruçamos, neste espaço de nossa pesquisa, nos trabalhos de Gregor para que, em seguida, seja possível a compreensão do entendimento que Olavo de Carvalho teve do autor e como sua teoria foi ecoada para o cenário político brasileiro.

Anthony James Gregor buscou uma inovação aos estudos do fascismo quando afirmou que, ao contrário do que era atestado por parte substancial da historiografia, o movimento possuía uma base intelectual viabilizada pelo criador de sua doutrina. Apresenta Giovanni Gentile como este personagem e o coloca como peça fundamental para o fortalecimento da ideologia de Benito Mussolini. Ademais, acredita que as origens do fascismo — assim como o marxismo, em sua visão — se baseiam em uma religião política totalitária.

Reconhecido como um dos principais expoentes do estudo do fascismo na língua inglesa, com uma produção que durou até os anos finais de sua vida, James Gregor teve como principais obras *The Ideology of Fascism: The Rationale of Totalitarianism* (1969), *Giovanni Gentile: Philosopher of Fascism* (2001); *Mussolini's Intellectuals: Fascist Social and*

*Political Thought* (2005); *Marxism, Fascism, and Totalitarianism. Chapters in the Intellectual History of Radicalism* (2008), e *Totalitarianism and Political Religion: An Intellectual History* (2012). Dentre suas publicações, somente uma foi traduzida para o português: *Marxismo, Fascismo e Totalitarismo* (2021), publicada pela Vide Editorial.

Apresenta em suas obras que as raízes intelectuais das manifestações políticas do século XX estão presentes nos trabalhos de Karl Marx e Friedrich Engels, que, de acordo com o autor, seriam os criadores de justificativas para a violência, caos e morte, para alcançar a revolução a qual almejavam para representar o futuro.<sup>79</sup> James Gregor acrescenta que a busca para justificativas morais para os atos mais escrupulosos é inerente dos seres humanos e, neste sentido, considera iguais as expressões de totalitarismo de todos os Estados do século XX ao apontar que o raciocínio de destruição do presente para a construção do futuro emergiria da “lógica totalitária do leninismo, stalinismo, maoismo, nacional-socialismo e fascismo italiano em todas suas variantes”<sup>80</sup>. Este fundamento revolucionário, conforme ressalta Gregor, teria em seu cerne a moral e a ética manifestadas como uma motivação de justificativa e garantia de seus motivos baseados em uma lógica de destruição compartilhada por todos.

A moralidade, segundo A. J. Gregor, era entendida por Karl Marx para ser contingente e derivada de um modo de produção prevalecente tanto em comportamento quanto em princípio<sup>81</sup>. Ou seja, para Gregor, este método materialista de Marx apresenta que as relações sociais são moldadas através das relações econômicas e suas forças produtivas e que isso pode ser confirmado através da história das ideias. Desta maneira, Gregor interpreta que, para Marx, a história dos homens não seria definida através de seus desejos individuais, já que estes não seriam desenvolvidos por meio de uma escolha própria, mas sim por meio das transformações materiais construídas ao longo do tempo.

A. J. Gregor discorda, portanto, da forma a qual Karl Marx constrói sua tese no *Manifesto Comunista* (1848), e afirma não haver empirismo suficiente para sustentá-la. Para o historiador estadunidense, as formas de consciência representadas por religião, moral e filosofia não podem ser definidas pela classe social na qual os indivíduos estão inseridos. Ademais, também salienta que a hipótese de que as ideias advindas das classes superiores são predominantes, ao suprimirem aqueles que os rejeitam ou contestam, não pode ser confirmada devido à ausência de evidência tangível destes fatos.

---

<sup>79</sup> GREGOR, A. **Totalitarianism and political religion**: An intellectual history. Stanford University Press, 2012.

<sup>80</sup> GREGOR, A. James. **Marxism, fascism, and totalitarianism**: Chapters in the intellectual history of radicalism. Stanford University Press, 2008. p. 34.

<sup>81</sup> Tradução nossa. “Thus, “productive forces” employed in the provision of goods gave rise to corresponding “social relations,” which together make up the mode of production. Morality, both in behavior and in principle, was understood to be contingent and derivative of a prevailing mode of production. Idem, p. 36

Neste sentido, Gregor afirma que estas ideias suprimidas seriam originadas mediante um conflito de interesses em um momento que “forças produtivas emergentes não podem ser colocadas nas relações sociais existentes, novas ideias, religiões, morais e filosóficas aparecem na forma de uma necessidade de mudança revolucionária”<sup>82</sup>. De acordo com Gregor, para Marx, “os seres humanos não nascem revolucionários, mas se tornam devido aos fatos objetivos aos quais a história os compeliram. (...) Ou seja, ser revolucionário é uma consequência de ser oprimido pelas classes superiores”.<sup>83</sup>

Conforme a interpretação de James Gregor sobre Karl Marx, as classes da base se revoltam contra a exploração ofertada pela elite, gerando a necessidade de uma revolução capaz de transformar as engrenagens do atual modo de produção para construir e implementar novos modos de socialização. A etapa final destes conflitos de classes em sua última superação, com uma epifania moral, seria a concretização de um sistema que Marx apresenta como comunismo. Caso não tivessem apresentado suas premissas materiais necessárias, estes pensamentos, para o autor, não passariam de uma farsa idealista. Sendo assim, o sistema, tido como a única salvação, ocuparia um espaço de distração frente a seu verdadeiro objetivo.<sup>84</sup> Neste sentido, Gregor inclui que uma teoria baseada no materialismo não consegue suprir as complexidades éticas e morais de uma sociedade, fazendo com que o marxismo seja raso em suas explicações.

Alguns intelectuais e membros do sindicato dos trabalhadores alemães (ADAV) — fundado em 1863 — no decorrer do século XIX, de acordo com James Gregor, se inspiraram no trabalho de Marx e Engels, embora não fossem completamente fieis aos autores. O filósofo alemão Josef Dietzgen ao buscar explicitar quais os fundamentos da ética marxista a apresenta como uma ciência intuitiva. A moralidade, para ele, se aproximava às ciências naturais do darwinismo devido ao fato da luta de classes ser definida por uma tentativa impulsiva de sobrevivência que traria à tona questões revolucionárias. Além disso, acrescenta que os meios justificam o fim. Apesar de Gregor apontar que Marx disse haver semelhanças entre seu trabalho e o de Darwin, o autor esclarece que a despeito de Dietzgen se expressar em consonância ao marxismo, a base de seu trabalho se demonstra como darwiniana. Para ele,

---

<sup>82</sup> Tradução nossa. “When emerging productive forces can no longer be housed within existing social relations, new ideas, religious, moral, philosophical, or legal, appear—in the form of advocacy of revolutionary change.” Idem. p.40.

<sup>83</sup> Op. Cit.

<sup>84</sup> Idem. p.41



“foi através da compreensão biológica da evolução humana que a ideia do materialismo histórico dialético pôde ser desenvolvida”.<sup>85</sup>

A. J. Gregor analisa que a associação da ética marxista ao darwinismo afetaria alguns pensadores. Dentre eles, apresenta o político e teórico Karl Kautsky, que acredita que a influência darwinista nos trabalhos de Marx deve ser cautelosamente considerada. Em suas ideias, o autor expôs que a natureza não é guiada por algo cósmico, mas sim por impulsos instintivos que os levam a formas de organização voltadas à sobrevivência por meio de uma evolução de trabalhos coletivamente. Questiona que o simples conceito de darwinismo não é suficiente para sustentar a moralidade humana, pois, além de instintos, os homens também possuem racionalidade para escolher qual caminho seguir e, desta forma, utiliza os pensamentos de Engels e Marx para complementar seu trabalho.

Desta maneira, para Gregor, Kautsky atesta que a luta de classes no tempo é o que determina o comportamento coletivo humano. Com o fortalecimento da burguesia no século XIX, em uma sociedade tida como livre e democrática, com mais investimentos à ciência, as ciências sociais passaram a ter maior impacto, gerando uma necessidade de compreensão das “leis sociais” e, seria a partir dessa necessidade que o autor teria aprofundado suas ideias sobre as éticas revolucionárias. Kautsky, segundo A. J. Gregor, apresentou a “revolução como a rebelião das forças produtivas”<sup>86</sup> na qual, com o avançar das relações materiais, os conflitos deixariam de ser somente por sobrevivência e passariam a ser referentes à conquista e proteção das propriedades dos mais abastados.

O historiador nos esclarece que as ideias são controladas pelas classes dominantes, pois elas criam mitos operacionais voltados para um bem comum e, no caso da sociedade burguesa, este mito criado foi a Nação. A necessidade de expansão de fronteiras e de proteção dos seus bens e territórios já conquistados levaria a criação de um mito de solidariedade, representado pelo sacrifício, no qual todos os membros da comunidade serviriam aos interesses da burguesia. Não haveria, na leitura de Gregor, desejos individuais, pois estes seriam produtos da classe dominante.

James Gregor afirma que Marx e Engels, sem muita elaboração e coerência em seus trabalhos, não deixam claro qual ideologia é o produto exclusivo de uma classe ou como as convicções ideológicas moldam as responsabilidades de membros de outras classes:

---

<sup>85</sup> “Thus, while biological “progress” was the governing principle — the ultimate and “absolute” source of morality—the trajectory of human social evolution, from the most primitive times to the present day, followed stages determined by the progressive unfolding of material production.” Idem. p.50.

<sup>86</sup> “Revolution was referred to as ‘the rebellion of the productive forces,’ or ‘the mode of production being in rebellion against the mode of exchange’”. Idem. p. 56

Não ficou imediatamente evidente como a ideologia era o produto exclusivo de uma determinada classe ou como essas convicções ideológicas moldavam as reações evidentes dos membros de outras classes. Todo esse relato foi afirmado com impressionante convicção por Marx e Engels e inicialmente repetido, com muito pouco desenvolvimento, por seus seguidores nas últimas décadas do século XIX. Os marxistas argumentaram, ao longo dos últimos anos do século, que poderiam demonstrar a suposta relação entre qualquer modo de vida predominante, o “reflexo” desse modo na “ideologia” de classe e o comportamento moral humano correspondente.<sup>87</sup>

A moralidade não surgiria de outros meios além do econômico e a circunstância inserida no tempo. Seria apresentada, portanto, como um subproduto. Para o historiador estadunidense, desta influência do darwinismo, baseada no determinismo, surgiram variações do marxismo, dentre elas o marxismo revolucionário de Georges Sorel.

O jovem Mussolini, de acordo com Gregor, nunca teria escondido suas aspirações marxistas ortodoxas. Filho de internacionalistas, se mudou para a Suíça aos 18 anos para fugir do alistamento militar e teve contatos com o sociólogo e economista Vilfredo Pareto em um curso de economia política<sup>88</sup>. Pouco depois se identificou com o marxismo revolucionário de Georges Sorel. Sua versão de moralidade não dizia respeito somente à economia, mas prezava pela obediência à consciência humana. Baseado nas convicções de Sorel, conforme exposto por James Gregor, Benito Mussolini deixou de acreditar que a revolução ocorreria somente em decorrência de causas materiais e que seria gerada pelo comprometimento com a moral e ética, um fardo humano independente da materialidade. Desta maneira, ao se afastar da ortodoxia de Marx e Engels, Mussolini teria exposto quais eram as diferenças essenciais entre o socialismo que atuava através do parlamentarismo e o socialismo revolucionário e seu sindicalismo.

O líder italiano via o sindicalismo como um novo conflito épico entre duas visões de futuro. Através deste conflito, como aponta James Gregor, surgiriam novos atores com novos valores, além de um novo tipo de homem guerreiro que viveria por seu comprometimento à revolução. Mussolini, em sua visão, não negou a necessidade econômica, mas reiterou a necessidade de uma consciência ética que teria como demanda a violência contra a burguesia. Gregor, ao se debruçar sobre o trabalho de Giuseppe Prezzolini afirma que o teórico italiano

---

<sup>87</sup> Tradução nossa: It was not immediately evident how ideology was the exclusive product of a given class or how such ideological convictions shaped the overt responses of members of other classes. The entire account was affirmed with impressive conviction by Marx and Engels and initially repeated, with very little elaboration, by their followers throughout the final decades of the nineteenth century. Marxists argued, throughout the final years of the century, that they could demonstrate the putative relationship between any prevailing mode of life, the “reflection” of that mode in class “ideology,” and corresponding human moral behavior. Idem. p. 59.

<sup>88</sup> Idem. p. 160

atestou a falha do pensamento de Henri Bergson para construir uma base filosófica para o sindicalismo. Ele se opõe a ideia de uma inteligência intuitiva, que deveria recorrer a algum modelo de hegelianismo moderno para poder se sustentar. Sendo assim, sustentava que o marxismo precisava de um idealismo filosófico para tratar de seus problemas ontológicos.

Com similaridades à Sorel em vários pontos, Prezzolini foi um grande influenciador da heterodoxia marxista a qual Mussolini teve contato, conforme aponta a leitura de A. J. Gregor. Mostra o sindicalismo como um movimento que rejeita o individualismo burguês e alega a importância da criação de uma comunidade formada por afinidades genéricas que vão além da classe. Tal comunidade seria baseada em uma missão coletiva na qual seus membros estariam sujeitos e dispostos ao autossacrifício. Para Georges Sorel, esta solidariedade coletiva seria a condição para a elevação moral da humanidade<sup>89</sup>. Ao apresentar o fascismo como uma variante do marxismo, James Gregor aponta que a base do desenvolvimento intelectual de Mussolini se deu através do contato com as páginas da revista *La Voce*, organizada por Giuseppe Prezzolini e Giovanni Papini, sob influência de Gaetano Mosca, Vilfredo Pareto, Benedetto Croce, Giovanni Gentile e Roberto Michels, identificada pelo autor como núcleo de discussões relacionadas ao marxismo e suas demandas de revisão, bem como da emergência do nacionalismo político.

De acordo com A. J. Gregor, enquanto atuou como editor do diário socialista *Il Popolo*, de Cesare Battisti, Mussolini fortaleceu seu sentimento nacionalista em virtude ao clima de tensão na região de Trento, dominada pelo governo austro-húngaro, onde vivia em 1909. Em um ensaio sobre a região e a defesa da nacionalidade italiana frente aos austríacos, Mussolini, de acordo com Gregor, não concorda com as ideias racistas de Ludwig Woltmann sobre o “pangermanismo teórico” utilizado como justificativa para a conquista nórdica frente às raças tidas como inferiores, mas, assim como Lênin e Kautsky, reconhecia seu papel no marxismo ortodoxo alemão.

Gregor acrescenta que os pensadores austríacos e franceses não se contentavam com a rigidez ortodoxa marxista e se tornaram revisionistas. Afirma que foi esta reavaliação dos trabalhos de Marx e Engels pelos austro-marxistas, como Otto Bauer e Max Adler, a fonte de inspiração para Mussolini e sua variação fascista do marxismo. O pesquisador também afirma que mesmo com a falta de clareza nos conceitos centrais de Marx e Engels, ambos pensavam que seus trabalhos, baseados na dialética de Hegel, foram capazes de definir as leis do desenvolvimento social. Após uma maturação de suas ideias desde o lançamento do *Manifesto Comunista* (1848) até *O Capital* (1867), Marx analisou toda a estrutura econômica

---

<sup>89</sup> Idem, p.172

do capitalismo para explicar o que levou ao quadro revolucionário de 1848, enquanto Engels se atentou em responder às críticas relacionadas aos problemas filosóficos e sociológicos em sua tese.

Os autores, de acordo com James Gregor, deixaram um legado teórico que se transformou numa variável de interpretações do marxismo por seus seguidores, que diziam representar o interesse de seus fundadores. Dentre estes seguidores estavam Josef Dietzgen, Ludwig Woltmann, Jules Guesde, Georges Sorel, Otto Bauer, Max Adler, Rosa Luxemburgo, Sergio Panunzio, Ângelo O. Olivetti, e Eduard Bernstein.<sup>90</sup> Adiciona, portanto, que o marxismo nunca foi representado por somente uma variante, o que causou a definição de diversos grupos como tal.

Na Rússia, para Anthony James Gregor, antes da ascensão marxista promovida por Plekhanov, era a *Intelligentsia*<sup>91</sup>, influenciada por Ludwig Feuerbach e Nikolai Chernyshevsky, a responsável pelos trabalhos intelectuais e artísticos voltados para o preenchimento do espírito. O cientificismo dogmático deste grupo, focado em buscar soluções utilitárias, políticas e morais, só consideraria o que pudesse servir de ferramenta para a revolução. A combinação do dogmatismo, somada às novas influências do marxismo, teriam originado as doutrinas revolucionárias de Vladimir Lênin.

Gregor expõe que a ideia de “profissionais revolucionários” — representados como os salvadores do futuro — de Lênin se assemelha mais ao ideal de “novo homem” de Nikolai Chernyshevsky do que aos trabalhos de Marx e Engels<sup>92</sup>, que sugerem que a consciência proletária ou uma revolução sucedida ocorrem de forma orgânica sem a necessidade de intervenções de revolucionários profissionais, enquanto para Lênin, a consciência marxista só seria despertada nos trabalhadores se ela fosse trazida de fora por intelectuais.

No entanto, James Gregor acrescenta que, para Lênin, seus trabalhos se afirmavam como uma sucessão impecável dos criadores do marxismo. Para ele, o marxismo seria uma ciência perfeita, sem necessidade de revisões e, ao se tornar chefe dos bolcheviques, teria imposto que o futuro dependeria da disciplina dos membros do partido de acordo com sua doutrina. O autor declara que esta forma de liderança foi a primeira representação de um Estado totalitário através de uma religião política que seria seguida pelo Stalinismo pouco tempo depois.

---

<sup>90</sup> GREGOR, A. **Totalitarianism and political religion**: An intellectual history. Stanford University Press, 2012, p.89.

<sup>91</sup> Grupo cultural russo formado por uma nova classe intelectual do proletariado letrado.

<sup>92</sup> Idem. p.108

Durante o *risorgimento* italiano, influências políticas de todas as espécies estavam presentes no país. A necessidade de construção de um sentimento de unificação nacional prevalecia e antigos mitos de grandiosidade passaram a ser evocados como promessa de um futuro glorioso passível de ser alcançado. Um dos revolucionários mais conhecidos do período, além de Giuseppe Garibaldi, foi Giuseppe Mazzini, que tinha como convicção a possibilidade de regeneração através de um sentimento religioso de união de indivíduos em um propósito comum.<sup>93</sup> Mazzini desejava a construção de uma nova pátria, em uma nova era, capaz de destruir o individualismo liberal com uma doutrina baseada em um único deus como o mártir da sociedade. Rejeitava o socialismo emergente, em especial o comunismo e sua base teórica materialista, já que via a ideia de revolução como um princípio religioso, com o poder de transcender a humanidade para um futuro melhor. Nacionalistas como Alfredo Oriani viam no revolucionário uma inspiração hegeliana ao apontar a organização social como um espírito.

Assim como Mazzini, A. J. Gregor complementa que Giovanni Gentile também viu a vida humana guiada por um espírito. Se opunha ao empirismo e ao utilitarismo, pois estes seriam fontes de fortalecimento para os princípios liberais. O empirismo representaria o egoísmo sem espírito, sem religião, que destruiria a cultura italiana. Desta maneira, Gentile, que acreditava não haver como separar a humanidade da religiosidade, atua como um neo-hegeliano. Gentile tentou influenciar Benedetto Croce contra o marxismo e para isso utilizou os textos de seu colega, Antonio Labriola, um materialista, para criticar o sistema. Afirmou que as escolhas humanas não são causadas por influências externas, mas sim por meio de sua vontade espiritual. Para ele, portanto, o materialismo só conseguiria ser convincente se somado à metafísica hegeliana, com características idealistas que vão além do palpável.

Com o desabrochar da Primeira Guerra Mundial, em 1914, G. Gentile seguiu buscando uma compreensão da história humana e sua filosofia. Para ele, a história era formada através da construção de uma missão comum, por meio da fé em um futuro. Aponta Mazzini como responsável pela criação dessa fé na nação italiana que, para além do *Risorgimento*, resultaria no fascismo. A nação, para ambos os teóricos italianos, representava mais do que costumes e tradições em comum. Sua construção e manutenção foram fundamentadas em uma crença religiosa que exige sacrifícios por seus membros.

A consolidação dessa nação italiana deveria ser antecipada por um novo Estado capaz de mobilizar e guiar sua população para devolver a glória de seu povo ao igualar o país às nações reconhecidas como as mais avançadas do mundo. Após o final do conflito, G.

---

<sup>93</sup> Idem. p.121

Gentile teve dificuldades para encontrar um partido representante de seus ideais. No início do fascismo, em 1919, ele via em Mussolini alguém difícil de confiar por seu passado marxista, no entanto, já em 1922, após a ascensão do movimento e a consolidação dos ideais de seu líder como um grande nacionalista, Gregor afirma que o intelectual viu as tradições do pensamento político totalitário de Mazzini serem seguidas.

Ao se aproximar do espiritualismo de Giovanni Gentile, Mussolini o convidou para ser o ministro da educação em 1923 e, futuramente, em 1932, ficou com a tarefa de construir a doutrina fascista, a qual caracteriza o movimento como anti-individualista. Apresentou o valor do ser humano mediante um modelo no qual os indivíduos estariam todos organizados em uma tradição geral e uma missão que supera a vida como simples prazer individual, por estarem a espera do despertar que irá os levar para uma vida superior que supera tempo e espaço.<sup>94</sup> O Estado era totalitário e tinha como função moldar a ética ao controlar a vida pública e privada de seus membros. Sergio Panunzio reconhecia a existência de outras organizações políticas baseadas em uma religião política, como o bolchevismo de Lênin, que teve suas morais impostas na Revolução Russa. Ademais, também reconheceu a existência da religião política no nacional-socialismo de Hitler, na União Soviética de Stálin, e no partido nacionalista chinês, o Kuomintang. Estes partidos, segundo Gregor, representaram um totalitarismo em suas manifestações.

No entanto, conforme nos expõe Franklin Adler, mesmo com sua extensa análise, Gregor omitiu na maioria de seus trabalhos o racismo do fascismo italiano, apesar de já existirem trabalhos como o de Renzo de Felice e Emílio Gentile afirmando a visão de raças superiores e inferiores expostas por Mussolini<sup>95</sup>. Ao abordar conceitos relacionados à raça, Gregor expõe o surgimento e fortalecimento do nacional-socialismo de Hitler, na Alemanha. Na fundação do partido nacional-socialista dos trabalhadores alemães, Alfred Rosenberg atuou como conselheiro de Hitler. Como membro dos expatriados russos na Alemanha, foi um dos transportadores de ideias racistas, em especial, antissemitas, que circulavam pela Europa. Adler complementa que os pensamentos de Gregor tinham como base a teoria da história que concebe os eventos humanos como um conflito direto ou indireto de raças<sup>96</sup>. Para o historiador estadunidense, portanto, o Germanismo seria o vencedor destes conflitos após se livrar dos judeus, membros de uma “anti-raça” que estaria corrompendo a verdadeira religião

---

<sup>94</sup>Idem. p.167.

<sup>95</sup>ADLER, Franklin Hugh. Mussolini's Intellectuals: Fascist Social and Political Thought. **Perspectives on Politics**, v. 4, n. 1, 2006, p. 160-161.

<sup>96</sup>Idem. p. 211

nórdica. A criação de uma nova igreja por meio do espírito da raça, com um novo mito e novo símbolo identificado pela suástica seria a chave desta vitória.

A moralidade desta religião nacional-socialista teria como filosofia a noção de comunidade no lugar do individualismo. O indivíduo teria livre arbítrio para escolher fazer parte ou não desta comunidade e seguir o seu líder, mas, em geral, seguia seus deveres pois estes fazem parte da sua raça. Rosenberg também afirmou que para manter a pureza da raça nórdica e seu coletivismo, seria necessária uma vida no campo, longe das ameaças urbanas.

Para Gregor, o controle dos sentimentos religiosos que inspiram obediência e sacrifício das massas distingue os nacional-socialistas dos líderes marxistas, leninistas e stalinistas. No que diz respeito às questões econômicas, Anthony James Joes afirma que Gregor reconhece a modernização da Itália fascista.<sup>97</sup> O país teve um aumento em sua industrialização e, apesar de não ter tantos recursos geográficos e naturais quanto a URSS e Alemanha, seu progresso foi significativo comparado aos anos anteriores. Apresenta o reconhecimento de acadêmicos marxistas-ortodoxos à modernização do Estado como uma legitimação deste feito fascista.

Por fim, A. J. Gregor afirma que o fascismo seria uma variação do marxismo desenvolvido nos trabalhos de Karl Marx e Friedrich Engels. Seu conceito de socialismo, apesar de ter passado por diversas influências negadoras do materialismo, que não remetem mais ao trabalho original, teria influenciado Benito Mussolini a criar uma lógica baseada na violência contra a burguesia. Esta lógica de violência seria o âmago da ideologia fascista que a utilizaria para atingir seus objetivos de construção de uma nação fortificada pelas massas que cultuam um líder em uma espécie de religião política.

## 2.5 - As Manifestações culturais do Fascismo

Emílio Gentile é um historiador italiano nascido em 1946, em Bojano. Atualmente atua como professor de História Contemporânea na Universidade de Roma “La Sapienza”. Dentre seus principais trabalhos podem ser destacados, *Storia del Fascismo* (2022), *Le religioni della politica. Fra democrazie e totalitarismi* (2001), *Fascismo. Storia e interpretazione* (2005) e *A Linguagem fascista* (2020).

---

<sup>97</sup> JOES, Anthony James. On the modernity of fascism: Notes from two worlds. **Comparative Political Studies**, v. 10, n. 2, 1977, p. 259-268.

Em seus trabalhos, nos expõe que o surgimento de novas organizações políticas, como o socialismo, democracia e comunismo, influenciaram o surgimento de uma sacralização da política. O fascismo, para Emilio Gentile, se evidencia como um grande exemplo do surgimento de uma religião secular caracterizada pela fusão entre crença e política. Apesar do movimento não possuir uma teologia, utilizou a religião como um de seus aparatos na apresentação de uma filosofia que deveria ser seguida mediante uma organização totalitária que visava o controle político do Estado. Neste sentido, o fascismo criou seu próprio sistema de mitos, cultos, rituais e valores que serviriam para atrair as massas. Ademais, buscava o monopólio da educação para propagar sua ética.

A exibição de sua visão do fascismo se faz necessária neste trabalho devido ao fato de ser apresentado por Olavo de Carvalho como um dos expoentes da teoria de que o movimento seria uma derivação de movimentos revolucionários atrelados ao marxismo. Neste sentido, visamos expor qual foi o tratamento de Emilio Gentile acerca do tema para que, posteriormente, seja possível a compreensão de como Olavo de Carvalho o manuseou.

Em um debate sobre os estudos de Emilio Gentile, o historiador Giuseppe Caron compreende que E. Gentile discorda do teor revolucionário do governo fascista de Mussolini e atesta que seria mais apropriado sua atuação ser reconhecida por meio de uma espécie de “modernismo fascista” ou “modernismo totalitário” já que mantém parte da tradição dos governos que o precederam. Entretanto, em uma análise do fascismo enquanto movimento, Emilio Gentile reconhece uma tentativa de apresentação de mudanças e identifica em sua estrutura um modelo semelhante à religião, com meios de articulação baseados na fé, no mito, no rito e na comunhão.<sup>98</sup> Acrescenta ainda a importância da análise da estetização política para compreender a construção do novo dogma.

Ainda de acordo com Caron, para Emilio Gentile, um dos idealizadores do movimento fascista, Giuseppe Bottai, apresentou a política como uma unidade completa da vida, a qual não teria sentido se não fosse vivida coletivamente.<sup>99</sup> Seguindo suas ideias, o fascismo teria sido apresentado, portanto, como uma religião política capaz de guiar a vida humana, motivando intelectuais, jovens burgueses e patriotas a seguirem este novo movimento insurgente.<sup>100</sup> Neste caminho, o historiador Enzo Traverso completa que E. Gentile discorda da concepção de François Furet do fascismo e comunismo possuírem bases

---

<sup>98</sup> CARON, Giuseppe Rafael. Fascismo Movimento e Fascismo Governo—Um debate sobre os estudos de Renzo de Felice e Emilio Gentile. **XXVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios**. Florianópolis, v. 27, 2015.

<sup>99</sup> Idem. p. 6.

<sup>100</sup> GENTILE, Emilio. Fascism as political religion. **Journal of Contemporary History**, v. 25, n. 2, 1990, p. 235.



revolucionárias comuns, pois, para ele, se afastam desde a primeira demonstração de seus objetivos baseados no nacionalismo e internacionalismo, respectivamente.<sup>101</sup>

No entanto, conforme expressa Traverso mediante os trabalhos de Emilio Gentile, a busca por uma religião civil não teria sido uma novidade do século XX na Itália. Esta busca ocorre desde o século XIX, no período de *Risorgimento*, responsável pela construção de uma ideia simbólica da nação italiana inspirada nos jacobinos, mas, acima de tudo, nas ideias de Giuseppe Mazzini que buscava uma teocracia democrática.<sup>102</sup> A revolução nacional não teria sido completa, pois o Estado governado pela monarquia não conseguiu criar um mito de sentimento nacional baseado na fé religiosa da pátria. As ideias de Giuseppe Bottai, segundo o autor, teriam influenciado o radicalismo nacionalista anti-liberal, que, a princípio, não foi adotado pelas massas no período liberal.

E. Gentile apresenta que o fundador do movimento nacionalista italiano, o intelectual Enrico Corradini, acreditava que a adoção de uma religião nacional seria a maior ferramenta contra os socialistas marxistas e a igreja católica, além de ter o poder de integrar as massas no Estado. Em suas propostas no movimento nacionalista, teria sugerido a criação de uma religião, como no Japão, baseada na natureza e seus heróis, com um espírito revolucionário.

Para Emilio Gentile, a busca por uma religião secular não se limitava somente aos nacionalistas. Intelectuais que faziam parte da construção do revisionismo do marxismo, como Benedetto Croce, também o definiam como religioso. Mussolini compartilhava da visão de que o movimento era algo além de um conceito, mas uma crença capaz de dar esperanças à humanidade. A fundação de uma religião secular com fé na política foi muito apoiada pela “geração de 1914”<sup>103</sup>, impulsionada pela guerra.

Na guerra, conforme Emilio Gentile, teriam nascido símbolos, mitos e rituais que contribuíram para a disseminação do mito de necessidade de renovação, em todas as formas, para os soldados. Para o historiador italiano, o romancista Gabriele D’Annunzio teve papel fundamental neste período ao compartilhar suas metáforas religiosas por meio de seus escritos relacionados às suas experiências no conflito bélico europeu. Através de suas contribuições, segundo E. Gentile, somadas às de Filippo Marinetti e Sergio Pannunzio, muitos jovens e intelectuais passaram a ver o fascismo como uma alternativa que possibilita a transcendência humana a uma comunidade moral.

---

<sup>101</sup> TRAVERSO, Enzo. Interpretar el fascismo. Notas sobre George L. Mosse, Zeev Sternhell y Emilio Gentile. *Ayer*, p. 227-258, 2005.

<sup>102</sup> Idem. p. 231

<sup>103</sup> Idem. p.233

Emilio Gentile acrescenta que devido ao fato do fascismo ter surgido por meio de uma situação extraordinária impulsionada pela guerra, e não como uma teoria social, a união de seus membros teria derivado de suas atitudes em relação a uma experiência de fé nos vanguardistas que acreditavam ser os profetas da nova religião que o Estado precisava para alcançar a revolução rumo à modernidade que a Itália seria digna de alcançar. Aponta Giovanni Gentile como um dos responsáveis pelo suporte cultural que o movimento necessitava.

Ao citar a afirmação de Mussolini de que o fascismo é um conceito religioso da vida, Emilio Gentile expõe que o movimento não tinha problemas em se apresentar como uma alternativa ao catolicismo, com formas de doutrina semelhantes, tendo o partido funcionando como uma espécie de catecismo, na qual seus membros aprenderiam a missão de sua fé voltada para a criação de um “novo homem” italiano capaz de sacrificar a si em função da revolução nacional. Sua fé seria, portanto, destinada à nação e quem a traísse seria expulso do PNF. Em mais semelhanças ao cristianismo, o partido fascista exaltava a imagem do Duce, que era visto quase como um semideus. Se apresentava como um herói mítico capaz de revolucionar a nação rumo à sua grandeza. Ademais, o fascismo, mediante uma rejeição do racionalismo, teria criado um mundo simbólico composto por mitos, rituais, estética e moral, o qual tinha como objetivo a devoção completa de seu regime pelas massas.

Este mundo simbólico, conforme exprime o autor, também utilizou de ferramentas materiais para se legitimar e ser fixado na memória de quem o vive ou irá viver. Novos prédios e monumentos foram construídos para serem lembrados, assim como fizeram seus antecessores do antigo Império Romano. Criaram exposições, marchas com seus jovens soldados representantes da virilidade do novo homem italiano, além de memoriais para as vítimas de guerra. Além disso, não permitiam atuação de outros movimentos que não fossem o seu e os suprimiam violentamente através de sua milícia, os *squadri*.

Segundo E. Gentile, a construção do mito de nação foi baseada em uma ligação com a grandeza romana, a qual era sempre lembrada pela nova cultura fascista como uma demonstração daquilo que seu povo poderia voltar a ser. Apesar de não ter conseguido alcançar seus objetivos de criar uma civilização romana moderna por meio da sacralização da política, o regime fascista foi o primeiro movimento nacionalista totalitário a conseguir mover milhares de homens e mulheres num culto voltado à qualidade de valores absolutos da nação e Estado.<sup>104</sup> Este nacionalismo se apresentou como um dos maiores movimentos de extrema

---

<sup>104</sup>Idem. p.248

direita no século XX e foi derivado de um confronto com a modernidade.<sup>105</sup> Além do fascismo, alguns outros movimentos que entendem a nação como um mito e são também reconhecidos como nacionalistas por E. Gentile, tal qual o jornal *La Voce*, futurismo e associação Nacionalista, que também se fizeram presentes neste período.

Ao abordar estes movimentos, E. Gentile cita que a Itália foi um grande laboratório do nacionalismo desde o *Risorgimento*, com inspiração no liberalismo exportado através da Revolução Francesa, até grande parte dos anos 1900. Não rotula este modelo de organização como bom ou ruim, mas declara que sua essência depende dos grupos ao qual se une, sejam de esquerda ou direita, liberais ou conservadores e assim por diante. Na visão liberal do nacionalismo apresentada por intelectuais como Mazzini, Cavour e Mancini, o homem deveria ser livre e as nações deveriam ser amigas, sem o desejo de conquistar o povo e território alheio. A nação não seria definida por raças ou etnias, mas sim por um espírito comum identificado por meio de territórios, costumes e tradições compartilhadas, com permissão de livre organização política. Após o fortalecimento do imperialismo e o advento da Primeira Guerra Mundial, esta visão foi enfraquecida e deu lugar a novos tipos de nacionalismo.

E. Gentile nomeia como “nacionalismo modernista” o tipo de nacionalismo que representa uma versão de revolta geracional, um produto do mito de uma Grande Itália e o entusiasmo pela modernidade.<sup>106</sup> O futurismo fez parte deste grupo e se apresentou com ideais libertários e individualistas da sociedade. Outro movimento também surgido neste período foi o da Associação Nacional, que expôs um plano de fortalecimento estatal, regido pela lei do mais forte. Nesta mesma época também surgiu um tipo de fascismo derivado do sindicalismo revolucionário: o nacionalismo fascista, fomentado por Benito Mussolini e caracterizado pela defesa do imperialismo, a sacralização da Nação e o totalitarismo como forma de governo. Jovens intelectuais ficaram impressionados pelas promessas do fascismo em resolver os problemas pelos quais a Itália passava e apoiaram essa síntese entre tradição e modernidade.

Mussolini teve de reconhecer que sem este apoio intelectual vanguardista, a ascensão do fascismo jamais ocorreria. Enquanto alguns negavam a ligação do fascismo com a corrente do futurismo, suas semelhanças eram evidentes. O fascismo não possuía uma cultura ou ideologia própria, e em sua essência, a princípio, era anti modernista. No entanto, após o contato com o futurismo – ainda em sua formação – o movimento absorveu algumas de suas

---

<sup>105</sup> PIOVEZANI, Carlos; GENTILE, Emilio. **A linguagem fascista**. Hedra, 2020. p.1

<sup>106</sup> Idem. p.6

características culturais, como a crença da cultura com função militante, com uma glorificação ao modernismo.

As principais características do nacionalismo modernista se apresentaram no percurso rumo à criação de uma nova civilização. Esta civilização, como mencionado anteriormente, teria sua conduta moldada por meio de uma cultura intelectual, o *spiritualismo*, somada aos avanços tecnológicos e econômicos fortalecidos pela guerra e violência. O *La Voce* atuou como uma ponte que visava estabelecer uma fé religiosa na modernidade baseada no mito do “italianismo”, o qual teria a Itália como a grande protagonista do mundo.

A arte serviria como um recurso para a transcendência da política, “uma representação de senso de vida superior”.<sup>107</sup> Como mencionado por Emilio Gentile, o futurismo de Marinetti via na arte e na estética uma função política que traduz a ética de seu tempo e, com a ascensão do fascismo, apesar de em sua essência prezar pela libertação humana, renunciaram a suas convicções e utilizaram o regime como um possível caminho para a sua revolução. Pintores como Camplini, Carra e Sironi tiveram papel fundamental enquanto representantes do ideal modernista fascista. Neste ideal também estaria representado um culto ao líder, no qual Mussolini atuou como personalidade heroica do primeiro movimento totalitário do século XX. Emilio Gentile expõe que mesmo sendo reconhecido o papel do Duce como líder carismático, os estudos relacionados a esta questão não são aprofundados e possuem um caráter generalista, com problemas teóricos.

Para cumprir sua análise, E. Gentile aponta que é necessário compreender a diferença entre carisma, utilizado para descrever qualquer forma de personificação da política, e outros meios dessa personificação, que não se encaixam no conceito comumente empregado. Exprime que carisma é aplicado a homens possuidores de características fora do comum, extraordinários, capazes de gerar devoção ao povo por meio de um mito. No entanto, expõe que nem toda personificação da política tem em sua base, o mito e carisma. Enquanto a autoridade carismática é inerente ao fascismo, em manifestações políticas democráticas e liberais a presença deste tipo de atuação é atípica e depende da conduta pessoal de seu representante. Para Gentile, portanto, há dois tipos de carisma: o baseado no magnetismo do líder e o que deriva de uma fonte externa, sem estar diretamente ligado a uma pessoa específica, como na igreja católica e o Papa. Como exemplo deste primeiro modelo, o autor

---

<sup>107</sup>GENTILE, Emilio. **The struggle for modernity: Nationalism, futurism, and fascism**. Westport, CT: Praeger, 2003, p.62.

apresenta o líder soviético Vladimir Lênin, conquistador do povo através de seu encanto no movimento comunista.<sup>108</sup>

O fascismo se encaixa na segunda forma e com ou sem a presença de Mussolini em sua construção, teria investido em sua missão de ser uma ideia, uma religião. No entanto, como exposto por E. Gentile, o carisma de Mussolini também não se limitava ao seu título de Duce. A construção de sua persona política se origina em outros movimentos políticos, desde a participação no partido socialista, passando por sua expulsão do partido após expor sua visão radical de defesa da intervenção italiana na guerra, até chegar em seu auge, no fascismo.

Emilio Gentile aponta que desde a adolescência, o jovem Benito Mussolini que cresceu na cidade de Predappio acompanhando seu pai metalúrgico em mobilizações no Partido Socialista, já demonstrava seu interesse pela política.<sup>109</sup> Apesar de ter iniciado sua militância política no partido socialista italiano, desde o princípio já evidenciava a aversão à democracia parlamentar e ao liberalismo que se manteve até seu caminho fascista. No entanto, conforme o autor, não dá para concluir que o jovem Mussolini já imaginava a construção de um prelúdio fascista enquanto marxista, mas sim que este caminho foi trilhado após o contato com outras influências além do materialismo.

Conforme apresenta o historiador italiano, Benito Mussolini começou a ganhar notoriedade no meio político após assumir a direção do jornal socialista “Avanti!”, em 1912. Sua oratória conseguiu atrair apoiadores e gradualmente foi se transformando num mito para os jovens. No entanto, após o ataque de Sarajevo, declarou seu apoio à participação italiana na guerra, indo contra o que era defendido pelos socialistas marxistas naquele momento e, como resultado, foi expulso do partido em 1914.

Foi novamente considerado traidor, mas desta vez pelos nacionalistas revolucionários, em 1921, ao buscar um pacto pacífico com o partido socialista e gerou uma “revolta antimussoliana” liderada por Dino Grandi. Esta revolta também tinha como motivação a falta de modéstia do comandante do fascismo que agia como se fosse dono da organização sem necessitar do povo para obter sucesso. Neste período, muitos dentro do movimento preferiam a presença de Gabriel D’Annunzio como Duce por o considerarem mais carismático que Benito.

Em reação às acusações sofridas, Benito Mussolini afirmou que “a política é uma arte. Portanto, é um contínuo processo de aprendizagem. Ela é constituída ainda de muita

---

<sup>108</sup> Idem. p.130

<sup>109</sup> PIOVEZANI, Carlos; GENTILE, Emilio. **A linguagem fascista**. Hedra, 2020. p. 56.

intuição e só quem possui esse belo dom é que tem condições suficientes para praticá-la”<sup>110</sup>. Se apresentou como o detentor deste dom e conseguiu construir por meio de seu contato com as massas uma posição de heroísmo através da criação do mito do nacionalismo italiano, onde se colocou como o personagem capaz de guiar a regeneração da nação. O Duce disse ter reconhecido seus erros perante ao fascismo e durante a fundação do partido, em novembro do mesmo ano, institucionalizou seu poder por meio do emprego da esquadra como estrutura política e militar do movimento. Foi enaltecido por intelectuais do *La Voce*, como seu amigo Prezzolini, Corradini e demais artistas como o pintor Giovanni Papini e o escritor Gabriel D’Annunzio, pelo fato de conseguir manter unido o grupo heterogêneo que constituía o partido.

Emilio Gentile definiu o fascismo como um “cesarismo totalitário”<sup>111</sup>. Desta maneira, mesmo após o falecimento de Benito Mussolini, o partido escolheria um novo Duce que reivindicaria seu carisma de forma autoritária. Entretanto, com a presença de Mussolini ainda ativa, o reconhecimento garantido pelas massas o levou a crer que ocupava um lugar de gênio perante o povo italiano por ser o único capaz de manter vivo o mito da nação. A crença em sua grandeza pessoal levou ao seu declínio no qual, por meio do regime totalitário e o desejo de modernização do Estado fascista, a Itália integrou a Segunda Guerra Mundial.

Mussolini, já em 1941, num processo de reconhecimento de seu fracasso, percebeu que o sentimento de união nacional foi construído de forma mais orgânica e potente em governos liberais do que em seu Estado totalitário. A catástrofe militar enfrentada pela Itália na guerra e a derrocada do regime fascista fez a maioria de seus nativos perderem o sentimento de nacionalismo fascista. O líder, que até então sempre se apresentava às massas, se calou, tendo sido apelidado de “mutolini”<sup>112</sup>. O fim de seu prestígio foi reconhecido através da fúria popular e em 28 de abril de 1945 e, numa tentativa de fuga, foi fuzilado por membros do movimento antifascista italiano. Entretanto, mesmo após o fim da guerra e a morte de seu líder, a ideologia fascista se manteve presente na política italiana e foi se modelando ao longo das décadas do século XX. A Itália teve seus símbolos nacionais enfraquecidos, incluindo o Estado, mas garantiu a atuação do futebol como grande ferramenta de aglutinação cultural heterogênea até os tempos atuais.

Ao se debruçar sobre o trabalho de Emilio Gentile, Stanley Payne afirma que o historiador italiano foi capaz de oferecer uma taxonomia da sacralização da política através de

---

<sup>110</sup>Idem. p.97

<sup>111</sup>Idem. p.138

<sup>112</sup>Op. Cit.

sua análise da religião política totalitária.<sup>113</sup> Neste sentido, Payne alega que, para E. Gentile, a “religião cívica” se distingue de religiões — como o catolicismo — voltadas a um deus e que não se identifica com algum movimento político particular e coexiste, de forma separada, com o Estado. Desta maneira, esta “religião cívica” se apresenta por meio de uma construção de um credo civil desenvolvido em sistemas democráticos, pois afirma que somente neste meio há o reconhecimento da autonomia dos indivíduos, que pode levar ao florescer da adoração às instituições. Seu maior desenvolvimento ocorreu na Grã-Bretanha, Estados Unidos e França.<sup>114</sup>

Já a “religião política”, na visão de Stanley Payne sobre Emilio Gentile, se baseia em uma comunidade coletiva liderada por um representante messiânico que utiliza da memória sagrado de seu povo como ferramenta para a regeneração do presente. Assim, para Payne, E. Gentile, afirma que o fascismo desenvolveu uma religião política, mas foi no comunismo que este modelo encontrou o terreno mais fértil e se mantém até os dias atuais ao imitar temas-chave de religiões tradicionais para elaborar a nova liturgia bolchevique. Acrescenta que todas as religiões políticas possuem tendências totalitárias. Gentile apresenta o totalitarismo, conforme expõe Payne, como um processo que busca a criação de um “novo homem” baseado em uma revolução realizada por meio do controle total do Estado. Declara que todos os movimentos totalitários são “palingenéticos”.

Para se encaixar na classificação de religião política, os movimentos políticos devem criar um culto em volta de si, com a presença de costumes em comum compatíveis com os objetivos de regeneração do Estado. Apesar de parecer uma classificação clara, há confusões relacionadas a certas estruturas religiosas se encaixarem ou não neste conceito, como o caso do islamismo que, de acordo com Gentile, politiza a religião já existente ao invés de criar uma nova versão política. O mesmo ocorre com o catolicismo e o regime de Francisco Franco na Espanha. Por fim, E. Gentile conclui que as religiões políticas estão em declínio no novo milênio, mas de acordo com Stanley Payne, elas permanecem em sua forma atual representada pela religião do “politicamente correto”, que floresce cada dia mais nas universidades dos Estados Unidos.<sup>115</sup> Além do mais, com as possibilidades oferecidas pela globalização, as religiões sempre poderão utilizar meios para sobreviver ou ressurgir.

E. Gentile possui um ponto em comum com o historiador Roger Griffin: a concordância da palingênese do fascismo. O professor britânico expôs sua admiração pela

---

<sup>113</sup> PAYNE, Stanley G. Review essay-Emilio Gentile's Historical Analysis and Taxonomy of Political Religions. **Totalitarian Movements and Political Religions**, v. 3, n. 1, 2002, p. 122-130.

<sup>114</sup> Idem. p. 124

<sup>115</sup> Idem. p. 129

originalidade do trabalho do pesquisador italiano baseado no apoio comparativo de outros conceitos complementares à “religião política”, como “totalitarismo”, “revolução” e “novo homem”.<sup>116</sup> Não foi pioneiro em associar os movimentos totalitários do século XX às expressões religiosas e os trabalhos de Waldemar Gurian, Carl Friedrich, Zbigniew Brzezinski e Paul Tillich evidenciam isto, mas foi o primeiro a criar uma rede de conceitos que se alimentam mutuamente. Expande a compreensão dos conceitos norteadores da “religião política” e evita que estes sejam enclausurados em definições simplistas ou egoístas de outros pesquisadores.

Ao fazer uma autocrítica e expor que em sua primeira análise do fascismo não deu importância à “religião política”, Roger Griffin afirma que passou a reconhecer esta interpretação como essencial para a formulação de um fascismo genérico. Desta maneira, ele e outros pesquisadores passaram a ver como a ideologia fascista serviu como fonte de poder ao teor revolucionário do movimento. Para além da aceitação da sacralização da política, Griffin observa que é possível analisar o fascismo em suas diferentes manifestações, como um movimento totalitário impulsionado por uma variante revolucionária do ultranacionalismo.<sup>117</sup> Compreende, portanto, que sem o controle cultural o regime não obteria sucesso em seus objetivos de modernismo político.

Em síntese, o fascismo para Emílio Gentile se apresentou como uma forma de religião política, surgida no século XX e derivada de movimentos antecessores que datam do século XVIII. Tal religião só foi possível graças a imposições totalitárias cujo objetivo foi realizar uma revolução antropológica, baseada na renovação cultural da sociedade, que levaria a criação de uma nova civilização representada pelo ideal de “novo homem” que renovaria os tempos gloriosos que outrora já se manifestaram por meio do grande império romano. A presença de um líder carismático personificado em Benito Mussolini que construiu sua carreira política em organizações diversas, desde o socialismo ao fascismo, se fez essencial para este processo, assim como expressões artísticas materializando o ideal fascista.

Observamos, portanto, que a “nova direita” mobiliza diversas teorias relacionadas ao fascismo e sua gênese. Não se limitam a um espaço físico e temporal e se adaptam às ideias que melhor se encaixam em suas necessidades. Neste sentido, assim como estes intelectuais, em especial Olavo de Carvalho, nos dedicamos a analisar visões que tratam o tema mediante diversas lúps, mesmo que estas não se complementem.

---

<sup>116</sup> GRIFFIN, Roger. Cloister or cluster? The implications of Emilio Gentile's ecumenical theory of political religion for the study of extremism. **Totalitarian Movements and Political Religions**, v. 6, n. 1, 2005.p.34

<sup>117</sup> Idem. p.57.



### 3. Olavo de Carvalho e os usos políticos do Fascismo

Neste capítulo, nos dedicaremos à figura essencial do intelectualismo da nova direita brasileira, Olavo de Carvalho. Para tal, iremos abordar de que forma se deu sua construção como intelectual; o início de seus cursos de filosofia e sua paixão pelo esoterismo; sua guinada ao tradicionalismo nos anos 1980, condutora de seu conhecimento mais aprofundado do catolicismo, religião à qual se tornou fiel até o final de sua vida em 2022. Por fim, seu destaque enquanto intelectual proeminente do campo direitista, a partir do século XXI.

Também iremos dar destaque ao apelo de Olavo de Carvalho à existência de uma “Guerra Cultural” entre direita e esquerda, fomentada por um “Gramscismo de direita” para nos aprofundarmos em sua tradicional operacionalização do revisionismo histórico na elaboração de suas concepções. Os objetos de análise serão constituídos pelos textos no site “[olavodecarvalho.org](http://olavodecarvalho.org)”, por meio da metodologia de História Digital desenvolvida pela historiadora Anita Lucchesi. Os textos foram selecionados conforme a temática a qual foram inseridos, neste caso, o fascismo e a descrição que Olavo de Carvalho faz do conceito e movimento. Como complemento aos temas abordados, iremos nos ater às produções especialistas da grande área de Humanidades, são eles: Lucas Patschiki; Fernando Perlatto; Jorge Challoub; Guilherme Casarões; Benjamin Teitelbaum e Mark Sedgwick, que dedicaram esforços para compreender a figura de Olavo de Carvalho e sua relação com a estrutura da nova direita brasileira.

Temos por objetivo apresentar como Olavo de Carvalho, através do conceito de “revisionismo histórico” de Marcos Napolitano, faz uso político do termo “fascismo” ao defini-lo como parte do campo político da esquerda, a fim de produzir um meio de deslegitimação desse espectro. Para utilizarmos os conceitos “esquerda” e “direita”, optamos por nos ater a caracterização oferecida pelo cientista político Norberto Bobbio.

Por fim, iremos nos aprofundar em como se deu a legitimação de sua persona como “guru” da nova direita brasileira. Tal reconhecimento público será mensurado por meio da análise dos investimentos financeiros em suas obras; a concretude de suas alianças nacionais e internacionais; além da apreciação de como as sementes plantadas por ele em diversos *think-tanks* do campo direitista foram capazes de gerar frutos que alimentam o cenário político até os dias atuais, em especial, após a vitória presidencial de Jair Messias Bolsonaro, pessoa a quem se tornou conselheiro em 2018.

### 3.1 - A Construção política de Olavo de Carvalho

Olavo Luiz Pimentel de Carvalho, nascido na cidade de Campinas, em 26 de abril de 1947, foi uma importante figura para a consolidação da nova direita brasileira. Falecido em 24 de janeiro de 2022 em decorrência de insuficiência renal, cardíaca e respiratória, deixou a esposa, Roxane Andrade de Souza, grande companheira em sua jornada política e espiritual, além de oito filhos, sendo estes: Davi, Heloisa, Leilah, Luiz Gonzaga, Maria Inês, Pedro, Percival e Tales, e 18 netos<sup>118</sup>.

Em sua infância, marcada por um longo período de enfermidade, Carvalho foi educado imerso em meios religiosos. Afirmou que pôde contemplar a beleza da metafísica durante os momentos em que sua doença limitava seu convívio com o mundo exterior, pois “não vivia no mundo horizontal como as pessoas saudáveis” e somente anos depois foi capaz de alcançar a completude dessas experiências através do contato com os trabalhos de René Guénon e Raymond Abellio<sup>119</sup>. Nos anos 1960, em sua juventude, residindo na cidade de São Paulo, conseguiu um emprego no jornal Notícias Populares, e se filiou, por pouco tempo, ao Partido Comunista Brasileiro (PCB)<sup>120</sup>. Interessado em filosofia, passou a frequentar cursos nas universidades Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Universidade de São Paulo (USP), mas nunca chegou a concluí-los por acreditar que aprenderia mais fora da academia<sup>121</sup>.

Após conquistar o registro de jornalista profissional, Olavo de Carvalho conseguiu

passar pela Folha da Manhã como repórter, redator copydesk, setorista credenciado no Palácio do Governo (1967–1971); pela revista Brasil-Israel como crítico de filmes (1968); pelo Cidade de Santos como editor de notícias (1971–1972); pela revista Atualidades Médicas como editor de texto (1973–1974); pelo Jornal da Tarde do Estado de S. Paulo como editor assistente de notícias políticas (1973–1975); pelo Jornal da Semana como secretário de redação (1976–1977); e de 1977 até 2005 trabalhou como freelance em um sem número de revistas e jornais.<sup>122</sup>

---

<sup>118</sup> Embora tenha sido diagnosticado com Covid oito dias antes de seu falecimento — além de ter sido afirmado por sua filha Heloisa que a causa da morte estaria vinculada a complicações da doença —, sua esposa Roxane negou que tenha sido o vírus o responsável por ceifar sua vida. ANDRADE DE SOUZA, Roxane. **Dados biográficos**. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/dados-biograficos/>. Acesso em: out. 2024.

<sup>119</sup> Lucas Patschiki em sua dissertação de mestrado defendida em 2012, apresentou as trajetórias que moldaram a carreira pública de Olavo de Carvalho. Deteve-se a relatos autobiográficos de seu objeto de estudo, incluso este trecho apresentado neste trabalho e, assim como Patschiki, "temos de indicar para nosso leitor que a veracidade destes fatos escapa da nossa alçada". PATSCHIKI, L. **Os litores da nossa burguesia: o Mídia sem Máscara em atuação partidária (2002-2011)**. Dissertação de Mestrado, 2012, p. 25-27.

<sup>120</sup> A menção à sua filiação ao PCB, apesar de não ser confirmada oficialmente por dados além de testemunhos de Olavo de Carvalho, é necessária devido ao fato dele utilizar este percurso de sua trajetória como essencial à sua aversão aos comunistas.

<sup>121</sup> Op. Cit.

<sup>122</sup> Idem, p.28.

A dedicação ao trabalho e a família, somados à relutância com os professores dos cursos que já frequentou, extinguíram o desejo de Olavo de Carvalho de voltar para a graduação. Embora não buscasse uma educação formal, ainda buscava aprender sobre temas que lhe interessavam e para tal buscou mentores que pudessem lhe ajudar nesta tarefa. Em seu currículo, Carvalho agradeceu alguns nomes que tiveram papel fundamental em sua formação:

Juan Alfredo César Müller, psicólogo clínico diplomado pelo Instituto de Psicologia de Zurique e ex-aluno de Jung, L. Szondi e Marie-Louise von Franz; sob a orientação do Dr. Müller, estudou psicologia durante mais de dez anos; Marcel van Cutsem, filólogo e erudito belga, residente em São Paulo, sob cuja orientação estudou línguas e literatura; Lívio Vinardi, físico e esoterista argentino, sob cuja orientação estudou bioenergética, parapsicologia e assuntos afins. Marco Pallis, religioso e erudito budista, residente em Londres, autor de *A Buddhist Spectrum*, *Peaks and Lamas* e *The Way and the Mountain*, livros clássicos na área das Religiões Comparadas. José Khoury, erudito e filólogo libanês, de quem aprendeu princípios de língua árabe e história da civilização islâmica. Martin Lings, diretor da Seção de Manuscritos Orientais do Museu Britânico, de quem recebeu orientação pessoal para o estudo de religiões comparadas.<sup>123</sup>

A partir de 1977, por meio de convites externos, ministra cursos e conferências voltados a temas diversos como “Introdução ao Estudo das Medicinas Tradicionais”, “Introdução às Artes Liberais” e “Possibilidades e limites da pesquisa científica em astrologia”. Seguiu nesse caminho de figura intelectual e sua paixão pelo esoterismo o levou a participar da criação de uma escola de astrologia, a Escola de Júpiter, local onde passou a ministrar seminários voltados ao tema<sup>124</sup>. Nesta escola, por meio de uma palestra ministrada por Michel Veber<sup>125</sup>, aumentou seu interesse por autores como René Guénon e Julius Evola, grandes nomes da filosofia tradicionalista<sup>126</sup>. O contato com os trabalhos de Guénon e Evola o

<sup>123</sup>CARVALHO, Olavo de. **Curriculum: Résumé — Portuguese version**. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/curriculum/>.

<sup>124</sup>CALIL, Gilberto. Olavo de Carvalho e a ascensão da extrema-direita. **Argumentum**, v. 13, n. 2, p. 64-81, 2021.

<sup>125</sup> Michel Veber (1926-2003) foi um dos expoentes do tradicionalismo no Brasil. Junto de sua esposa, que tinha laços com Fernando Galvão, fundou a Academia Kan-Non, local onde somava a doutrina tradicionalista à prática T'ai Chi. SEDGWICK, Mark. **Traditionalism in Brazil: Sufism, Ta'i chi, and Olavo de Carvalho**. **Aries**, v. 21, n. 2, p. 159-184, 2020.

<sup>126</sup> A filosofia tradicionalista, considerada uma mistura entre religião e filosofia, teve como principais expoentes René Guénon, através da construção da teoria perenialista em sua obra “A Crise do mundo moderno”, lançado em 1927. e o italiano Julius Evola, em “Revolta Contra O Mundo Moderno”, de 1926, onde propõe uma revolução tradicionalista frente à modernidade. SEDGWICK, Mark. **Contra o mundo moderno: O Tradicionalismo e a história intelectual secreta do século XX**. Editora Âyiné, 2021.

De acordo com Mark Sedgwick, a chegada destas ideias na América Latina ocorreu ainda nos anos 1920 na Argentina, por meio de escritores e católicos nacionalistas, e no Brasil por meio de Fernando Guedes Galvão, empresário brasileiro que conheceu Guénon pessoalmente em uma viagem a Paris e foi responsável pela criação do Instituto René Guénon. SEDGWICK, Mark. **Traditionalism in Brazil: Sufism, Ta'i chi, and Olavo de Carvalho**. **Aries**, v. 21, n. 2, p. 159-184, 2020. Instituto René Guénon. Fernando Guedes Galvão. Disponível em: <https://reneguemon.net/oinstitufoernadoguedesgalvao>. Acesso em out. 2024.

inspiraram a criar um setor de estudos tradicionalistas na Escola de Júpiter, além de frequentar a organização “A Tradição”, que tinha como líderes os irmãos Omar Ali-Shah e Idres, a qual rompeu laços após acusar suas lideranças de charlatanismo<sup>127</sup>.

Após quase perder as esperanças com os seguidores de Guénon e Evola, Olavo de Carvalho estreitou laços com Marco Pallis<sup>128</sup> e decidiu fundar uma nova organização tradicionalista no Brasil e, diferente do Instituto René Guénon, não queria se limitar somente à doutrina, mas também aliá-la à prática Sufi. Desta maneira, por intermédio de Pallis, conseguiu, em meados dos anos 1980, contato com Martin Lings e se aproximou da tariqa<sup>129</sup> Maryamiyya, liderada pelo suíço Frithjof Schuon.

Ao seguir todas as orientações de Martin Lings para se aproximar do *shayk* da Maryammya, Olavo de Carvalho passou a fazer parte do islamismo e nomeou-se Sid Muhhamad<sup>130</sup>. Graças à mediação de Lings, Sid Muhammad conseguiu marcar uma visita à sede da organização de Schuon em Bloomindagle, no estado de Virgínia, nos Estados Unidos, em 1984, na qual foi nomeado pelo *shaykh* Isa Nur alDin (Schuon), *muqaddam* de uma tariqa no Brasil, em 1985<sup>131</sup>. Embora tenha cumprido o objetivo de sua visita, a princípio Olavo de Carvalho sentiu-se relutante quanto à Maryammya, ao declarar ter sido esnobado pelas lideranças que estavam mais preocupadas em se aproximar de jovens mulheres que estavam passando pelo percurso de iniciação na comunidade.

Olavo de Carvalho não detinha conhecimentos profundos acerca da liderança da prática sufista incorporada ao tradicionalismo de Schuon, pois não havia um manual a ser seguido e, para dar seguimento aos seus deveres, seu maior mentor neste período continuou sendo o inglês Martin Lings, que conhecia a fundo o funcionamento da Maryamiyya. A prática do sufismo na tariqa de Sid Muhhamad manteve alguns traços originais, como o pagamento de taxas referentes às obrigações religiosas, mas também adicionou práticas de

---

<sup>127</sup> Os líderes da “Tradição”, que tinham ligações com tradicionalistas argentinos, foram investigados pela polícia brasileira por engendrar uma seita que tinha por objetivo arrecadar dólares e enviar para o exterior. SEDGWICK, Mark. Traditionalism in Brazil: Sufism, Ta’i chi, and Olavo de Carvalho. *Aries*, v. 21, n. 2, p. 159-184, 2020. p.170

<sup>128</sup> Mark Sedgwick o define como um tradicionalista inglês, escritor do budismo e seguidor de Schuon. Idem, p. 171.

<sup>129</sup> Tariqa representa uma ordem da religião Sufi dividida entre muqaddam, shaykh e khalifa, do menos para o mais importante. É um anexo organizacional da religião Sufi, liderada por um muqaddam (representante local de uma Tariqa distante de sua base), Shaykh (líder da base) e Khalifa. Olavo de Carvalho recebeu o título de muqaddam que se refere à liderança de uma ordem Sufi, neste caso a vertente brasileira da Maryammya. TEITELBAUM, Benjamim R. **Guerra pela eternidade**: O retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita populista. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

<sup>130</sup> Olavo disse que nunca se converteu ao islamismo mas sim que passou a praticá-lo. SEDGWICK, Mark. Traditionalism in Brazil: Sufism, Ta’i chi, and Olavo de Carvalho. *Aries*, v. 21, n. 2, p. 159-184, 2020, p. 171.

<sup>131</sup> TEITELBAUM, Benjamim R. **Guerra pela eternidade**: O retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita populista. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

atos sexuais para concretizar a iniciação de mulheres à religião, sob as quais Olavo de Carvalho chegou a ser denunciado no Brasil.<sup>132</sup>

Apesar de sua experiência como *muqaddam* não ter sido duradoura, o tradicionalismo teve grande influência em sua trajetória. A educação de seus filhos não foi baseada nos moldes formais e, ao contrário do habitual, foram mantidos longe da escola durante a infância para conviverem em sua *tariqa*. Com seus filhos convertidos ao islamismo, Olavo de Carvalho chegou a realizar o casamento de sua filha mais velha, Heloísa, com somente 16 anos, sob a demanda de um dote de 1.500.000 cruzeiros<sup>133</sup>.

Embora tenha experienciado o islamismo, de acordo com Teitelbaum, foi através do meio tradicionalista que Olavo se aproximou do catolicismo de forma mais dedicada e desde então passou a adotá-lo como crença. Mark Sedgwick acrescenta que seu catolicismo teve grande influência do padre estoniano Stanislavs Ladusāns, fundador da Associação Católica Interamericana de Filosofia, que afirmava que a salvação da crise moderna estaria na “verdade transcendental católica”. Olavo e Ladusāns trabalharam juntos no “Conjunto de Pesquisas Filosóficas” da PUC-Rio até o falecimento de seu líder, em 1993<sup>134</sup>.

Nos anos finais da década de 1980, após se afastar das práticas tradicionalistas, Carvalho passou a se dedicar à formação de seus cursos permanentes nos quais ministrava “Seminários de Filosofia” que tinham por objetivo “desenvolver o senso pessoal da verdade” por meio de estudos sobre filosofia, artes, religião comparada, ciências humanas e ciências da natureza<sup>135</sup>. Patschiki define que o Seminário foi o “primeiro passo para a consolidação de Carvalho como comentarista político. É através deste que passa a trabalhar como intelectual”<sup>136</sup>.

Desta forma, após conquistar seu reconhecimento enquanto intelectual, Olavo de Carvalho utilizou as teorias da conspiração como fomento para seus trabalhos. Um de seus principais argumentos conspiratórios foi o anticomunismo, especialmente o apoio a ideia de “gramscismo cultural” que, de acordo com ele, é construído por figuras públicas pertencentes à esquerda, sejam elas intelectuais, políticos, jornalistas, músicos, cineastas, etc., cuja função

---

<sup>132</sup> Idem, p. 210.

<sup>133</sup> SEGALLA, Vinicius. **Olavo de Carvalho criou os filhos fora da escola e em comunidade islâmica**. Carta Capital, 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/olavo-de-carvalho-criou-filhos-fora-da-escola-e-em-comunidade-islamica/>. Acesso em: out. de 2024.

<sup>134</sup> SEDGWICK, Mark. Traditionalism in Brazil: Sufism, Ta’i chi, and Olavo de Carvalho. *Aries*, v. 21, n. 2, p. 159-184, 2020. p.174

<sup>135</sup> PATSCHIKI, L. **Os litorais da nossa burguesia**: O Mídia sem Máscara em atuação partidária (2002-2011). Dissertação de Mestrado, 2012, p. 33.

<sup>136</sup> Op. Cit.

é manipular a sociedade via uma doutrinação para angariar aliados ao marxismo<sup>137</sup>. Conforme aponta Renato Amado, ao “dizer que todo homem de esquerda segue o gramscismo sem se dar conta, Carvalho deslegitima e coloca no campo de um radicalismo inconsciente mesmo os mais moderados progressistas”<sup>138</sup>.

Tal radicalismo inconsciente está ligado ao pensamento de associar o espectro da esquerda somente ao comunismo, além da difusão da vulgarização do conceito e movimento. Olavo de Carvalho apresenta uma versão da esquerda que liga a violência, roubo de propriedades privadas, fome e demais adjetivações que veiculam um caráter negativo frente à direita, criando uma dualidade maniqueísta entre ambos espectros políticos. A construção e divulgação de narrativas voltadas às teorias da conspiração fazem parte da construção de uma nova forma de organização política ao redor do mundo, em especial, nos Estados Unidos: a *alt-right*<sup>139</sup>.

Olavo de Carvalho assemelha seus discursos aos demais intelectuais da direita alternativa mundial, como o estadunidense Steve Bannon. Além de compartilhar raízes ideológicas advindas do tradicionalismo<sup>140</sup> e terem sido, em certa medida, mentores dos presidentes Jair Messias Bolsonaro e Donald Trump, o fundamento metodológico de ambos se situa na concepção de uma ideologia vilanesca, neste caso, o globalismo e o “marxismo cultural”.

Ao contrário de sua aproximação às ideias de Steve Bannon, Olavo de Carvalho participou de polêmicas envolvendo outro grande nome do tradicionalismo mundial: o cientista político e filósofo russo Alexander Dugin. Oposto ao conceito “Eurasiano”<sup>141</sup> de Dugin, Olavo de Carvalho chegou a participar, em 2012, de um debate direto com o intelectual russo na tentativa de refutar suas concepções. Tal debate foi publicado e divulgado

---

<sup>137</sup> AMADO, Renato. Gramscismo e globalismo: As Teorias da conspiração capilarizadas por Olavo de Carvalho e suas inconsistências. **Brasil/Brazil**, p. 68–82, 2023.

<sup>138</sup> Idem, p.73.

<sup>139</sup> Pablo Stefanoni agrega que a definição da direita alternativa pode ser vista como “unos conservadores que ya no tienen nada que conservar”. Sendo assim, podem ser vistos como uma via mais radical da direita, que não se limita somente às questões econômicas e deixam a mostra seu caráter racista, machista e homofóbico. STEFANONI, Pablo. **¿ La rebeldía se volvió de derecha?** Cómo el antiprogresismo y la anticorrección política están construyendo un nuevo sentido común (y por qué la izquierda debería tomarlos en serio). Siglo XXI Editores, 2021.

<sup>140</sup> TEITELBAUM, Benjamim R. **Guerra pela eternidade: O retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita populista**. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

<sup>141</sup> Alexander Dugin define o Eurasianismo como uma forma de resistência à dominação global feita pelos Estados Unidos. Para o filósofo, somente o povo russo seria capaz de compor uma “comunidade eurásiana completamente única”, com um caminho histórico próprio e seu programa nacional e estatal “não coincide com o da tradição ocidental europeia”. Desta maneira, portanto, “A Eurásia seria uma civilização com contornos próprios — históricos, econômicos, culturais, linguísticos, étnicos e geográficos —, que se diferenciava da Europa e da Ásia e seria não democrática e não capitalista”. Cruz, N. dos R. (2024). Aleksandr Dugin, o Projeto Neoeurasianista e a Narrativa sobre a Nova Ordem Mundial. **Estudos Internacionais Revista De relações Internacionais Da PUC Minas**, 11(2), 53-70. p. 56-57.

no formato de livro (apesar de também ser possível encontrar a versão integral no YouTube<sup>142</sup>), sob o título de “Os EUA e a Nova Ordem Mundial”.

Neste livro/debate, Olavo de Carvalho reforça a noção de que somente os Estados Unidos possuem a substância necessária para a salvação da humanidade presente no Kali Yuga<sup>143</sup>. Para ele, o tipo de homem puro, quase inibido dos males globalistas, são os estadunidenses que vivem no interior do país, principalmente, na zona rural sulista, brancos e apoiadores do Partido Republicano. Este grupo seria considerado a casta mais pura entre a humanidade devido ao fato de não ter em seus objetivos de vida o enriquecimento, além de rejeitarem os princípios liberais, em geral, atrelados à esquerda, como noções raciais e de gênero.

Ao se opor a Dugin, que vê os Estados Unidos da América como um dos grandes males do mundo contemporâneo, capaz de ser derrotado somente por meio do Eurasianismo, Olavo de Carvalho se aproxima ainda mais de Steve Bannon e de sua convicção de que os EUA exercem o papel de modelo a ser seguido. Com metodologias semelhantes, baseadas na implantação de suas visões nas instituições liberais para que estas sejam destruídas, Bannon e Carvalho se firmaram na década de 2010 como mentores (apesar de Olavo de Carvalho negar este título) intelectuais dos presidentes Donald Trump e Jair Messias Bolsonaro, respectivamente. Ambos influenciaram a escolha de personagens importantes para a participação interna na máquina estatal democrática, como a sugestão de Ernesto Araújo, simpático a visões tradicionalistas e ao governo de Trump, ao cargo de ministro de Relações Exteriores no Brasil, posição que ocupou durante os anos de 2019 e 2022<sup>144</sup>.

Ainda que tenha se afastado dos princípios de René Guénon, Olavo de Carvalho o referenciou como um de seus gurus intelectuais até o final de sua vida<sup>145</sup>. Sua construção filosófica se apresenta de maneira dúbia, mas encontra consistência no que diz respeito ao trato das filosofias progressistas, pois sempre expõe uma posição contrária a qualquer referência ao campo da esquerda política.

---

<sup>142</sup>Debate entre Olavo de Carvalho e Aleksandr Dugin. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ZpjwJ\\_jRpMo](https://www.youtube.com/watch?v=ZpjwJ_jRpMo). Acesso em novembro de 2024.

<sup>143</sup> O Tradicionalismo apresenta categorias temporais que vão desde a idade do outro a idade sombria. Em cada uma destas temporalidades há uma casta dominante. A idade sombria, a última dos quatro ciclos antes do renascimento até a idade de ouro, é denominada como “Kali Yuga e representa um reinado de quantidade que dá poder político às massas na forma de democracia ou de comunismo. TEITELBAUM, Benjamim R. **Guerra pela eternidade**: O retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita populista. Campinas: Editora Unicamp, 2020. p.35.

<sup>144</sup> Idem, p. 244.

<sup>145</sup> CARVALHO, Olavo de. **Meus Gurus**. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/alguns-de-meus-gurus/>. Acesso em: Novembro de 2024.

Neste sentido, Olavo de Carvalho conseguiu, portanto, traduzir para o Brasil a metodologia anticomunista que permeia os Estados Unidos desde os anos 1970 e se fortaleceu no formato de “Marxismo cultural” a partir da queda do muro de Berlim, em 1991<sup>146</sup>. Conforme expõe Guilherme Casarões<sup>147</sup>, muito do que foi escrito por Olavo de Carvalho, a partir da década de 1990, foi totalmente inspirado em intelectuais da direita estadunidense como Allan Bloom e Michael Minnicino<sup>148</sup>. Sendo assim, a utilização do “marxismo cultural” ocorre por meio da argumentação de intelectuais de direita de que houve uma vitória parcial do comunismo em instâncias culturais e sociais, tendo em vista que a níveis econômicos foram derrotados pelo capitalismo<sup>149</sup>. De acordo com Pablo Stefanoni, afirmam haver uma hegemonia da esquerda em várias camadas sociais, inclusive em lugares-chave do poder global. Acrescentam que o mundo está dominado pelo “politicamente correto” e que esse modelo de coerção imposta se aproxima a uma inquisição na qual homens brancos e ricos não podem mais agir livremente como outrora. De tal maneira, o “marxismo cultural” é uma espécie de bode expiatório da nova direita.

Apesar de Olavo de Carvalho se apropriar do anticomunismo remodelado para as normas capitalistas do final do século XX, este padrão de disputa pelos antagonistas políticos (liberais e fascistas), conforme nos explicita Lucas Patschiki, advém desde a fundação da teoria de Marx e Engels no Manifesto do Partido Comunista, lançado em 1848<sup>150</sup>. As táticas utilizadas ainda no século XIX se assemelham bastante às vistas no novo milênio. Marie-Claire Lavabre, de acordo com Patschiki, aponta que o anticomunismo pode ser visto de maneira ampla como uma forma de caricatura do comunismo pelos inimigos na qualidade de forma de combate. No entanto, de forma mais minuciosa, pode ser compreendido através de dois elementos: “o primeiro, a função de difundir o medo do comunismo, focando temas como a partilha social ou a revolta popular”<sup>151</sup> e “o segundo elemento refere-se à função de atribuir ao comunismo distorções, o atacando como sendo equivalente ao que se acusa de ser

---

<sup>146</sup>CASARÕES, Guilherme. O movimento bolsonarista e a americanização da política brasileira: causas e consequências da extrema-direita no poder. *Journal of Democracy*, v. 11, n. 2, p. 7-44, 2022.

<sup>147</sup> Idem, p.20

<sup>148</sup> Michael Minnicino é reconhecido como o criador do “marxismo cultural” relacionado à propaganda negativa para o progressismo. Ver mais em: DA SILVA, Wellington Teodoro; SUGAMOSTO, Alexandre; ARAUJO, Uriel Irigaray. O marxismo cultural no Brasil: origens e desdobramentos de uma teoria conservadora. *Cultura y religión*, v. 15, n. 1, p. 180–222, 2021. e Minicino, M., & Zanon, C. (2022). A nova idade das trevas: a Escola de Frankfurt e o “politicamente correto”. *Políticas Culturais Em Revista*, 15(1), 219–268.

<sup>149</sup> Pablo Stefanoni associa o surgimento do termo a intelectuais libertários como Ludwig Von Mises e Friedrich Hayek.

<sup>150</sup>Patschiki, L. **Os litorais da nossa burguesia**: O Mídia sem Máscara em atuação partidária (2002–2011). Dissertação de Mestrado, parte 3, p. 92.

<sup>151</sup> Idem, p. 93.



comunista”<sup>152</sup>, inserido no que o historiador Marcos Napolitano apresenta como “revisionismo ideológico”, caracterizado por:

Revisionismo de matriz ideológica que parte unicamente de demandas ideológicas e valorativas e colige fontes e autores para confirmar uma visão pré-construída acerca de um tema histórico, quase sempre polêmico. Esse revisionismo é refém de objetivos meramente ideológicos, da falta de método e da ética da pesquisa historiográfica<sup>153</sup>.

Desta maneira, o comunismo é retratado por seus opositores como antagonista ao bem-estar social. A construção do medo que o representa como um espectro que ronda e assombra a civilização o coloca em uma posição de barbárie frente ao mundo ocidental. A narrativa de seus inimigos ideológicos (os fascistas, conservadores e liberais), propõe a oposição a um mundo de terror simbolizado pela União Soviética como representante máxima de um mundo movido por guerras e miséria, contra o Ocidente simbolizado pelos Estados Unidos e o sucesso capitalista. O medo do “mal” impede a curiosidade de buscar conhecer o que de fato é apresentado na teoria marxista e, conseqüentemente, no comunismo.

Patschiki acrescenta que a criação dessa dicotomia de bem versus mal fomenta a ideia de “nós” contra “eles”. Tal estratégia foi mantida no campo de disputa política e pode ser vista em integrantes da direita contemporânea, especialmente da *alt-right*, ao redor do mundo, como Donald Trump, nos Estados Unidos e Jair Bolsonaro, no Brasil<sup>154</sup>. Olavo de Carvalho, portanto, não foge deste padrão e usa o anticomunismo na maioria de seus discursos e “assume duas posições distintas e complementares, por vezes tomando a forma de uma ciência, a da contraposição da estratégia marxista, e por outras, a mera rejeição do comunismo”<sup>155</sup>. Na primeira posição apresenta uma tentativa de negar a ciência do marxismo, dando luz no que diz respeito à ideia de construção de senso crítico por meio de seus adeptos e na segunda nega o comunismo devido ao fato de ser uma “ideologia”.

Olavo de Carvalho transpõe esta argumentação para o cenário brasileiro através da atuação do Partido dos Trabalhadores (PT), figurado nos anos 2000 (e agora, em 2024, novamente) por Luiz Inácio Lula da Silva. Para ele, a formação de uma estratégia, com capacidade de se infiltrar em espaços institucionais, é um êxito do Foro de São Paulo, comandado por Lula até o ano de 2002. Conforme Gilberto Calil aponta, para poder evitar debates sérios, com interlocutores capazes de refutá-lo em suas afirmações, Olavo de

---

<sup>152</sup> Op. Cit..

<sup>153</sup> Napolitano, 2021, p. 99.

<sup>154</sup> STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**: A política do “nós” e “eles”. L&PM Editores, 2018.

<sup>155</sup> PATISCHKI, L. **Os lóres da nossa burguesia**: O Mídia sem Máscara em atuação partidária (2002-2011). Dissertação de Mestrado, parte 3, p.97.

Carvalho adquire uma forma de comunicação caracterizada por comentários agressivos, muitas vezes recheados de palavrões e trocadilhos esdrúxulos<sup>156</sup>.

A internet é o principal meio de divulgação deste tipo de discurso e Olavo de Carvalho fez questão de ocupar este espaço desde sua popularização, durante a virada de séculos. Em 2002 lança seu primeiro blog, o Mídia Sem Máscara (MSM), visando expor assuntos que não seriam abordados pela mídia tradicional, tida para ele como aliada ao “esquerdismo”. Desta maneira, por meio deste site, consegue alavancar o seu alcance para um público mais diversificado.

Em seguida, cria outro blog, o olavodecarvalho.org: *sapientiam autem non vincit malitia* (mas a malícia não supera a sabedoria), onde, assim como no MSM, reúne artigos relacionados a temas diversos, mas com grande ênfase em política. Disponibilizou também em formato online o seu curso de filosofia que, atualmente, após a sua morte, continua em vigor com a taxa de assinatura anual sob o valor de R\$597,00<sup>157</sup>. Depois, ao acompanhar as mudanças da internet, dedicou-se, desde 2007, a criar vídeos em seu canal do YouTube<sup>158</sup>, no qual, assim como em seus sites, buscou apresentar seu conhecimento acerca da filosofia. Além disso, também se fez bastante presente em suas redes sociais, as quais contam com mais de um milhão de seguidores mesmo após o seu falecimento, em 2022<sup>159</sup>.

### 3.2 — O Fascismo sob a ótica de Olavo de Carvalho

Olavo de Carvalho conseguiu levar suas ideias a uma ampla variedade de plataformas, incluindo palestras, livros, artigos em jornais, blogs, YouTube, redes sociais e podcasts. Contudo, considerando a dificuldade de explorarmos toda a sua contribuição intelectual — que reconhecemos ser bastante extensa —, nos concentraremos exclusivamente em seus trabalhos escritos. Além disso, como o foco de nossa pesquisa é compreender como é

---

<sup>156</sup> CALIL, Gilberto. Olavo de Carvalho e a ascensão da extrema-direita. *Argumentum*, v. 13, n. 2, 2021. p. 8

<sup>157</sup> Assinatura COF. Disponível em:

[https://sl.seminariodefiosofia.org/assinatura-cof/?utm\\_id=google-ads&utm\\_campaign=ppt-ads&utm\\_source=google-ads&utm\\_term=max-performance2-01&utm\\_medium=ads-max-performance&utm\\_content=&sck=ppt-google-ads-frio-max-performance2-01&gad\\_source=1&gclid=Cj0KCOiAvoi8BhDvARIsAO\\_CDsCXVaVspq27zpiNFg26smIDDmZ3lISPscCV43oxdQKv22CCjQJjWFoaAvEmEALw\\_wcB#offer](https://sl.seminariodefiosofia.org/assinatura-cof/?utm_id=google-ads&utm_campaign=ppt-ads&utm_source=google-ads&utm_term=max-performance2-01&utm_medium=ads-max-performance&utm_content=&sck=ppt-google-ads-frio-max-performance2-01&gad_source=1&gclid=Cj0KCOiAvoi8BhDvARIsAO_CDsCXVaVspq27zpiNFg26smIDDmZ3lISPscCV43oxdQKv22CCjQJjWFoaAvEmEALw_wcB#offer). Acesso em: 09 out. 2024.

<sup>158</sup> Olavo de Carvalho. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC6ROhzm93SterWntL7G>. Acesso em: out. 2024.

<sup>159</sup> Facebook: Olavo de Carvalho. <https://www.facebook.com/carvalho.olavo/>. Instagram: Olavo de Carvalho. <https://www.instagram.com/olavodecarvalho/?hl=pt-br>, X: <https://x.com/opropriolavo>. Acesso em: out. 2024.

apresentado o conceito do fascismo pelos intelectuais da nova direita brasileira, iremos nos ater unicamente a esta fração de seu conteúdo para análise.

Ainda que pareça uma pequena parcela da imensidão de materiais escritos deixados por Olavo de Carvalho, nossa investigação será restringida ao seu blog pessoal “olavodecarvalho.org”, local ao qual escolheu unir grande parte de suas redações divulgadas em outros veículos, bem como trechos e capítulos completos de seus livros, entrevistas e artigos inéditos. A escolha da figura de Olavo de Carvalho e seus rastros digitais apropriados como instrumento de estudo não é inédita, e notadamente o trabalho pioneiro de Lucas Patschiki pavimentou um longo caminho a ser seguido. Sendo assim, visamos complementar os estudos relacionados à importância de Olavo de Carvalho e seus mecanismos para o cenário político brasileiro.

Na década de 1990, o aparecimento de um novo ecossistema no Brasil transformou os meios de comunicação vigentes até então <sup>160</sup>. Este ecossistema virtual, apresentado por meio de uma teia informacional, a *World Wide Web* foi habitado por indivíduos reais e permitiu a difusão de *think-tanks* para públicos mais variados e extensos. Após este advento da internet, os mecanismos direcionados à formação política se desempenharam de maneira mais eloquente. Conforme salientado por Odilon Caldeira Neto em consonância com Camila Dantas, “o passado é problematizado e rearticulado em diferentes níveis, para diversificados usos”. Neste sentido, para conseguirmos compreender as nuances deste meio, iremos nos apropriar das articulações entre memória e história nas redes através da metodologia de história digital para a execução deste trabalho <sup>161</sup>.

A história digital emerge sob a necessidade de compreensão das relações deste espaço “cibercultural” <sup>162</sup> com o mundo real, fora das telas. Definida por Douglas Seefeldt e William G. Thomas como

uma abordagem para examinar e representar o passado que trabalha com as novas tecnologias de comunicação do computador, da rede da Internet e dos sistemas de software. Em um nível, a história digital é uma arena aberta de produção e comunicação acadêmica, abrangendo o desenvolvimento de novos materiais de curso e esforços de coleta de dados acadêmicos. Em outro nível, a história digital é uma abordagem metodológica enquadrada pelo poder hipertextual dessas tecnologias para fazer, definir, consultar e anotar associações no registro humano do passado. Fazer história digital, portanto, é certamente digitalizar o passado, mas é muito mais do que isso. É criar uma estrutura por meio da tecnologia para que as

---

<sup>160</sup> Ainda que a internet tenha mostrado seus primeiros sinais no Brasil na década de 1980, foi somente na década de 1990 que ela foi comercializada.

<sup>161</sup> CALDEIRA NETO, Odilon. Breves reflexões sobre o uso da Internet em pesquisas historiográficas. **Revista Eletrônica Boletim do TEMPO**, v. 4, 2009.

<sup>162</sup> LUCCHESI, Anita. Por um debate sobre História e Historiografia Digital. **Boletim Historiar**, n. 2, 2014.

peças vivenciem, leiam e acompanhem uma discussão sobre um problema histórico importante.<sup>163</sup>

Por meio desta metodologia intentamos consultar o passado digitalizado de Olavo de Carvalho, focando, especialmente, em seus registros que abordam a temática do fascismo. Para tal, nos dispomos ao acesso a plataformas de “tecnologias de memória”, conforme nos apresenta Anita Lucchesi<sup>164</sup>, como a *Internet Archive: wayback machine*, que rompe com a percepção de efemeridade da internet ao dispor de imenso acervo construído através da ajuda de colaboradores que procuram salvar artefatos digitais<sup>165</sup>. No entanto, mesmo com a disponibilidade de mais de 835 bilhões de páginas da web armazenadas, não foi possível fazer um levantamento dos textos que já passaram pelo blog e não estão mais disponíveis. Isso se deve a limitações na barra de busca, que oferece resultados mais eficazes quando inserimos o endereço completo da página (URL) que desejamos acessar e, infelizmente, não temos esse material disponível. Vale ressaltar que a busca por possíveis textos transformados em mídia perdida ocorre devido ao fato da pesquisa digital nos desassossegando frente a sensação de estarmos diante de uma infinidade material além do fato da “instabilidade do texto” na internet ser um problema real a ser enfrentado<sup>166</sup>.

Para garantir o acesso às fontes selecionadas, salvamos os arquivos por meio de capturas da tela (*print screen*) com o texto integral dos artigos no programa *Tropy*, que nos permite a catalogação detalhada das imagens. A seleção das fontes se deu através do conteúdo disponibilizado no site “olavodecarvalho.org”, tendo em vista que tal material nos permite sintetizar os objetivos e métodos de seu autor homônimo. Dentre o conjunto de artigos datados desde a década de 1980 até 2022, procuramos a palavra-chave *fascismo* mediante o uso da barra de pesquisa do site, e tivemos como resultado 111 textos filtrados. Destes 111 textos, separamos, por meio de análise qualitativa, aqueles que abordam de maneira mais

---

<sup>163</sup> Tradução nossa. (...) an approach to examining and representing the past that works with the new communication technologies of the computer, the internet network, and software systems. On one level, digital history is an open arena of scholarly production and communication, encompassing the development of new course materials and scholarly data collection efforts. On another level, digital history is a methodological approach framed by the hypertextual power of these technologies to make, define, query, and annotate associations in the human record of the past. To do digital history, then, is to digitize the past certainly, but it is much more than that. It is to create a framework through the technology for people to experience, read, and follow an argument about a major historical problem. SEEFELDT, Douglas; THOMAS III, William G. **What is digital history?** A look at some exemplar projects. 2009.

<sup>164</sup> LUCCHESI, Anita. História Pública Digital: Dois pitacos sobre outras histórias possíveis na Era Digital. **Boletim do Tempo Presente**, v. 11, n. 03, p. 36–43, 2022.

<sup>165</sup> About the internet archive. Disponível em: <https://archive.org/about/>. Acesso em: nov. 2024.

<sup>166</sup> Pedro Silveira esclarece que o acesso a textos da internet ocorrer por meio de um link que direciona a uma página que pode ser excluída é um problema que vem sendo evidenciado na historiografia digital desde os primeiros trabalhos do tema, como o do historiador italiano Peppino Ortoleva. DA SILVEIRA, Pedro Telles. As fontes digitais no universo das imagens técnicas: crítica documental, novas mídias e o estatuto das fontes históricas digitais. **Antíteses**, v. 9, n. 17, p. 270-296, 2016.

enfática a temática do fascismo, deixando de lado aqueles que só citam a palavra em contextos irrelevantes para a pesquisa.

Como resultado, 65 destes artigos foram considerados. O primeiro deles foi escrito em junho de 1997, enquanto o último é de janeiro de 2021, cerca de um ano antes do falecimento de seu autor. Dos 65 artigos analisados com conteúdos referentes ao fascismo, esquerda e direita, encontramos, em 20 destes textos, similaridades entre alguns de seus pontos de argumentação. Olavo de Carvalho, ao abordar temáticas relacionadas ao fascismo, sempre fez questão de mencionar a esquerda e seus atores como apoiadores e/ou fortalecedores do movimento. No entanto, é possível observar mediante um padrão textual que seu objetivo foi amenizar os feitiços relacionados ao espectro da direita enquanto acentua os da esquerda, especialmente em relação à URSS.

Para tal, se dedicou a alegações voltadas ao antissemitismo, difamações e genocídio, como pode ser visto na tabela abaixo, cujo objetivo é agrupar os títulos e os conteúdos a qual se referem:

Tabela 1: Agrupamento das linhas argumentativas de Olavo de Carvalho relacionadas ao fascismo, em seu site “[olavodecarvalho.org](http://olavodecarvalho.org)”.

<b>Temática</b>	<b>Títulos dos artigos</b>	<b>Síntese</b>
Antissemitismo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tudo o que você queria saber sobre a direita — e vai continuar não sabendo (2000)</li> <li>• Esquema simplório (2013)</li> </ul>	Karl Marx teria sido favorável ao antissemitismo devido ao fato dos judeus terem fortalecido o capitalismo.
Difamação	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O testemunho proibido (2001)</li> <li>• Cale a boca, farsante (2009)</li> <li>• Bobinha (2013)</li> <li>• Ideólogo é a mãe (2013)</li> <li>• Quem paga? (2013)</li> </ul>	Afirma que os comunistas são difamadores da direita por declararem que os fascistas pertencem a este espectro político. Acrescenta que a direita não pode ser vinculada ao fascismo e nazismo, pois o regime que os apoiou foi a URSS, comandada por Stalin.
Genocídio	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Antifascismo hitlerista (2000)</li> <li>• Brincar de genocídio (2001)</li> <li>• Mentira temível (2008)</li> <li>• A cultura do genocídio (2009)</li> <li>• Cale a boca, farsante (2009)</li> <li>• Olavo de Carvalho entrevista Alain Peyrefitte (1998)</li> </ul>	Aponta que os campos de concentração da URSS e a perseguição dos soldados mataram mais que o fascismo e nazismo.

Socialismo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Que Cazzo é o Fascismo?, ou: O Homem de Bundas perante a História</li> <li>• Raízes do mundo novo (2005)</li> <li>• Doença moral hedionda (2005)</li> <li>• Direita e esquerda, origem e fim (2005)</li> <li>• Mentira temível (2008)</li> <li>• URSS a mãe do nazismo (2008)</li> <li>• Lindeza de estupidez (2013)</li> <li>• A tradição revolucionária 4 (2011)</li> </ul>	Dedica-se a expressar que o fascismo surgiu como uma variante da esquerda e assim permaneceu.
------------	--	---

Para conseguirmos compreender como se deu a construção dos discursos de Olavo de Carvalho, buscamos o entendimento do filósofo no que diz respeito aos conceitos de “direita” e “esquerda”, fundamentais para este trabalho. Dessa forma, podemos apresentar que, de acordo com Olavo de Carvalho, a classificação de “direita” e “esquerda” como espectros políticos não conseguiu satisfazê-lo e, como alternativa, apresentou a separação entre revolucionários e contrarrevolucionários — ou reacionários. Em sua exposição do termo “revolucionário”, Carvalho fez a distinção entre “as expressões ‘mente revolucionária’ e ‘mentalidade revolucionária’ para distinguir entre o fenômeno histórico concreto, com toda a variedade das suas manifestações, e a característica essencial e permanente que permite apreender a sua unidade ao longo do tempo”<sup>167</sup>. Assim, na mentalidade revolucionária, segundo o autor, a ação política é movimentada por um espírito cujo objetivo é reformular a sociedade com fundamentos escorados em sua crença de um futuro melhor.

Ao fazer o discernimento entre “esquerda” e “direita” como “revolucionários” e “contrarrevolucionários”, respectivamente, Olavo de Carvalho expressou que, para ele, todas as movimentações que buscam alterar a estrutura da sociedade por meio do totalitarismo estão inseridas no conceito de esquerda, enquanto os movimentos contrarrevolucionários, existentes somente para conter os revolucionários, são tidos como de direita. Para o autor, o movimento revolucionário se apropriou desses conceitos durante o período da Revolução Francesa e, em decorrência disso, expôs que o uso dos termos “esquerda” e “direita” foi (e ainda é) apropriado por um desejo político oportunista que visa cunhar seus adversários como expoentes de uma corrente nociva:

“De um lado, a esquerda é a revolução em geral, e a direita a contra-revolução.”  
 (...)“Os termos “esquerda” e “direita” só têm sentido objetivo quando usados na sua acepção originária de revolução e contra-revolução respectivamente. Todas as outras

<sup>167</sup> CARVALHO, Olavo de. **A mentalidade revolucionária**. Diário do Comércio, 2007. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/a-mentalidade-revolucionaria/> Acesso em outubro de 2024.

combinações e significados são arranjos ocasionais que não têm alcance descritivo mas apenas uma utilidade oportunística como símbolos da unidade de um movimento político e signos demonizadores de seus objetos de ódio<sup>168</sup>.

Por este ponto de vista, Olavo de Carvalho<sup>169</sup> se opôs ao cientista político Norberto Bobbio, que afirmou que a distinção entre revolucionários e contrarrevolucionários não é norteadora da dicotomia entre esquerda e direita, tendo em vista que ambos possuem em sua essência um caráter extremista<sup>170</sup>. Assim, os conceitos esquerda e direita, são definidos por Bobbio através de um quadro conceitual no qual:

- a) na extrema-esquerda estão os movimentos simultaneamente igualitários e autoritários, dos quais o jacobinismo é o exemplo histórico mais importante, a ponto de se ter tornado uma abstrata categoria aplicável, e efetivamente aplicada, a períodos e situações históricas diversas;
- b) no centro-esquerda, doutrinas e movimentos simultaneamente igualitários e libertários, para os quais podemos empregar hoje a expressão "socialismo liberal", nela compreendendo todos os partidos social-democratas, em que pesem suas diferentes práxis políticas;
- c) no centro-direita, doutrinas e movimentos simultaneamente libertários e inigualitários, entre os quais se inserem os partidos conservadores, que se distinguem das direitas reacionárias por sua fidelidade ao método democrático, mas que, com respeito ao ideal da igualdade, se prendem à igualdade diante da lei, que implica unicamente o dever por parte do juiz de aplicar imparcialmente as leis, e à liberdade idêntica, que caracteriza aquilo que chamei de igualitarismo mínimo;
- d) na extrema-direita, doutrinas e movimentos antiliberais e antiigualitários, dos quais creio ser supérfluo indicar históricos bem conhecidos como o fascismo e nazismo.<sup>171</sup>

---

<sup>168</sup>Op. Cit.

<sup>169</sup> “Substituí, no meu estudo, os termos “esquerda” e “direita” pelos de “revolução” e “reação”. Daí para diante, foi ficando cada vez mais evidente para mim a unidade histórica do movimento revolucionário desde as rebeliões messiânicas estudadas por Norman Cohn em *The Pursuit of the Millennium* até o Fórum Social Mundial.” (...) “Captar e descrever a unidade do movimento revolucionário é desenhar claramente, perante os olhos dos homens “de direita”, a verdadeira natureza do seu inimigo permanente.” CARVALHO, Olavo de. **Bruno Garschagen entrevista Olavo de Carvalho**, 2008. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/ser-conservador-e-nao-ser-jamais-o-portador-de-um-futuro-radiante/> Acesso em out. 2024.

<sup>170</sup> De acordo com Norberto Bobbio: “o que os autores revolucionários e contra-revolucionários, e os respectivos movimentos, têm em comum é o fato de pertencerem, no âmbito dos respectivos alinhamentos, à ala extremista contraposta à ala moderada. A diáde extremismo-moderantismo não coincide com a diáde direita-esquerda e obedece a um critério de contraposição no universo político diverso do que conota a distinção entre esquerda e direita”. BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda: Razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: Unesp, 2001.p. 51.

<sup>171</sup>BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda razões e significados de uma distinção política**. Unesp, 2003. p.119.

Além disso, Carvalho argumentou que a compreensão histórica só poderia ser feita por pessoas conservadoras iguais a ele, tendo em vista que, conforme o filósofo, elas não pretendem apoderar-se de um futuro hipotético, mas sim se ater às experiências do passado para nortear o presente. Neste sentido, apresentou que a definição de conservador se equipara aos contra-revolucionários, uma vez que, conforme sua visão, em oposição aos revolucionários, “respeitam a organização política vigente e não procuram uma transformação radical da sociedade por meio de genocídios e regimes totalitários”<sup>172</sup>. Indica, portanto, que “direita e esquerda, muito antes de serem diferenças ideológicas ou de programa político, são duas maneiras diferentes de vivenciar o tempo histórico.”<sup>173</sup> Olavo de Carvalho completou que a direita, representante do conservadorismo defendido por ele é evidenciada como:

Direita, conservadorismo genuíno, é a síntese inseparável dos seguintes elementos: liberdade de mercado, valores judaico-cristãos, cultura clássica, democracia parlamentar e império das leis. O resto é comunismo, fascismo, nazismo, anarquismo, tecnocracia, “socialismo light”, o museu inteiro do besteirol político.<sup>174</sup>

Através dessa diferenciação conceitual entre revolucionários e contrarrevolucionários, Olavo de Carvalho atesta que “a inversão das proporções é, decerto, um dos traços mais típicos e constantes da mentalidade revolucionária”<sup>175</sup>. Exprime que o campo da esquerda (revolucionário), busca qualificar sua oposição com características que não os pertencem. Ademais, declara que “esse modelo eterno reaparece diariamente na nossa imprensa, no parlamento, nas cátedras acadêmicas e nas escolas de crianças, quando aqueles que desagradam ao consenso dominante são rotulados de “fascistas”<sup>176</sup>. Neste sentido, afirma que os comunistas são

os mais frequentes usuários do termo “fascista” para queimar a reputação dos seus adversários, mas eles sabem perfeitamente bem que lhes falta por completo a mais mínima autoridade moral para isso, não só pelo fato de que o uso monstruosamente elástico que dão ao termo acaba por esvaziá-lo de qualquer sentido identificável, rebaixando-o a mera expressão subjetiva de ódios irracionais, mas também porque,

---

<sup>172</sup> CARVALHO, Olavo de. A mentalidade revolucionária. **Diário do Comércio**, 2007. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/a-mentalidade-revolucionaria/> Acesso out. 2024.

<sup>173</sup> CARVALHO, Olavo de. Direita e esquerda, origem e fim. **Diário do Comércio**, 2005. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/direita-e-esquerda-origem-e-fim/>. Acesso em out. 2024.

<sup>174</sup> CARVALHO, Olavo de. USP é templo de vigarice. **Jornal Folha de São Paulo**, 2006. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/usp-e-templo-de-vigarice/>. Acesso em out. de 2024.

<sup>175</sup> CARVALHO, Olavo de. Bobinha. **Diário do Comércio**, 2013. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/bobinha/> Acesso em outubro de 2024.

<sup>176</sup> CARVALHO, Olavo de. O Testemunho proibido. **O Globo**, 2001. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/o-testemunho-proibido/> Acesso em out. 2024.



comparado aos feitos homicidas do comunismo, o fascismo italiano, por mais repugnante que seja em si mesmo, começa a parecer um hotel de cinco estrelas<sup>177</sup>.

Por meio desta argumentação de como o conceito de fascismo é empregado no cenário político brasileiro, Olavo de Carvalho também fez questão de deixar clara sua interpretação a respeito do tema. Para tal, o filósofo declarou que a ideia de fascismo apresentada nas escolas e demais ambientes acadêmicos em nada se assemelha ao fenômeno histórico do movimento e que,

as origens e a natureza do fascismo não são mistério nenhum, para quem se disponha a rastreá-las em autênticos livros de História. Todas as ideologias e movimentos de massa dos dois últimos séculos nasceram da Revolução Francesa. Nasceram dela e nenhum contra ela.<sup>178</sup>

Nem o Partido Nazista, nem o fascismo italiano surgiram como facções conservadoras ou de direita, mas como dissidências internas do movimento revolucionário. A tônica de ambos era restaurar o caráter originariamente nacionalista dos vários socialismos, que, no entender deles, o Partido Comunista havia enlatado à força num internacionalismo enganoso, subsidiado pelo grande capital.(...) Ao término da guerra, era natural que o mito leninista da solidariedade de classe fosse submetido a análises críticas dissolventes e que o conceito de “nação” fosse revalorizado como símbolo unificador da luta socialista. Daí a grande divisão do movimento revolucionário: uma parte manteve-se fiel à bandeira internacionalista, obrigando-se a complexas ginásticas mentais para conciliá-la com o nacionalismo soviético, enquanto a outra parte preferiu simplesmente criar uma nova fórmula de luta revolucionária — o socialismo nacionalista, ou nacional-socialismo.<sup>179</sup>

Nenhum historiador profissional aceita hoje a idéia -- ainda um dogma, para os intelectuais braucos -- de que o fascismo foi uma reação do grande capital ao avanço do proletariado. Nenhum ousa contrariar a conclusão unânime dos grandes -- François Furet, Ernst Nolte, Emilio Gentile, A. James Gregor -- de que o fascismo foi parte integrante do movimento revolucionário mundial.<sup>180</sup>

De tal forma, Olavo de Carvalho expõe que o fascismo, desde sua gênese, faz parte do “movimento revolucionário” o qual, conforme supracitado, é reconhecido pelo filósofo como pertencente à esquerda. O historiador estadunidense A. J. Gregor — a quem Olavo de Carvalho aponta ser o melhor expoente dos estudos sobre fascismo — afirma que as bases intelectuais de Benito Mussolini estão inseridas no marxismo.

---

<sup>177</sup> CARVALHO, Olavo de. Cale a boca, farsante. **Diário do Comércio**, 2001. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/cale-a-boca-farsante/>. Acesso em out. 2024.

<sup>178</sup> CARVALHO, Olavo de. Que é o fascismo. **O Globo**, 2000. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/que-e-o-fascismo/>. Acesso em out. 2024.

<sup>179</sup> CARVALHO, Olavo de. Lindeza de estupidez. **Diário do comércio**, 2013. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/lindeza-de-estupidez/>. Acesso em out. 2024.

<sup>180</sup> Olavo de Carvalho. Facebook, 08 de jan. de 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/carvalho.olavo/posts/nenhum-historiador-profissional-aceita-hoje-a-id%C3%A9ia-ainda-um-dogma-para-os-intel/953761191442622/>. Acesso em out. 2024

Conforme A. J. Gregor, foi através do contato com a revista *La Voce*, organizada por Giuseppe Prezzolini e Giovanni Papini, sob influência de Gaetano Mosca, Vilfredo Pareto, Benedetto Croce, Giovanni Gentile e Roberto Michels, que Benito Mussolini pôde amadurecer suas ideias voltadas para o nacionalismo e sindicalismo. Acrescenta que, através do trabalho de Georges Sorel, o líder fascista conseguiu reconhecer a necessidade da criação de uma revolução fundamentada no comprometimento com a moral e ética.

Entretanto, segundo Zeev Sternhell, Georges Sorel, ao criar sua revisão do marxismo baseada na necessidade de construção de uma moral responsável por promover uma revolução ética, rompeu com a característica basilar desta corrente: o materialismo. Neste sentido, Sorel, buscou uma revolução através da construção de um mito responsável pela mobilização burguesa e proletária: a greve geral. Por meio do mito de greve geral os patrões passariam a oferecer melhores condições de trabalho a seus empregados, enquanto estes últimos passariam a se organizar mediante um líder inserido no sindicato.

Além disso, apesar do reconhecimento da luta de classes como ferramenta essencial para a revolução, Sorel não buscou romper com o sistema capitalista<sup>181</sup>. De tal maneira, Georges Sorel não poderia ser considerado um representante do marxismo. Conforme Leandro Galastri, a despeito de ter sido, em certa medida, inspiração para sindicalistas revolucionários italianos – como Giuseppe Prazzolini – Sorel também não poderia ser associado ao fascismo devido ao fato de não defender a tomada de poder por meio do Estado<sup>182</sup>.

Após apresentar que a gênese do fascismo está presente na esquerda, Olavo de Carvalho acrescenta que movimentos políticos podem ser analisados por meio de origens diversas:

Tal como o fascismo de Mussolini e sobretudo, como demonstrou Zeev Sternhell, o fascismo francês, pode ser visto por um lado ou pelo outro. As respostas pretensamente definitivas dadas a essa dificuldade expressam somente um conflito de interesses ideológicos -- perfeitamente legítimos na sua própria escala -- e não uma vontade séria de resolver o problema.<sup>183</sup>

Assim, Olavo de Carvalho exclui que na interpretação de Zeev Sternhell sobre o fascismo, o movimento é apresentado como uma terceira via política, não pertencente,

---

<sup>181</sup> STERNHELL, Zeev; SZNAJDER, Mario; ASHERI, Maia. **The birth of fascist ideology: from cultural rebellion to political revolution**. Princeton University Press, 1994.

<sup>182</sup> GALASTRI, Leandro de Oliveira. O revisionismo “latino” de Georges Sorel entre 1897 e 1908. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História–ANPUH**. São Paulo, 2011.

<sup>183</sup> Olavo de Carvalho, Facebook. 29 de mar. de 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/olavo.decarvalho/posts/10157026178972192>. Acesso em: out. 2024.

portanto, à esquerda e/ou à direita. Conforme expusemos em nosso primeiro capítulo, Sternhell declara que a origem do fascismo ocorreu por uma díade emergente de movimentos revolucionários que, para o autor, estavam inseridos no campo da direita e da esquerda. Entretanto, não declara que o fascismo — ou qualquer outro movimento citado — possa pertencer a dois espectros políticos. Ademais, a historiografia reconhece que não houve, de fato, um fascismo francês, mas sim uma movimentação intelectual na qual as ideias de socialismo de autores como Georges Sorel e Henri de Man foram utilizadas como inspiração para a construção de um novo tipo de nacionalismo socialista que viria a florescer na Itália durante o período entreguerras.

Olavo de Carvalho, ao indicar que o socialismo é uma espécie de “doença moral hedionda”, acrescenta que

Não há nada de estranho em que o mesmo diagnóstico se aplique *ipsis litteris* ao nazifascismo, já que este não passa de uma variante interna do socialismo — obviedade histórica que na época dos fatos era universalmente conhecida e que só a propaganda maciça pode ter apagado da memória pública ao menos em alguns países.<sup>184</sup>

Nesta interpretação, Olavo de Carvalho apresenta que o socialismo é uma filosofia pertencente unicamente à esquerda, tendo como representantes Karl Marx, Vladimir Lênin, Josef Stalin, Mao-Tsé-Tung, Pol-Pot e Fidel Castro. Não considera que ainda no século XIX, discussões acerca das variantes do socialismo já estavam em voga, conforme apresentado no trabalho de Zeev Sternhell. Intelectuais, como o já citado Georges Sorel, já teriam abandonado o materialismo vinculado ao marxismo para construir um tipo de socialismo baseado na moral. Ao contrário do que evidencia Olavo de Carvalho, o socialismo não é exclusivo da esquerda.

O conceito passou por revisionismos e esteve presente na composição de novas organizações políticas e sociais que futuramente desembocaram no fascismo e nazismo. Oswald Spengler, um dos intelectuais da “Revolução conservadora”, ao debater sobre o socialismo e prussianismo, defendeu que o socialismo necessita se desvincular de Karl Marx e suas teorias para ter êxito. Para Spengler, o marxismo não reconhece o verdadeiro valor do trabalho e, apenas reduz suas transformações ao campo material, ignorando toda a moral que traz consigo. Considera-o, portanto, oposto ao socialismo:

É com esse conhecimento que hoje, em meio à Revolução Alemã, podemos apontar o marxismo e o socialismo como forças opostas. O socialismo, ou seja, o prussianismo como ainda não é compreendido, é uma entidade real da mais alta

---

<sup>184</sup> CARVALHO, Olavo de. Doença moral hedionda. **Diário do comércio**, 2005. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/doenca-moral-hedionda/>. Acesso em: out. 2024.

ordem. O marxismo é literatura. A literatura pode se tornar obsoleta; a realidade ou vence ou morre.<sup>185</sup>

Neste sentido, Spengler expõe que o socialismo é “um instinto político e social de pessoas com mentes realistas como produto de um estágio de nossa civilização – não da nossa cultura que chegou ao fim por volta de 1800” e acrescenta que só pode ser alca. Afirma que o socialismo só pode prosperar se for conduzido pelo espírito prussiano<sup>186</sup> para ser apresentado como um “socialismo germânico”, que compreende o autoritarismo como sua forma de organização. Assim, a variação do socialismo que serviu como influência para o nazismo foi o socialismo germânico, que reconhece o *Volk* alemão como o único grupo capaz de alcançar a vitória contra o liberalismo.

Além disso, em oposição ao que afirma Olavo de Carvalho baseado em A. J. Gregor, o historiador italiano Emilio Gentile expõe que a comparação do fascismo como uma variação do bolchevismo – e vice-versa — faz parte de uma questão ideológica baseada em um novo “paradigma anticomunista” que antes era visto na tendência de “paradigma antifascista<sup>187</sup>”. Ademais, também afirma que o fascismo não é fruto de uma teoria social, mas sim de uma situação extraordinária impulsionada pelo contexto de guerra no início do século XX.

Emilio Gentile aponta que genética, histórica e culturalmente, a antítese entre fascismo, socialismo e comunismo é total e, tanto para o fascismo, como para o comunismo, apresentam uma hostilidade entre inimigos mortais. Neste sentido, reitera que falar em “fascismo de esquerda” é mutilar e distorcer a realidade histórica, pois, além dos antigos militantes do socialismo revolucionário terem aberto mão do marxismo ao se organizarem no fascismo, o fascismo nunca imaginou uma sociedade livre de classes.

Olavo de Carvalho não reconhece o fascismo como pertencente a categoria de “totalitarismo” e para tal se baseou na filósofa Hannah Arendt que, conforme o autor, esclarece que:

Na própria Itália de Mussolini o governo fascista aceitou a concorrência da monarquia e da Igreja – o que já basta, na análise muito pertinente de Hannah Arendt, para excluí-lo da categoria de “totalitarismo” (...) O nazismo é uma variante especificamente alemã do fascismo, e essa variante se distinguiu das outras pela dose anormal de violência e crueldade que desejou e realizou. Em matéria de periculosidade, o comunismo está para o fascismo assim como a Máfia está para um estuprador de esquina.<sup>188</sup>

<sup>185</sup> SPENGLER, Oswald. **Prussianism and socialism**. Legend Books Sp. z oo, 2023. p. 69.

<sup>186</sup> Spengler caracteriza o prussianismo como: (Tradução nossa) antes de tudo, um sentimento, um instinto, uma compulsão. É a personificação de traços espirituais e intelectuais — e isso também significa certas qualidades físicas — que há muito se tornaram as características distintivas de uma raça, ou melhor, dos melhores e mais típicos representantes dessa raça. Idem, p. 24.

<sup>187</sup> GENTILE, Emilio. **Fascismo: historia e interpretación**. Alianza Editorial, 2004. p.72.

<sup>188</sup> CARVALHO, Olavo de. Mentira temível. Diário do comércio, 2008. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/mentira-temivel/>. Acesso em out. 2024.

Entretanto, Emilio Gentile expõe que o conceito de totalitarismo foi criado em 1923 por antifascistas cujo objetivo era denunciar o partido de Mussolini. Conforme complementa o historiador italiano, o próprio governo de Mussolini se apropriou do conceito e se autodenominou totalitário. Neste sentido, Emilio Gentile, que também expôs suas discordâncias a respeito do tratamento do fascismo feito por Hannah Arendt, afirmou que o sistema político totalitário serviu como um laboratório para o experimento de uma “revolução antropológica” que tem em seus objetivos a criação um novo tipo de ser humano capaz de regenerar a nação. Além disso, o define como:

Uma experiência de domínio político, lançada por um movimento revolucionário, organizado em um partido militarmente disciplinado com uma concepção fundamentalista da política, que aspira ao monopólio do poder e que, depois de conquistá-lo, por meios legais ou extralegais, destrói ou transforma o regime pré-existente e constrói um novo Estado, fundado no regime de partido único, com o objetivo principal de realizar a conquista da sociedade, ou seja, a subordinação, a integração e a homogeneização dos governados, com base no caráter integralmente político da existência, tanto individual como coletiva, interpretada segundo as categorias, os mitos e os valores de uma ideologia palingenésica, sacralizada sob a forma de uma religião política, com o propósito de conformar o indivíduo e as massas através de uma revolução antropológica, para regenerar o ser humano e criar um homem novo, entregue de corpo e alma à realização dos projetos revolucionários e imperialistas do partido totalitário, com o objetivo de criar uma nova civilização de caráter supranacional.<sup>189</sup>

Carvalho faz questão de enfatizar o quanto a história apagou os feitos do governo soviético, que, no final das contas, teriam sido ainda maiores que o nazismo. Para tal, assim como exposto na tabela acima, utiliza de associações antissemitas, genocidas e difamatórias dos “revolucionários” como justificativa para fomentar seus argumentos. Aponta, por meio de uma mobilização opositora a figuras intelectuais brasileiras, como a professora, filósofa e membro fundador do Partido dos Trabalhadores (PT), Marilena Chauí<sup>190</sup>, e o professor e historiador Francisco Carlos Teixeira, que as práticas antissemitas não são totalmente “direitistas” tendo em vista que foi “endossado por Karl Marx e praticado abundantemente na

---

<sup>189</sup> GENTILE, Emilio. **Fascismo: historia e interpretación**. Alianza Editorial, 2004. p.84.

<sup>190</sup> A filósofa Marilena Chauí além de ter sido pauta de 41 artigos presentes no blog olavodecarvalho.org, (Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/page/13/?s=Marilena+Chau%C3%AD>), foi também apontada pelo jornalista Reinaldo Azevedo como “O Olavo de Carvalho da esquerda”. Azevedo, Reinaldo. **Marilena Chaui, a Olavo de Carvalho de esquerda, diz que Moro integra complô dos EUA para dominar o Brasil**. Coluna Veja: 30 de Jul. de 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/marilena-chaui-a-olavo-de-carvalho-de-esquerda-diz-que-moro-integra-complo-dos-eua-para-dominar-o-brasil>. Acesso em: 11 out. 2024.

URSS”<sup>191</sup>, além de sustentar a ideia da aversão de Hitler direcionada aos judeus se justificar ao fato de serem representados como uma encarnação do capital, se equiparando, nesse sentido, a suposta gênese antissemita de Marx a qual, de acordo com Olavo de Carvalho, teria sido apresentada na obra *Sobre a questão judaica* (1843).

Neste trabalho, em oposição ao exposto por Olavo de Carvalho, Karl Marx não se apresenta como antissemita. Marx se mostra favorável e até mesmo militante no que diz respeito à obtenção de direitos civis pelos judeus sem que tenham que abdicar de sua fé. No entanto, reitera a necessidade de separação entre cidadão não religioso e indivíduo religioso, ou seja, a separação total entre Estado e religião. Conforme exposto Daniel Bensaid, contemporâneos a Marx, como o de Pierre Birnbaum, já tentavam cunhá-lo antissemita, mesmo que este título não o seja cabível de recebimento<sup>192</sup>.

No que diz respeito às afirmações de práticas genocidas oriundas do comunismo, Olavo de Carvalho expõe que essas teriam tido início ainda no século XVIII, durante a Revolução Francesa. O empenho em desvencilhar o caráter revolucionário da burguesia não teve sua gênese nos trabalhos de Olavo de Carvalho e, conforme apontado por Demian Melo<sup>193</sup>, tal prática já podia ser vista em meados do século passado por meio de trabalhos como o de François Furet, que atrelou os movimentos revolucionários de 1917, na Rússia, à Revolução burguesa na França, em 1789.

Sendo assim, para se deter de tal artimanha, Olavo emprega recursos que negam a verificação de contextos históricos, como o emprego de datas que se referem a um período que antecede o nascimento de Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), autores do *Manifesto Comunista* (1848). Com este propósito, o filósofo narra que

Séculos antes do surgimento do nazismo e do fascismo, o comunismo já espalhava o terror e o morticínio pela Europa, atingindo um ápice de violência na França de 1793. A concepção mesma de genocídio – liquidação integral de povos, raças e nações – é de origem comunista, e sua expressão mais clara já estava nos escritos de Marx e Engels meio século antes do nascimento de Hitler e Mussolini.<sup>194</sup>

Deste modo, Olavo de Carvalho também enfatiza que o ódio compartilhado pelos comunistas/socialistas e Hitler aos burgueses fomentou a violência perpetuada durante os

---

<sup>191</sup>CARVALHO, Olavo de. Esquema Simplório. **Jornal do Comércio**, 2013. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/esquema-simplorio/>. Acesso em: 21 out. 2024.

CARVALHO, Olavo de. Tudo o que você queria saber sobre a direita - e vai continuar não sabendo. **O Globo**, caderno Prosa & Verso, 22 de setembro de 2000. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/tudo-o-que-voce-queria-saber-sobre-a-direita-e-vai-continuar-nao-sabendo/>

<sup>192</sup> MARX, Karl. **Sobre a questão judaica**. Boitempo Editorial, 2010.

<sup>193</sup>DE MELO, Demian Bezerra. Revisão e revisionismo historiográfico: os embates sobre o passado e as disputas políticas contemporâneas. **Revista Marx e o Marxismo–Revista do NIEP-Marx**, v. 1, n. 1, p. 49-74, 2013.

<sup>194</sup>CARVALHO, Olavo de. Mentira temível. **Jornal do Comércio**, 2008. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/mentira-temivel/>. Acesso em 20 out. 2024.

conflitos bélicos na Europa do século XX. Acrescenta que o nazismo só chegou ao poder graças ao apoio instrumental de Stálin<sup>195</sup>, figura a qual afirma ter aplaudido a criação de um exército paralelo na Alemanha, além do suporte financeiro oriundo do proletariado e não dos grandes capitalistas como os “revolucionários” buscavam salientar<sup>196</sup>. Carvalho reitera que os grandes burgueses alemães, antes da ascensão do partido nazista marcada pelo apoio das massas, não viam Hitler com bons olhos e não lhe deram suporte.

No entanto, Stanley Payne aponta que o movimento nazista não possuía um programa claro. Acrescenta que era possível encontrar diversas variações no campo econômico, dentre os quais:

Alguns eram capitalistas pequeno-burgueses, alguns favoreciam as grandes empresas, outros adotavam um corporativismo semi-italiano ou semi-católico, e alguns do núcleo duro mantinham as aspirações semi-socialistas do nacional-socialismo original. A ambiguidade era, entretanto, a essência da estratégia da liderança.<sup>197</sup>

Stanley G. Payne também inclui que os apoiadores se encontravam em classes variadas mas indica que Hitler obteve maior suporte nos agricultores rurais, nas classes médias de cidades pequenas e entre as classes altas urbanas<sup>198</sup>.

Olavo de Carvalho exprime que a maior tática da propaganda socialista foi a criação da ideia do fascismo e nazismo serem representantes máximos do capitalismo. Evidencia que os socialistas, ao se apresentarem como os maiores opositores do capitalismo, jamais poderiam ser associados a estes grupos, por mais que tenham semelhanças e colaborações que fazem questão de esconder.

Observem a rigidez da disciplina no PT ou no MST, e obterão a resposta. O militante socialista ou comunista sacrifica tudo à hierarquia partidária, mesmo a moralidade, mesmo as exigências mais íntimas da consciência pessoal. É natural que projete essa conduta sobre a fisionomia do inimigo, concebendo-a à sua própria imagem e semelhança. Mas toda fantasia projetiva é necessariamente paradoxal, é ao mesmo tempo direta e inversa. De um lado, o capitalismo aparecerá aos olhos do socialista como uma hierarquia maquinal análoga à do seu partido, apenas com signo ideológico oposto. De outro, a atmosfera partidária, com aquele seu unanimismo que dá a cada um dos militantes um sentimento tão vivo de participação, de proteção mútua, de “comunidade solidária”, é vivenciada como o embrião de sociedade ideal, em contraste com a qual a realidade do capitalismo aparecerá como pura confusão e lei da selva.

---

<sup>195</sup>CARVALHO, Olavo de. Velha Lenda. **O Globo**, 01 de Novembro de 2003. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/velha-lenda/>. Acesso em: 25 out. 2024.

<sup>196</sup>CARVALHO, Olavo de. Quem paga?. **Diário do Comércio**, 26 de Junho de 2013. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/quem-paga/>. Acesso em: 19 out. 2024.

<sup>197</sup>PAYNE, Stanley G. *Fascism: Comparison and definition*. University of Wisconsin Press, 1980. p.57.

<sup>198</sup>Idem, p. 58.



Utiliza o pacto ribbentrop-molotov<sup>199</sup> como incongruência dessa narrativa e enfatiza que qualquer líder que já tenha feito alianças com Hitler, não poderia ser considerado o salvador deste grande mal que assolou o continente europeu no século XX. Sendo assim, para Olavo de Carvalho, no decorrer da história, a maior tática dos socialistas teria sido apontar como inimigos aqueles que, na verdade, possuem características que lhes pertencem, mas buscam camuflar. Violência, totalitarismo e ódio ao livre mercado são considerados os marcadores do fascismo que, para Olavo de Carvalho, não poderia ser condizente com a via política da direita, basilar ao livre mercado.

Expande sua análise para além do século XX e busca trazer esta argumentação para o Brasil do século XXI. Apresenta em diversos momentos que o Foro de São Paulo e o Movimento dos Sem Terra atuam como uma grande ameaça comunista e elenca que em seu cerne estão representações fascistas. Entretanto, o Foro de São Paulo não possui representações fascistas e se caracteriza como uma organização de partidos democráticos de esquerda da América Latina que se reuniram após a queda do Muro de Berlim com a finalidade de analisar o novo cenário político que se constituía. Conforme exposto por Mariana Ruivo, Giordano de Almeida e Sara Toledo,

Fundado em 1990 pelo PT e composto por uma miríade de partidos tradicionalmente localizados mais à esquerda dos respectivos espectros políticos nacionais e que assumiram, pela via democrática, vários governos da América Latina, a partir do final da década de 1990, o FSP desenvolveu-se como ambiente de encontro das forças políticas latino-americanas e caribenhas, autodenominadas progressistas, que procura não só o debate e a análise do sistema internacional, como também a constituição de um projeto comum de inserção internacional.<sup>200</sup>

O Foro de São Paulo, não é, portanto, representante de movimentos sociais antidemocráticos, conforme busca elucidar Olavo de Carvalho. Seu objetivo é construir, de forma coletiva, melhores condições de atuações para os partidos progressistas que visam manter e conquistar direitos ao redor da América Latina. Além disso, Olavo de Carvalho também aponta o MST como um movimento detentor de traços autoritários e violentos. Todavia, de acordo com a apresentação do movimento, “O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é um movimento social, de massas, autônomo, que procura articular e organizar os trabalhadores rurais e a sociedade para conquistar a Reforma Agrária e um Projeto Popular para o Brasil”<sup>201</sup>.

---

<sup>199</sup> Tratado de não agressão entre Rússia e Alemanha, assinado em 1939, por Hitler e Stalin.

<sup>200</sup> RUIVO, Mariana Maia; DE ALMEIDA, Giordano Sousa; TOLEDO, Sara. O Foro de São Paulo e a Política Externa do Partido dos Trabalhadores: convergências ou divergências nos governos Lula da Silva e Dilma Rousseff. **REBELA-Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos**, v. 6, n. 2, 2016.

<sup>201</sup> Quem somos. Disponível em: <https://mst.org.br/quem-somos/>. MST. Acesso em: jul. de 2025.



De tal maneira, a organização do movimento é feita a partir de uma estrutura participativa e democrática, composta por núcleos, com dirigentes escolhidos por votação, a nível local, regional, estadual e nacional. Nos assentamentos e acampamentos todos possuem direito a voto, enquanto nas assembleias o voto é feito pelos representantes escolhidos pela maioria. Seu maior objetivo é, portanto, garantir por meio da ocupação de latifúndios a “distribuição massiva de terras a camponesas e camponeses, democratizando a propriedade da terra na sociedade e garantindo o seu acesso, distribuindo-a a todos que quiserem produzir e dela usufruir”<sup>202</sup>.

Em meio às acusações de mentiras e omissões historiográficas da esquerda relacionadas ao fascismo, Olavo de Carvalho utilizou esta temática para criticar os financiamentos de instituições públicas que fomentam as pesquisas brasileiras como se estas não deversem ceder recursos às universidades, em especial, às federais. Além de tecer críticas aos financiamentos destinados às pesquisas, enfatiza que grande parte dos frequentadores desses ambientes são doutrinados pelo comunismo.

O filósofo se apoiou no uso do revisionismo ideológico, que, segundo nos explica o historiador Marcos Napolitano, funciona como uma ferramenta para abrandar a ligação e/ou condução de contra-revolucionários a movimentos e regimes totalitários como o fascismo e nazismo.

matriz ideológica que parte unicamente de demandas ideológicas e valorativas e colige fontes e autores para confirmar uma visão pré-construída acerca de um tema histórico, quase sempre polêmico. Esse revisionismo é refém de objetivos meramente ideológicos, da falta de método e da ética da pesquisa historiográfica”<sup>203</sup>,

Olavo de Carvalho se inspirou em metodologias já presentes em discursos da direita ao redor do mundo. Também adotou esta tática que funciona como ferramenta do “gramscismo de direita”, princípio que permite o adentramento do anticomunismo na sociedade sutilmente. Tal “gramscismo”, conforme expõe Renato Amado, é reconhecido por Olavo de Carvalho e utilizado por intelectuais de direita “como uma manipulação das massas por intelectuais, que iriam doutrinando a sociedade subliminarmente e alterando a cultura de maneira artilosa”.<sup>204</sup>

---

<sup>202</sup> *Op. cit.*

<sup>203</sup> NAPOLITANO, Marcos. Negacionismo e revisionismo histórico no século XXI. **Novos combates pela História: desafios, ensino**, 2021. p. 99.

<sup>204</sup> AMADO, Renato. **Gramscismo e globalismo: As teorias da conspiração capilarizadas por Olavo de Carvalho e suas inconsistências**. Brasil/Brazil, p. 68-82, 2023.

Desta maneira, nos é possibilitada a percepção de que um de seus *modus operandi* é deslegitimar aqueles que se opõem a suas falas incumbidas de panfletarismo. Nega que qualquer pessoa que esteja vinculada à esquerda — seja por simpatia às suas pautas ou por filiação a partidos — possa ser capaz de lhe apresentar um debate plausível de aceitação deixa claro que seus trabalhos possuem uma motivação muito maior que a exposição da “história que não nos é contada”.

No entanto, apesar das afirmações de Olavo de Carvalho, o fascismo é reconhecido pela historiografia como um movimento que tem como uma de suas características centrais a oposição ao marxismo. Neste sentido, suas insinuações a respeito da origem do movimento são incompatíveis com a realidade. Apesar de ter inspirações em sua teoria baseadas em intelectuais que se reconhecem como socialistas, o tipo de socialismo que levou a radicalização do nacionalismo foi marcado pela negação da razão e do materialismo, ou seja, pontos-chave do socialismo marxista.

Apesar de haver uma disputa acerca da definição do fascismo, o reconhecemos, por meio dos trabalhos de Enzo Traverso, Emilio Gentile, Stanley Payne e Robert Paxton, como um conceito que deve ser compreendido a partir de seu ponto de partida, no período entreguerras. Conforme exposto por Emilio Gentile, a sua compreensão está baseada na correlação entre a “dimensão organizativa”, “dimensão cultural” e “dimensão política”, sendo assim, há de se considerar a existência de uma cultura fascista, cujo objetivo era implementar a consolidação de um novo tipo de “homem” ideal para a sociedade italiana.

Neste sentido, o fascismo é definido como um movimento totalitário e ultranacionalista, fruto do século XX, que buscou uma “revolução antropológica” fundamentada na virilidade masculina. Não foi um movimento universal — apesar das tentativas — tendo em vista que, conforme evidenciado por E. Gentile, sua matriz nacionalista e/ou racista o condicionou a ser um fenômeno substancialmente diferente de qualquer movimento genuinamente internacionalista por origem e vocação. No entanto, teve seguidores e inspirou outros líderes ao redor do mundo, como foi o caso da Espanha, Portugal, Brasil e México.

Além disso, conforme exprime Stanley G. Payne, o fascismo pode ser reconhecido através de três pontos-chave essenciais: (a) as negações fascistas, (b) pontos comuns de ideologia e objetivos e (c) características comuns especiais de estilo e organização. Para

identificar as características destes pontos, expôs, na seguinte tabela<sup>205</sup>, a descrição de cada tópico:

<b>As negações do fascismo</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Antiliberalismo;</li><li>• Anticomunismo;</li><li>• Anticonservadorismo (embora com o entendimento de que os grupos fascistas estavam dispostos a fazer alianças temporárias com grupos de qualquer outro setor, mais comumente com a direita).</li></ul>
<b>Ideologia e objetivos</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Criação de um novo estado nacionalista autoritário baseado não apenas em princípios ou modelos tradicionais;</li><li>• Organização de algum novo tipo de estrutura econômica nacional regulada, multiclasse e integrada, seja ela chamada de corporativista nacional, socialista nacional ou sindicalista nacional;</li><li>• O objetivo do império ou uma mudança radical no relacionamento da nação com outras potências;</li><li>• Adoção específica de uma ideia idealista e voltintarista, normalmente envolvendo a tentativa de realizar uma nova forma de secularismo moderno e autodeterminado.</li></ul>
<b>Estilo e organização</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Ênfase na estrutura estética de reuniões, símbolos e coreografia política, enfatizando aspectos românticos e místicos;</li><li>• Tentativa de mobilização de massa com militarização das relações e do estilo político e com o objetivo de uma milícia partidária de massa;</li><li>• Avaliação positiva e uso, ou disposição para usar, a violência Estresse extremo no princípio masculino e na dominância masculina, ao mesmo tempo em que defende a visão orgânica da sociedade;</li><li>• Exaltação da juventude acima de outras fases da vida, enfatizando o conflito de gerações, pelo menos na efetivação da transformação política inicial;</li></ul>

<sup>205</sup> PAYNE, Stanley G. **Fascism: Comparison and definition**. University of Wisconsin Press, 1980, p.7.

- Tendência específica para um estilo de comando autoritário, carismático e pessoal, independentemente de o comando ser ou não, em algum grau, inicialmente eletivo.

Ao analisarmos as articulações de Olavo de Carvalho para tornar a direita um campo dotado de benesses, concluímos que seu objetivo ao longo de sua carreira enquanto intelectual político foi tornar esta esfera mais atrativa. Entretanto, mesmo que tenha sido fiel às suas crenças, acreditamos também na hipótese de que parte dos interesses em salvaguardar políticas conservadoras esteja vinculado a um desejo de compensação econômica. Impulsionado por empresários favorecidos pelo ideário anticomunista, Olavo de Carvalho conseguiu, portanto, se tornar um nome reconhecido no cenário político brasileiro e mundial.

### **3.3 — Olavo de Carvalho: o “guru” da “Nova direita” brasileira**

O início da Nova República brasileira ficou marcado pelo surgimento de um novo movimento caracterizado como “direita envergonhada”<sup>206</sup>. Antonio Pierucci expõe que este processo de “vergonha”, ocorrido nos anos 1980, durante o processo de redemocratização e formação de uma nova Constituição, não ficou limitado somente aos candidatos políticos, mas também a seus eleitores, que não queriam vestir os estigmas da truculência que caracterizou a direita no período ditatorial brasileiro. A direita, portanto, “deixou de dizer seu nome” e passou a se definir como “centro”.<sup>207</sup>

A adoção deste novo posicionamento pela direita tradicional impeliu a formação de um movimento definido por Pierucci como “Nova Direita”. Em suas origens, associadas a uma ala mais extremada da direita, a “extrema-direita”, manifestou-se por meio da recusa a progressos em conformidade com os direitos humanos. Empenhou-se em construir novos bodes expiatórios para se colocar, simultaneamente, na posição de vítima e herói, pois não tinham mais o anticomunismo como peça de subordinação das massas. Para tal, se valeram de artifícios como a luta contra a violência, associada a xenofobia e racismo, e a resistência a progressos sociais.

O anticomunismo, presente em discursos de direita no decorrer de todo o século XX, perdeu suas forças após a queda do muro de Berlim e o fim da URSS, na última década do milênio. Com a atenuação da força comunista ao redor do mundo, o surgimento de novas

<sup>206</sup> PIERUCCI, Antônio Flávio. As bases da nova direita. **Novos estudos**, CEBRAP, v. 19, n. 3, p. 26, 1987.

<sup>207</sup> Idem. p.37.

pautas opositoras fez-se mais do que necessário para a garantia de um espaço vitorioso na arena política mundial. Desta maneira, tanto a nível nacional, quanto a internacional, conforme expõe Pierucci, a nova direita, que, assim como a direita tradicional, por vezes é difusa e despolitizada, se esforçou “por diagnosticar a crise geral do presente como uma crise primeiramente cultural, uma crise de valores e de maneiras. Crise moral”<sup>208</sup>. Neste sentido, o crescimento de discursos fortalecedores de pautas individualistas em oposição ao coletivismo progressista ganhou mais força, principalmente devido ao assentamento do neoliberalismo. Ademais, conforme também revela Pierucci, o discurso moralista foi corroborado e até mesmo impulsionado pelo crescimento pentecostal e o “televangelismo”<sup>209</sup> no Brasil.

Ao seguir esse raciocínio de como se deu a reformulação do campo da direita durante e após a redemocratização, Odilon Caldeira Neto nos relata que

o momento de abertura do campo político ao longo dos capítulos finais da transição democrática coincide com uma relativa pulverização de diversas pequenas organizações da extrema-direita, que buscavam relacionar-se com a abertura das possibilidades do campo político, todavia, com um ambiente fortemente refratário". A partir desse quadro, pode-se observar as estratégias, em especial durante os processos eleitorais e a relação com partidos políticos.<sup>210</sup>

Foi por meio destas estratégias, conforme apresenta Camila Rocha, que membros do PMDB, ex-arenistas do PDS e PFL e mais envolvidos a políticas de cunho neoliberais, se uniram no que Pierucci apresentou como “centro”, e puderam inviabilizar projetos da esquerda em prol do mercado<sup>211</sup>. A necessidade de assentar o antiestatismo destes grupos fez com que novas ferramentas de coerção passassem a ser mobilizadas. Diante disso, de acordo com Flávio Casimiro, “essas frações dominantes passaram a investir seus esforços materiais e simbólicos na construção e difusão de uma ideologia neoconservadora neoliberal no Brasil, com o intuito de manutenção de suas posições no campo de poder político-econômico”<sup>212</sup>. O esforço voltado para a construção desta ideologia foi estabelecido na criação de *think-tanks* pró-mercado, como o Instituto Liberal, fundado em 1983 por Donald Stewart Jr., para educar o empresariado brasileiro e também atingir um público mais amplo<sup>213</sup>.

---

<sup>208</sup> Idem, p.45.

<sup>209</sup> Idem, p.44.

<sup>210</sup> CALDEIRA NETO, Odilon. Neofascismo, “Nova República” e a ascensão das direitas no Brasil. **Conhecer: debate entre o público e o privado**, v. 10, n. 24, p. 120-140, 2020.

<sup>211</sup> ROCHA, Camila. **Menos Marx, mais Mises**: O liberalismo e a nova direita no Brasil. Todavia, 2021. p.72

<sup>212</sup> CASIMIRO, Flávio. **A construção simbólica do neoliberalismo no Brasil (1983-1998)**: A ação pedagógica do Instituto Liberal. 2011. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de São João del Rei, São João del-Rei.

<sup>213</sup> ROCHA, Camila. **Menos Marx, mais Mises**: O liberalismo e a nova direita no Brasil. Todavia, 2021. p.60

Casimiro, ao empregar a contribuição da cientista social Denise Gros, expõe que o aparecimento de instituições liberais no cenário brasileiro faz parte de um panorama internacional:

Os Institutos Liberais surgem no cenário nacional como uma organização com forte influência de modelos externos e como estratégia dos setores de capital mais concentrados e vinculados aos capitais financeiros nacional e internacional, com o objetivo de difundir seus valores entre a burguesia e na sociedade em geral. A inspiração externa dos Institutos Liberais é o movimento neoliberal internacional, que se insere na articulação das forças conservadoras no mundo a partir dos anos 70 e 80. A doutrina desse movimento se fundamenta na Escola Austríaca de Economia, que defende um liberalismo ultraconservador, muito distante das formulações do liberalismo clássico. Dada a forte relação entre a burguesia e o Estado ao longo de toda a história do capitalismo brasileiro, assim como a sua adesão tardia à saída pactuada da ordem autoritária, é possível perceber que a ideologia liberal que a burguesia adota é a sua vertente mais conservadora, o que demonstra certa continuidade com as ideologias burguesas históricas do País, nas quais os traços autoritários e conservadores predominaram sobre os progressistas e democratizantes.<sup>214</sup>

Posto isto em conta, iremos nos deter em como estes *think-tanks* pró-mercado, que fazem parte dos “aparelhos privados de hegemonia” possibilitaram o surgimento de uma nova classe de intelectuais no Brasil. O conceito de “aparelhos privados de hegemonia” (APH), foi apresentado por Antonio Gramsci no primeiro volume dos “Cadernos do Cárcere”<sup>215</sup> e nos foi sintetizado pela historiadora Virgínia Fontes como “a categoria teórica capaz de abranger a diversidade e as lutas sociais contidas na sociedade civil, espaço organizativo e de lutas de classes”<sup>216</sup> que, de acordo com Carlos Nelson Coutinho, é composto por meio de “organismos sociais coletivos voluntários e relativamente autônomos em face da sociedade política”<sup>217</sup>.

Assim sendo, conforme evidenciado por Lucas Patschiki, cada grupo pertencente à batalha de classes, necessita criar uma elite de intelectuais capaz de expandir seus ideais em busca da hegemonia estatal<sup>218</sup>. Patschiki nos acrescenta que, de acordo com Gramsci, a classe de intelectuais é dividida em dois grupos: os “intelectuais orgânicos”, caracterizados por serem essenciais para a manutenção da estrutura vigente, pois, criados pelo empresariado, estão “relacionados a um organismo social com a função de organizadores, dirigentes — uma

---

<sup>214</sup> CASIMIRO, Flávio. **A construção simbólica do neoliberalismo no Brasil (1983-1998)**: A ação pedagógica do Instituto Liberal. 2011. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de São João del Rei, São João del-Rei.

<sup>215</sup> HOEVELER, Rejane Carolina. O conceito de aparelho privado de hegemonia e seus usos para a pesquisa histórica. **Revista Práxis e Hegemonia Popular**, v. 4, n. 5, p. 145-159, 2019.

<sup>216</sup> FONTES, Virgínia. Capitalismo filantrópico? Múltiplos papéis dos aparelhos privados de hegemonia empresariais. **Revista Marx e o Marxismo—Revista do NIEP-Marx**, v. 8, n. 14, 2020., p.16.

<sup>217</sup> COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci**: Um estudo sobre seu pensamento político. Rio de Janeiro: Campus, 1992, p. 77.

<sup>218</sup> PATSCHIKI, L. **Os litorais da nossa burguesia**: O Mídia sem Máscara em atuação partidária (2002-2011). Dissertação de Mestrado, 2012

relação indissociável da práxis”<sup>219</sup>. Já o outro grupo, “os intelectuais tradicionais”, são compreendidos como os “representantes da continuidade histórica”, por não romperem com as relações sociais anteriores como forma de recusa à reverência ao grupo dominante. Então, ao se apresentarem como autônomos frente ao grupo social dominante, são colocados em uma posição na qual precisam ser “conquistados ideologicamente” pelos intelectuais orgânicos para que estes obtenham êxito em sua construção hegemônica<sup>220</sup>.

O processo de disputas hegemônicas foi intensificado após o período de redemocratização no Brasil. A emergência de novos intelectuais de direita foi fomentada por aparelhos privados, atuantes como *think-tanks* pró-mercado, como os organizadores do “Centrão”, composto por empresários de setores diversos, incluindo o presidente Instituto Liberal de São Paulo, Jorge Simera Jacob, responsável, conforme exposto por Paulo Rabello de Castro e apresentado por Camila Rocha, por formar a “base do chamado Centrão a partir de 1987, dando uma orientação mais racional para a ‘viagem na maionese’ que o pessoal de esquerda queria fazer com a Constituinte”<sup>221</sup>.

A busca pela formação de novos intelectuais orgânicos defensores da cartilha liberal, conduziu o esforço destes *think-tanks* em angariar um público-alvo, formador de opinião, encaixado, por Camila Rocha, nas categorias de: “deputados federais e senadores; governadores de estado e secretários; prefeitos influentes de grandes municípios; deputados estaduais mais representativos; professores universitários; jornalistas; dirigente de entidades empresariais; empresários militantes; líderes sindicais; líderes estudantis; líderes de entidades civis”<sup>222</sup>. Tal esforço possibilitou a emergência de novos nomes alinhados com os objetivos intelectuais desta classe dominante.

Foi neste sentido que emergiu, no decorrer dos anos 1980, Olavo de Carvalho, responsável por ministrar cursos e palestras de filosofia, organizadas por Roxane Carvalho, que viria mais tarde a se tornar sua esposa, e Erica Pinheiro, em instituições públicas e privadas tais quais o “Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos” e “União Brasileira de Escritores”<sup>223</sup>. A partir de 1989 passou a ofertar os “Seminários de Filosofia”, oferecidos duas vezes ao mês nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Foi neste período que passou a se apresentar como figura intelectual e comentarista político e lançou, em 1995, sua primeira

---

<sup>219</sup> Idem, p. 21.

<sup>220</sup> Idem, p.22

<sup>221</sup> ROCHA, Camila. **Menos Marx, mais Mises**: O liberalismo e a nova direita no Brasil. Todavia, 2021. p.70

<sup>222</sup> Idem, p. 79

<sup>223</sup> PATSCHIKI, L. **Os litorais da nossa burguesia**: O Mídia sem Máscara em atuação partidária (2002-2011). Dissertação de Mestrado, 2012, p.33-35.

obra dedicada a esta temática: “O jardim das aflições: de Epicuro à ressurreição de César — Ensaio sobre o materialismo e a religião civil”, da editora Diadorim<sup>224</sup>.

Olavo de Carvalho, cerca de uma década antes, já havia lançado livros dedicados a curiosos e àqueles que tinham como desejo se aprofundar nos assuntos relacionados a astrologia, nas editoras <sup>225</sup> “Speculum” <sup>226</sup>, “Nova Stella”<sup>227</sup>. “Instituto de Artes Liberais/Stella Caymmi Editora”<sup>228</sup>. No entanto, foi somente após sua dedicação a falar de política que ganhou maior notoriedade. Em 1996 teve seu primeiro *best-seller* lançado pela UniverCidade, “O imbecil coletivo: atualidades inculturais brasileiras.”, responsável por consolidá-lo como intelectual de direita.

O suporte garantido por Ronald Levinsohn, dono do Grupo Delfin e reitor da UniverCidade, tornou possível que Olavo ocupasse o cargo que o jornalista Paulo Francis deixou em aberto após seu falecimento, em 1997<sup>229</sup>. Conforme exposto por Lucas Patschiki, o falecimento de Paulo Francis, personalidade com quem Olavo conseguiu estreitar laços nos anos que antecederam sua morte, trouxe consigo a necessidade de um novo intelectual

---

<sup>224</sup>Não encontramos registros relacionados ao funcionamento desta editora neste período. Existe uma editora homônima, no entanto, ela foi fundada apenas em 2016. **Diadorim Editora: Sobre nós**. Disponível em: <https://diadorimeditora.com.br/sobre-nos/>. Acesso em dezembro de 2024,

<sup>225</sup> Não há registros sobre o funcionamento da editora Nova Stella, mas, encontramos registros a respeito das outras duas editoras. De acordo com o Comprovante de Inscrição e de Situação Cadastral do Portal da Fazenda, disponível em: <https://consultacnpj.redesim.gov.br/>, vimos que a editora Speculum foi aberta no ano de 1986 por Mateus Sampaio Soares de Azevedo. Com formação dedicada a nomes do tradicionalismo, como Frithjof Schuon, Mateus Azevedo deu baixa na editora em dezembro de 2008. Entretanto, em 2021, a “EDITORA SPECULUM LTDA” foi cadastrada como pessoa jurídica por Gabriel Librelotto Abdala, Gabriel de Oliveira Castro e Thales Rodrigues Gauze; teve baixa em outubro de 2022. Mesmo sem possuir registros ativos como empresa, a Editora Speculum possui um site ativo, além de perfis no Facebook, Instagram e YouTube (todos criados em 2022), ofertando livros de cunho tradicionalista, além de posts dedicados a Olavo de Carvalho. Devido à data de criação dos perfis, acreditamos que a empresa ainda pertence aos três últimos sócios citados. **Editora Speculum**. Disponível em: <https://editoraspeculum.com.br/>. Acesso em dezembro de 2024. **Editora Speculum**. [https://www.youtube.com/channel/UC8yegSlzTH\\_0XxamAqNWaNA](https://www.youtube.com/channel/UC8yegSlzTH_0XxamAqNWaNA). Acesso em dezembro de 2024. **Editora Speculum**. <https://www.instagram.com/editora.speculum/>. Acesso em dezembro de 2024.

No que diz respeito ao Instituto de Artes Liberais, encontramos, também na consulta de CNPJ do Portal da Fazenda, que a empresa foi aberta em 1987 por Olavo de Carvalho e foi encerrada em março de 2019 devido a omissões de informações na receita.

<sup>226</sup> **O crime da Madre Agnes ou A confusão entre espiritualidade e psiquismo**. São Paulo: Speculum. 1983; **Questões de simbolismo astrológico**. São Paulo: Speculum. 1983; **Universalidade e abstração e outros estudos**. São Paulo: Speculum. 1983.

<sup>227</sup> **Astros e símbolos**. São Paulo: Nova Stella. 1985; **Astrologia e religião**. São Paulo: Nova Stella. 1986; **Fronteiras da tradição**. São Paulo: Nova Stella. 1986.

<sup>228</sup> **Símbolos e mitos no filme “O silêncio dos inocentes”**. Rio de Janeiro: Instituto de Artes Liberais. 1992; **Os gêneros literários: Seus fundamentos metafísicos**. 1993; **O caráter como forma pura da personalidade**. 1993; **A nova era e a revolução cultural**: Fritjof Capra & Antonio Gramsci. Rio de Janeiro: Instituto de Artes Liberais & Stella Caymmi. 1994; **Uma filosofia aristotélica da cultura**. Rio de Janeiro: Instituto de Artes Liberais. 1994.

<sup>229</sup> Ronald Levinsohn foi uma grande figura do empresariado brasileiro. Sua empresa, o Grupo Delfin, dono de uma das maiores cadernetas de poupança do país nos anos 1980, foi responsável por um grande escândalo econômico ocorrido durante o período ditatorial brasileiro: o Caso Delfin, marcado por uma acusação de fraude que levou os clientes da carteira de poupança imobiliária a uma onda de saques de suas economias. Oliveira, Simone de. **Em 83, BC interveio no Grupo Delfin após onda de saques e acusação de fraude**. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/em-83-bc-intervio-no-grupo-delfin-apos-onda-de-saques-acusacao-de-fraude-22301040>. Acesso em dez. 2024.



responsável pela defesa da burguesia brasileira, tendo em vista que Francis foi um dos jornalistas mais bem pagos no Brasil e defendia sua fortuna (após seu falecimento Levinsohn foi o responsável por seu patrimônio) e de seus colegas com bastante empenho por meio de críticas à esquerda.

Para garantir a manutenção de seus interesses, Levinsohn que, à época do escândalo do Grupo Delfin subornou a mídia a seu favor, recorreu a um outro caminho, desta vez dedicado à construção hegemônica de seus ideais por meio do mercado educacional<sup>230</sup>. A criação de seu APH, a UniverCidade<sup>231</sup>, seria a responsável por “afirmar uma visão específica de mundo<sup>232</sup>” na qual autores como Augusto Frederico Schmidt, Golbery do Couto e Silva e Jean-François Revel foram utilizados como referência de uma cultura a ser construída no Brasil. Sua ligação com Olavo de Carvalho garantiu conquistas mútuas, pois, “O imbecil coletivo” foi um sucesso e se tornou o primeiro *best-seller* de Olavo e da Editora UniverCidade. Tamanho sucesso garantiu a Carvalho o uso do espaço físico da UniverCidade para seus Seminários de Filosofia, além de ter ocupado o cargo de diretor da Editora UniverCidade de 1999 a 2001, data em que rompe laços com Ronald Levinsohn <sup>233</sup>.

O sucesso editorial de Olavo de Carvalho também fomentou sua carreira jornalística e neste período participou, de forma mais ativa, de colunas de jornais e revistas como “O Globo” e “Veja”. Ademais, para além dos espaços já conquistados, Olavo também fez questão de se fazer presente no mundo digital, ainda recente nos anos finais do século XX, e lançou, em 1998, seu blog “Olavo de Carvalho”, com o objetivo de reunir todas suas publicações em um só lugar. Após o rompimento com Levinsohn, as publicações posteriores de Olavo foram lançadas pelas editoras TopBooks<sup>234</sup>, É realizações<sup>235</sup> e Vide Editorial<sup>236</sup>. O surgimento (e

---

<sup>230</sup>PATSCHIKI, L. **Os litorais da nossa burguesia**: O Mídia sem Máscara em atuação partidária (2002-2011). Dissertação de Mestrado, 2012, p. 38-41.

<sup>231</sup> Parte de mais uma polêmica envolvendo o nome de Ronald Levinsohn, o Centro Universitário da Cidade (UniverCidade) foi descredenciado pelo MEC em 2013 sob a justificativa de baixa qualidade acadêmica da instituição. **MEC descredencia Universidade Gama Filho e Centro Universitário da Cidade**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/212-educacao-superior-1690610854/20134-mec-descredencia-universidade-gama-filho-e-centro-universitario-da-cidade>. Acesso em: dez. 2024.

<sup>232</sup> Idem, p. 40.

<sup>233</sup> Op. Cit.

<sup>234</sup>Fundada em 1990, foi responsável pelo lançamento de O imbecil coletivo II: A longa marcha da vaca para o brejo e, logo atrás dela, os filhos da PUC, as quais obras juntas formam, para ensinança dos pequenos e escarmento dos grandes (1998).

<sup>235</sup> Fundada em 1995, foi responsável pelo lançamento da Coleção história essencial da filosofia (2002-2006) e A Dialética Simbólica - Ensaios Reunidos (2006).

<sup>236</sup> Fundada em 2003, sem informações sobre seu capital, foi responsável pela publicação da maioria dos livros de Olavo de Carvalho: *Maquiavel ou A Confusão Demoníaca* (2011); *A filosofia e seu Inverso* (2012); *Os EUA e a nova ordem mundial* (2012); *Visões de Descartes entre o gênio mal e o espírito da verdade*. (2013); *Apoteose da vigarice* (2013); *O mundo como jamais funcionou* (2014); *A Fórmula para Enlouquecer o Mundo* (2014); *A inversão revolucionária em ação* (2015); *O império mundial da burla* (2016); *O dever de insultar* (2016); *Breve retrato do Brasil* (2017); *Os Históricos no Poder*. (2018).

permanência) destas editoras, nos anos 1990, que apresentam em seu catálogo obras de cunho conservador, representa o enfraquecimento de discursos da esquerda frente ao avançar dos interesses liberais.

De acordo com Leonardo Nóbrega, a partir dos anos 1990, houve uma mudança no mercado editorial após o estabelecimento de conglomerados em detrimento de pequenas editoras. Inspirada pelo crescimento da “Random House”, editora estadunidense que comprou editoras concorrentes, Sérgio Machado, herdeiro da editora Record, repetiu o caso de sucesso no Brasil<sup>237</sup>. Neste sentido, mesmo que com a incorporação de editoras com vieses diversos, capazes de apresentar um catálogo mais diversificado, voltados para obras tanto de esquerda, quanto de direita, as editoras dedicaram seus esforços ao lucro e investiram, cada vez mais, em *best-sellers* e *instant books*, “que são livros de rápida circulação e fácil absorção pelo público, lançados geralmente no ápice de uma discussão pública e sem a pretensão de perenidade”<sup>238</sup>, como o caso do “O Mínimo que Você Precisa Saber para não Ser um Idiota”, do jornalista Felipe Moura Brasil, que reuniu diversos textos polêmicos de Olavo de Carvalho nesta obra publicada em 2013.

Nos anos 2000, a partir da vitória do Partido dos Trabalhadores (PT) nas eleições presidenciais, a disputa pela hegemonia cultural ficou mais notória. A “Nova direita”, em especial sob os discursos de Olavo de Carvalho, restaurou o discurso anticomunista como ameaça ao bem-estar social. Em uma tendência vista também ao redor do mundo, fomentada pelo despertar do interesse a uma alternativa política apresentada por meio de blogs, sites e comunidades do Orkut, novos intelectuais surgiram.<sup>239</sup>

A retórica de Olavo de Carvalho não era original e, conforme exposto por Jorge Chaloub e Fernando Perlatto, a responsabilização da esquerda por todos os problemas sociais já teria sido, para Jürgen Habermas, uma estratégia dos neoconservadores alemães.<sup>240</sup> Entretanto, apesar de mimetizar movimentações vistas no exterior, seus discursos tiveram grande espaço no mundo virtual e acadêmico, tendo em vista que, por meio do uso do “gramscismo de direita” conseguiu traduzir as estratégias remetentes à construção de um imaginário negativo da esquerda para o cenário brasileiro.

O distanciamento do período ditatorial somado ao apagamento das memórias deste momento histórico da política brasileira permitiu que a direita saísse das sombras.

---

<sup>237</sup>DA SILVA, Leonardo Nóbrega. O mercado editorial e a nova direita brasileira. **Teoria e Cultura**, v. 13, n. 2, 2018. p. 75.

<sup>238</sup>Idem, p.76

<sup>239</sup>CHALOUB, Jorge; PERLATTO, Fernando. A nova direita brasileira: ideias, retórica e prática política. **Insight Inteligência**, v. 72, p. 24-41, 2016.

<sup>240</sup>Op. Cit.

Influenciados pelo caso de sucesso de Olavo na primeira década dos anos 2000, caracterizado pela rentabilidade promovida por críticas ao Partido dos Trabalhadores e qualquer movimentação que o norteia, novos intelectuais públicos emergiram buscando uma trajetória semelhante. Jorge Chaloub e Fernando Perlatto, buscando compreender como foi a emergência e impacto destes intelectuais no panorama brasileiro, apresentam uma divisão conceitual como metodologia de investigação. Tal divisão se refere aos conceitos de direita teórica e direita militante. A direita teórica

reclamaria seu lugar à direita no debate público a partir de argumentos de ampla duração histórica, de modo que as razões para a recusa à esquerda mobilizariam ideias e noções que ultrapassam em muito o contexto imediato, destacando os equívocos dos setores de esquerda em relação à modernidade e à natureza humana<sup>241</sup>.

Além disso, se esforça como meio de legitimar seus argumentos, em empregar amplo material bibliográfico. Movimentam, na maioria das vezes, material correspondente a sua ideologia, mas também utilizam clássicos da literatura de esquerda para criticá-los. Neste grupo, portanto, se encaixam os intelectuais mais próximos ao caminho filosófico, como Olavo de Carvalho e Luiz Felipe Pondé<sup>242</sup>. Já o segundo conceito se refere a

direita militante, que, por sua vez, é composta, sobretudo, por polemistas públicos, com seus intelectuais circunscritos às questões da conjuntura mais imediata e sua argumentação raramente ultrapassando os marcos mais evidentes do debate contemporâneo<sup>243</sup>.

Buscam, por meio do “polemismo antiesquerdista”, apresentar erudição, mencionando muitos autores, mas se baseiam principalmente nas teorias libertárias de Ludwig von Mises e Friedrich Hayek e nos autores da direita teórica para sustentar suas argumentações. Além disso, suas considerações voltadas ao tratamento do presente, fazem com que não haja muito aprofundamento em seus trabalhos. Reinaldo Azevedo, Rodrigo Constantino, Guilherme Fiuza, Marco Antonio Villa, Diogo Mainardi, Denis Lerrer Rosenfield, são alguns dos nomes encaixados neste conceito.<sup>244</sup>

A separação entre estes dois grupos de intelectuais facilita a visualização de Olavo como referência para os novos pensadores da “Nova direita”. Seu fomento ao discurso anticomunista viabilizado pela “guerra cultural” fez com que a popularidade de governos

---

<sup>241</sup> Idem p.10

<sup>242</sup> Op. Cit.

<sup>243</sup> Op. Cit.

<sup>244</sup> Idem. p.11.

progressistas diminuísse no Brasil. Visando instaurar um projeto ideológico focado na participação mínima do Estado nos assuntos econômicos, Olavo passou a apresentar discursos aos quais refere a soberania nacional e estatal como parte de um projeto totalitário do Partido dos Trabalhadores.

A constante tentativa de associar o PT e os governos de Lula e Dilma como regimes com anseios de se transformar em um totalitarismo fez com que pautas que associam o fascismo à esquerda se tornassem cada vez mais presentes. Tais pautas são inspiradas na escola austríaca, na qual *O caminho da servidão* de Hayek, apresenta o Estado por meio de um caráter totalitário frente ao libertarianismo. Olavo de Carvalho associou o Movimento dos Sem Terra e o Foro de São Paulo como movimentos fascistas devido ao seu caráter revolucionário. Ignorou, portanto, a historicidade dos movimentos sociais e somente quis polemizá-los.

A inclusão da associação de organizações progressistas ao fascismo realizada por Olavo de Carvalho permitiu que outros intelectuais abordassem esta temática em sua agenda. Reinaldo Azevedo, em entrevista, já afirmou que o fascismo é de esquerda, assim como também o fizeram o jornalista Leandro Narloch e o influenciador Evandro Sinotti. Assim, por meio de livros polêmicos e uso ativo das redes, estes autores, que estão inseridos na categoria de intelectuais militantes, conseguiram expandir o uso do revisionismo e negacionismo histórico para um público mais jovem e fomentaram, no Brasil, um discurso anticomunista cujo objetivo é abrir caminhos para a atuação da nova direita.

#### 4. O “Fascismo de Esquerda” na “nova direita” brasileira

Neste capítulo final, visamos apresentar a emergência de novos intelectuais da direita e sua atuação na esfera pública e intelectual brasileira através de seus lançamentos bibliográficos. Para tal análise, no primeiro tópico do capítulo iremos buscar expor como se deu a ocupação de novos personagens na literatura brasileira. Assim, visamos expor como ocorreu a popularização de livros com temas polêmicos voltados à política.

Após a apresentação do cenário que possibilitou a publicação de obras de novos intelectuais reconhecidos como representantes da “nova direita” brasileira, iremos nos debruçar no trabalho de dois destes intelectuais. Neste sentido, vamos dar enfoque ao tratamento do conceito “fascismo” realizado pelo jornalista Leandro Narloch em seu *Guia Politicamente incorreto da História do Mundo* (2013) pela editora Leya, e pelo influenciador Evandro Sinotti e seu livro *Não, Sr. Comuna: Guia para desmascarar as falácias esquerdistas* (2015), lançado através da Editora Sinotti.

Utilizaremos como aporte metodológico para a análise destes capítulos, os direcionamentos de Robert Darnton que nos lembra do processo de atentar-se às influências dos autores para a criação dos livros, a categoria a qual estão inclusos, a qual público se destinam, e qual público realmente atingem, o contexto econômico, social, e político. Desta forma, nos indagamos acerca do cenário em que foram produzidos e publicados, os debates e as circunstâncias políticas da época, gerando determinadas respostas e novas discussões, reações às quais se inscrevem estes livros.<sup>245</sup>

Além disso, também utilizamos o método proporcionado por Roger Chartier, que consiste em compreender que “a própria materialidade do livro é fundamental para como o texto é entendido e recebido, já que a passagem de uma materialidade a outra transforma o texto e gera um novo público”<sup>246</sup>. Posto isto, vamos analisar tanto as condições de publicação dos livros físicos, como nos atentar para as formas em que são disponibilizados na internet.

Inspirados tanto pelo caminho que Olavo de Carvalho trilhou para a emergência de novos livros de cunho revisionista, tanto pelas visões que o intelectual disserta em seus textos, Sinotti e Narloch fazem usos políticos do passado como uma ferramenta para popularizar ideais ligados à visões políticas liberais. Desta maneira, buscam reconstruir a narrativa histórica do fascismo para o movimento ser apresentado como antagonico aos valores que pregam.

---

<sup>245</sup> DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. Editora Companhia das Letras, 2010.

<sup>246</sup> CHARTIER, Roger et al. **A história cultural**. Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, v. 1, p. 12, 1990.

Assim sendo, fomentaram um antagonismo político àqueles que consideram seus inimigos, à esquerda, e atuaram como ferramenta para a consolidação do “antipetismo” brasileiro que levou a consolidação da nova direita através da vitória presidencial de Jair Messias Bolsonaro, em 2018.

#### 4.1 — Os intelectuais da Nova Direita no mercado editorial

A ascensão de intelectuais representantes da nova direita brasileira foi parte de uma movimentação dupla no cenário brasileiro. Foram impulsionados por *think tanks* liberais, cujo objetivo era implementar suas ideias em diversas esferas sociais, além de uma mudança de interesses editoriais ocorrida a partir dos anos finais da década de 1980.

No entanto, tal cenário não foi particular à realidade brasileira, e pôde ser visto em diversos países ao redor do mundo, em especial nos Estados Unidos. De acordo com Fernando Perlatto e Jorge Chaloub, desde a queda do Muro de Berlim, representante de uma derrota do campo político da esquerda frente à propaganda de bem-estar social estadunidense, novas correntes intelectuais, frutos de sementes conservadoras e reacionárias, floresceram<sup>247</sup>. Conforme já citado no capítulo anterior, a existência de *think tanks* de cunho liberal potencializou a formação de aparelhos privados de hegemonia, cujo objetivo era obter um maior controle ideológico no Brasil para derrubar as interferências que poderiam ser causadas pela esquerda em direção a seus objetivos sócio-econômicos.

Neste sentido, novos espaços foram munidos de investimentos para que uma nova classe de intelectuais passasse a atuar na indústria cultural nos jornais de maior circulação (O Globo, Folha de São Paulo, o Estado de São Paulo, Correio brasiliense e Estadão), no mercado editorial (em editoras como Record, LeYa e Globo Livros), além de claro, da internet, que seria fundamental para disputas ideológicas a partir dos anos 2000. Com a vitória de representantes de esquerda na América Latina, os liberais voltaram a se sentir ameaçados por políticas capazes de tirar seus privilégios e passaram a se organizar novamente por caminhos diversos, em especial na internet.

Conforme nos apresenta Camila Rocha, os *think tanks* liberais formados ainda na década de 1970, ao se reorganizarem, passaram a ocupar espaços virtuais em sites, blogs, fóruns e, principalmente, na rede social Orkut, surgida no Brasil no ano de 2004.<sup>248</sup> Dando

---

<sup>247</sup>CHALOUB, Jorge; PERLATTO, Fernando. A nova direita brasileira: ideias, retórica e prática política. **Insight Inteligência**, v. 72, p. 24-41, 2016.

<sup>248</sup>ROCHA, Camila. **Menos Marx, mais Mises**: O liberalismo e a nova direita no Brasil. Todavia, 2021

seguimento às movimentações que tiveram início com a gênese dos *think tanks*, empresários liberais como o dono da UniverCidade, passaram a financiar intelectuais capazes de passar sua palavra adiante, como foi o caso de Olavo de Carvalho, que esteve durante anos a frente de cursos de filosofia nos prédios da universidade de Ronald Levinsohn. Olavo de Carvalho através de seu blog “Mídia sem Máscara”, financiado pelas publicidades da Livraria Cultura,<sup>249</sup> conseguiu introduzir milhares de pessoas a ideias conservadoras e reacionárias. Seus discursos se cruzaram com o avançar de discursos libertários fomentados por *think tanks* como o Instituto Millenium, Atlas Foundation e o Instituto Liberal, que alavancaram a instabilidade política originada no ano de 2005 com o escândalo do mensalão do governo Lula.

Frutos de tais esforços, personagens como Rodrigo Constantino e Reinaldo Azevedo surgiram, e se tornaram mais frequentes em debates públicos. Ainda de acordo com Jorge Chaloub e Fernando Perlatto, estas figuras também conseguiram impulsionar interesse comercial no que diz respeito à exposição de suas ideias. Tendo isso em vista, conquistaram sucesso no mercado editorial brasileiro, que há alguns anos vinha mudando seu perfil para obtenção de maiores lucros focados em livros rápidos, ou “instant books”, como nos apresenta Leonardo Nobrega<sup>250</sup>. Estes “instant books”, direcionados a apresentação de assuntos polêmicos de forma rasa, conquistaram o mercado popular, que os guiou a assuntos voltados à política e história.

Leonardo Nóbrega nos acrescenta que a popularização deste novo setor no mercado se deu graças à editora Record e sua expansão nos anos 1990, caracterizada pela aquisição de novas editoras ao seu catálogo, inspirada em um modelo de negócios realizado nos Estados Unidos pela editora Random House, que através da compra de suas concorrentes expandiu seu leque catalográfico. “Nesse movimento, a Record comprou editoras com catálogos fundamentais da literatura nacional, como a José Olympio e a Bertrand Brasil, e editoras vinculadas historicamente ao pensamento de esquerda, como a Paz e Terra e a Civilização Brasileira.”<sup>251</sup> O aumento de ganhos referente à ampla variedade de selos e públicos angariados através desta tática, aglutinadora de uma cadeia varejista, que levou ao fechamento de menores editoras e livrarias incapazes de competir com um capital muito maior, permitiu

---

<sup>249</sup> Lucas Patschiki afirma que a Livraria Cultura bancou o site Mídia sem Máscara por meio de publicidades. PATSCHIKI, L. **Os litorais da nossa burguesia: O Mídia sem Máscara em atuação partidária (2002-2011)**. Dissertação de Mestrado, 2012, p. 46.

<sup>250</sup> DA SILVA, Leonardo Nóbrega. O mercado editorial e a nova direita brasileira. **Teoria e Cultura**, v. 13, n. 2, 2018.

<sup>251</sup> Idem. p. 75.

que novos investimentos pudessem ser feitos em setores que ainda não estavam consolidados, como o caso dos já citados “instant books”.

Nóbrega também nos salienta que o crescimento da editora Record não ocorreu apenas devido ao fato da empresa ter adquirido suas concorrentes, mas também porque seu presidente, Sérgio Machado, conseguiu se beneficiar das alterações econômicas pelas quais o país passava na década de 1990, em especial a implementação do Plano Real que deu maior abertura para investimentos estrangeiros durante o governo de Fernando Collor. Apesar de ter como ideologia o liberalismo, conforme expõe Nóbrega, Sérgio Machado sempre visou os lucros e escolheu abarcar as editoras que tinham como principal público intelectuais voltados à esquerda e manteve a publicação de obras que não o agradavam já que eram as mais rentáveis no momento em que as adquiriu.

A editora Record não se limitou a títulos brasileiros e trouxe também para o Brasil outras obras de cunho conservador lançadas ao redor do mundo, como o caso dos trabalhos do jornalista estadunidense Jonah Goldberg, autor do *Liberal Fascism* (2008), que foi lançado no Brasil com a tradução *Fascismo de Esquerda* (2009) e inspirou outros autores a seguir esta narrativa, como foi o caso do também jornalista Leandro Narloch, a quem dedicaremos parte deste capítulo a seguir.

Ainda assim, apesar de ter bastante variedade graças aos selos adquiridos, os catálogos das editoras passaram a ser mais semelhantes entre si, pois sempre buscam se inspirar em casos de sucesso. Neste sentido, o sucesso de Olavo de Carvalho, o primeiro *best-seller* deste novo setor editorial, permitiu que mais editoras passassem a investir em conteúdos semelhantes, como foi o caso da Globo Livros e da LeYa.

A Record não foi a pioneira na publicação de autores da nova direita que emergiu no Brasil no século XXI, mas foi a primeira editora de grande porte a realizar tal feito exitosamente. A partir de 2012, segundo Nóbrega, com a chegada do novo editor Carlos Andreazza, a editora assumiu a nova roupagem voltada a um público angariado por esta nova direita e apostou na publicação de uma seleção de artigos de Olavo de Carvalho feita pelo jornalista Felipe Moura Brasil no *O mínimo que você precisa saber para não ser idiota* (2013)

Desde o surgimento da nova direita, a atuação de historiadores frente à realidade foi questionada por figuras públicas, como Jair Bolsonaro e suas falas sobre o período ditatorial brasileiro. Conforme exposto por Caroline Bauer, Jair Bolsonaro manifestou que a ditadura foi apenas uma resposta dos militares ao pedido de “salvação” brasileiro contra a ameaça



comunista que estava presente naquela época<sup>252</sup>. Neste sentido, o negacionismo frente à historiografia e aos historiadores possibilitou a atuação de novos personagens no que diz respeito ao tratamento do passado. No entanto, apesar de já haver uma comercialização da historiografia desde a formulação da história pública, este novo mercado surgido ocupa outro espaço no campo intelectual ao ignorar a escrita profissional

Livros de cunho negacionista passaram a ocupar prateleiras no gênero destinado a não-ficção, especialmente no espaço direcionado aos livros de história e política. Para o historiador Rodrigo Oliveira, tal fato ocorreu devido a “síntese historicista”, na qual autores buscam dar uma síntese simplista a constituição de fatos que forma a história, assim como era feito na “escola de Fustel de Coulanges”, atribuída por Henri Berr como uma escola que visava encontrar as leis que constituem a História para que assim seja possível compreendê-la em sua totalidade. Ainda segundo o autor, “o que parece já ter sido satisfatoriamente abordado pela bibliografia especializada é a ideia de que o esforço de síntese, seja ele qual for, promete explicações totalizantes capazes de orientar homens e mulheres no tempo histórico”<sup>253</sup>.

Assim, Olavo de Carvalho, Leandro Narloch, Reinaldo Azevedo e demais autores do gênero, puderam preencher a lacuna de necessidade de compreensão do que teria levado à formação do Brasil contemporâneo. Segundo Lucas Patschiki, o jornalista Paulo Francis, antecessor de Olavo de Carvalho na mídia brasileira, já direcionava críticas aos historiadores nos anos 1990.

A existência de livros *best-sellers*, consoante a Fernando Moreno da Silva, está diretamente atrelada ao capitalismo e ao desejo por lucro. Neste sentido, os livros estão inseridos nos ensejos da chamada indústria cultural, que ao decorrer do tempo foi alterando seu estilo e se adaptando às nuances do tempo presente. Sendo assim, para conseguirmos compreender como surgiu uma nova categoria de *best-sellers* no século XXI, vamos nos adentrar um pouco sobre o funcionamento desta indústria no Brasil, em especial no setor editorial.

Conforme nos expõe Fernando Moreno da Silva, a indústria cultural se dispõe a fazer uma sutil exploração psicológica por meio do que é disponibilizado para as massas.<sup>254</sup> Ou seja, na maior parte das vezes o sucesso de um livro não está atrelado a autonomia de escolha dos indivíduos, mas sim de uma dedicação coletiva para fazer com que atinjam as massas.

---

<sup>252</sup> BAUER, Caroline Silveira. Jair Messias Bolsonaro e suas verdades: o negacionismo da Ditadura Civil-Militar em três proposições legislativas. **Estudos Históricos (Rio de Janeiro)**, v. 37, n. 82, p. e20240207, 2024.

<sup>253</sup> OLIVEIRA, Rodrigo Perez. Por que vendem tanto? O consumo de historiografia comercial no Brasil em tempos de crise (2013-2019). **Revista Transversos**. Rio de Janeiro, v. 65, 2020. p.79

<sup>254</sup> DA SILVA, Fernando Moreno. Cultura e mercado: o *best-seller* em questão. **INTERthesis Revista Internacional Interdisciplinar**, v. 3, n. 2, p. 1-21, 2006.

Neste espaço se encontram os livros que são nossos objetos de análise, em especial a coletânea de “Guias politicamente incorretos” de Leandro Narloch, que obteve bastante esforço relacionados a técnicas mercadológicas por meio de sua editora, a Record, para que obtivesse sucesso no mercado.

Ainda de acordo com Moreno da Silva, a prática da criação de *best-sellers* através da atuação das editoras, apesar dos autores, não é novidade no Brasil e tem sua gênese rastreada ainda no século XIX (apesar de já ser reconhecida na Europa no século XVIII) por meio da atuação de tipógrafos estrangeiros que firmaram negócio no país por meio da expansão da imprensa. A criação de uma fórmula capaz de alcançar grandes públicos, como foi o caso dos folhetins, alterou como a literatura era vista — a priori dedicada somente às classes mais abastadas e cultas, reconhecida como erudita — permitiu com que novos autores pudessem emergir como representantes da literatura caracterizada como “trivial”, que tinha por objetivo somente entreter.

Apesar do tamanho sucesso dos folhetins, que se devia na maioria das vezes pelo baixo custo de publicação nos jornais em comparação aos livros, o interesse pela literatura, tanto ficcional ou não, não foi o suficiente para a expansão do mercado editorial brasileiro. Somente a partir dos anos 1920, a partir do investimento do controverso Monteiro Lobato, que decidiu aumentar os pontos de vendas dos livros para além das livrarias, que este setor se expandiu de forma revolucionária. Além disso, para Moreno da Silva, Lobato “para ampliar as vendas e cultivar o público leitor, investiu pesado na publicidade dos livros com anúncios em jornais, embelezou as capas com ilustração para maior atratividade, melhorou a aparência interna das páginas e não descuidou do pagamento de direitos autorais compensadores.”<sup>255</sup>

Dando seguimento às editoras de sucesso, surgiu em 1930, durante o governo Vargas, a editora Globo, sediada em Porto Alegre. Se diferenciou das demais ao escolher os trabalhos de língua inglesa para serem traduzidos e publicados no Brasil, que até então tinha preferência por autores franceses. A Livraria José Olympio Editora, com livros voltados a temáticas sociais abordadas por autores como Jorge Amado, emergiu como concorrente da editora Globo ao se dedicar a traduções de livros ficcionais devido ao fato das obras nacionais terem sido perseguidas após a instauração do Regime Novo, conforme expõe Moreno da Silva. Tais exemplos nos demonstram que, apesar de terem seus ideais expostos em algumas escolhas editoriais, como o caso da José Olympio, o que define de fato o que será vendido são os interesses externos, tanto da clientela, quanto políticos e, acima de tudo, empresariais.

---

<sup>255</sup> Idem, p.16.

Venício A. de Lima nos exprime que o apoio da grande mídia ao liberalismo não é história recente no país.<sup>256</sup> Para o autor, a mídia sempre atuou como porta-voz dos interesses das classes dominantes no país e tal fato permaneceu até os dias atuais. Nos exemplifica que desde os princípios da primeira República o apoio de jornalistas ao empresariado pode ser observado, mas que o auge de apoio à manutenção do status quo se deu no período de golpe militar realizado em 1964, com a deposição do presidente João Goulart.

Para Lima, o apoio sistemático dos grandes aparatos midiáticos brasileiros foi essencial para o regime dos militares, que eram expostos como “salvadores da nação”. Expõe que tal apoio foi reconhecido tanto por militantes de esquerda, quanto de direita, como foi o caso de Olavo de Carvalho, que aponta o esforço dos jornais como essenciais para o controle da população. Ademais, expõe que para Olavo de Carvalho, a ação de controle midiático se assemelha bastante ao que fora apresentado pela militante anticomunista Suzanne Labin *Em cima da hora: a conquista sem guerra*, onde expõe que o controle ideológico não deve se limitar somente à imprensa, mas também “Deve utilizar todos os outros meios de expressão, desde logo as revistas, panfletos e livros. (...) deverá também produzir filmes”.<sup>257</sup>

Conforme acrescenta Lima, a atuação da mídia em prol da direita permitiu a emergência de novos representantes deste espectro político ao deslegitimar a política e os políticos brasileiros ao nomeá-los como únicos representantes de qualquer crise enfrentada. Geram, portanto, uma crítica ao sistema capaz de enfraquecer as bases democráticas em prol de seus interesses econômicos.

Na crise política iniciada na primeira década do milênio, jornalistas conseguiram inserir um novo vocabulário na boca do povo. Com chavões como “mensalão”, “doutrinação”, “petismo”, “esquerdismo”, iniciou-se um novo modelo comunicacional baseado no ódio. Carlo e Kamradt nos evidenciam que a cultura do “politicamente incorreto” teve bastante influência do mercado editorial, em especial após o primeiro lançamento de Leandro Narloch, o *Guia politicamente incorreto da história do Brasil*, realizado pela editora LeYa, em 2009<sup>258</sup>.

O sucesso desta obra permitiu que Narloch e demais autores seguissem nesta fórmula de publicação, pois o sucesso é tido como garantido. Os autores nos apresentam que entre 2009 (após o lançamento da obra de Narloch) e 2018, 32 livros utilizaram este sintagma em seus títulos. O ano de 2015, período em que a operação Lava Jato efervescia e a crise política

---

<sup>256</sup> LIMA, Venício A. A direita e os meios de comunicação. In: **Direita Volver**, 2015, p. 91-114.

<sup>257</sup> Idem. p. 97.

<sup>258</sup> DI CARLO, Josnei; KAMRADT, João. Bolsonaro e a cultura do politicamente incorreto na política brasileira. **Teoria e Cultura**, v. 13, n. 2, 2018.

do governo petista de Dilma se estendia, contou com seis livros “politicamente incorretos” publicados.

Para Carlo e Kamradt, o uso deste sintagma nos títulos de lançamentos bibliográficos entre os anos 2009 e 2018 evidenciam a formação de uma nova cultura política de direita baseada num discurso contra as universidades e as ciências humanas, em especial à História que, conforme os intelectuais que emergiram neste período, seria responsável por ocultar as verdadeiras vítimas em favorecimento de mulheres, negros e indígenas. Tais críticas estariam ligadas à necessidade de manutenção do status quo da classe média, que passou a viver sob temores após as políticas públicas igualitárias impulsionadas durante os governos de Lula, como a criação das ações afirmativas em universidades e o incentivo à bolsa família.

A elaboração de uma cultura que desestimula a criação de políticas voltadas a melhorias sociais coletivas faz parte de um processo de individualização social, na qual cada indivíduo é tido como responsável pelas suas ações e pelas condições às quais está inserido. Para os membros da classe média, a ascensão social de classes abaixo das suas, fere os seus direitos, até então, quase exclusivos, e o medo de que estes possam ser perdidos se torna cada vez mais constante. Assim, com tentativas de obter a manutenção de seus privilégios, emerge publicamente o político Jair Messias Bolsonaro, escorado em um discurso pautado por falas “politicamente incorretas” como ferramenta de legitimação de suas ações.

Bolsonaro, que utilizou suas redes sociais para se aproximar do eleitorado brasileiro, não seguiu o caminho editorial para a exposição de suas ideias, como foi o caso de grande parte de membros da nova direita brasileira. Utilizou especialmente a rede social Facebook e teve como maior recurso de comunicação o uso de vídeos com conteúdos polêmicos, relacionados às denúncias ao governo petista da presidente Dilma Rousseff, ou à educação, seja em escolas (como o caso do Kit Gay), ou em universidades (onde afirma haver doutrinação comunista).<sup>259</sup>

O fortalecimento do uso do “politicamente incorreto” como norteador do novo jogo político brasileiro permitiu com que novas editoras ocupassem o mercado através do lançamento de obras polêmicas, como foi o caso da Vide Editorial e os selos semelhantes agrupados pela CEDET. Dentre a sua estante, a principal das editoras agrupadas pela CEDET é a Vide Editorial. No entanto, após a vitória de Jair Messias Bolsonaro na eleição presidencial de 2018, seu discurso polemizador ganhou cada vez mais popularidade e atraiu um novo público a obras que, de acordo com o ex-presidente, “seriam pertencentes a

---

<sup>259</sup> Joice Hasselmann. Jair Messias Bolsonaro explica. Facebook, 30 de ago. de 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1847830375307146>. Acesso em: out. 2024.

pequenas editoras dispostas a dar voz aos que não foram ouvidos pelas editoras mais tradicionais”.

Dentre os oito selos obtidos pelo CEDET, somente um deles foi lançado antes de 2018, a Vide Editorial, responsável pela publicação de diversas obras de Olavo de Carvalho e, considerando isso, notável pela sua capacidade de angariar públicos. Os demais selos, criados entre 2019 e 2023, apresentam um catálogo direcionado a livros conservadores, em sua maioria, cristãos. Fazem parte da CEDET, em ordem alfabética, os selos “Auster”, “Ecclesiae”, “Edições Livre”, “Kirion”, “Sétimo selo”, “Mosaic”, “Texugo” e “NeoMaker”. Além de seus selos próprios, também dispõe de editoras parceiras, sendo estas: “Alan Scharamm”, “Alere”, “Angelicum”, “Arcadia”, “Armada”, “Associação do Senhor Jesus”, “Athenaeum”, “Audax”, “BKCC Livros”, “editora Benedictus”, “Cafezinho com pimenta”, “calvarie editorial”, “Editora Caritem”, “Casa Brasileira de livros”, “Casa Pedro editorial”, “Castela”, “Catholica veritas”, “Cedro editora”, “Centro anchieta”, “Editora chafariz”, “Cititerê”, “Concreta”, “Editorial contra errores”, “Cristo e Livros”, “Crux”, “Cantico”, “DDM editora”, “Danubio”, “Domine”, “Devenir”, “Editora E.D.A.”, “Indicto editora”, “Editora Libertatem”, “Monte Carmelo”, “Obra do Cenáculo”, “Editora PHVox”, “Editora Primvs”, “Editora Santo Thomar More”, “Sendo incomum”, “Tesouros Católicos”, “Editora Viv”, “Editora Verbo encarnado”, “Editoral Lux Aeterna”, “Edições Cristo Rei”, “Edições Lumen Christi”, “Edições Virtus”, “Eleia editora”, “Estudos nacionais”, “Gratia Plena”, “Guerra cultural”, “Homebooks”, “ID Editorial”, “Infantaria”, “Klásika Liber”, “Leabhar”, “Liceu”, “Livraria conservadora”, “Resistência Cultural”, “Livros vivos”, “Loreto editora”, “Mater Verbi”, “Mnema”, “Musashi”, “Nova Offensiva Brasil”, “O telhado editora”, “Opção C editora”, “Edições Pantokrator”, “Pedrotti edições jurídicas”, “Percival Puggina”, “Plus Edições”, “Real life books”, “Salve Maria Salve José”, “Virgo Fidelis”, “VisãoMacro”<sup>260</sup>.

Por meio destas parcerias é possível perceber que, nos últimos anos, o mercado editorial sofreu uma inclinação para o conservadorismo cristão. Em decorrência disso, além do aumento em publicações de obras de cunho religioso, vê-se também o surgimento de obras que ambicionam a imposição de modos e costumes conforme a norma conservadora, como o livro *A favor da vida indefesa! Contra o aborto!*, do autor Frei Vanderlei de Lima, publicado pela editora Benedictus.

Ademais, por meio do CEDET é possível ver que o mercado editorial vinculado aos interesses da “nova direita” está cada dia mais fortalecido. Dessa forma, a presença e o surgimento de intelectuais que representam esses interesses se tornam totalmente possíveis.

---

<sup>260</sup> CEDET. Editoras Parceiras. <https://www.cedet.com.br/editoras-parceiras>.

Além disso, nas livrarias virtuais com nomes de figuras conhecidas na nova direita, como Nikolas Ferreira, Rodrigo Constantino, Eduardo Bolsonaro e Paulo Kogos, vários livros são recomendados e promovidos para venda, com base em uma suposta curadoria feita pelos proprietários do site visitado. A exemplo da “Livraria do Nikolas”, pertencente ao deputado Nikolas Ferreira, há uma curadoria de obras divididas nos setores de “ofertas do Nikolas!”, “O cristão e a política”, “Nikolas recomenda”, “Contra o aborto”, “Política”, “Ciências Sociais”, “História” e “Cristianismo”, “Filosofia” e “Literatura”. As categorias são adaptáveis segundo o perfil do “influenciador” que leva o nome do domínio do site da livraria.

Neste sentido, vemos que a disseminação de novas ideias que passaram a ocupar o cenário político nas últimas décadas não são feitas de forma orgânica. E, ao levar isto em conta, tentamos compreender como algumas delas utilizam como ferramenta o revisionismo histórico para parecer mais atrativa para as massas. Desta maneira, reconhecemos que motivados pelo desejo de lucro e alcance, autores se fazem valer de temas polêmicos como elemento de cativação. É neste caminho que os passos de Leandro Narloch e Evandro Sinotti são dados.

#### **4.2 — Leandro Narloch e o “Fascismo de Esquerda” no Guia Politicamente incorreto da História do Mundo**

Leandro Narloch, nascido em 1978, em Curitiba, é um jornalista, mestre em filosofia e escritor brasileiro. Entre os anos de 2006 e 2009 trabalhou na Editora Abril como repórter e autor de Ciência e História das revistas Superinteressante e Veja. Foi redator da coluna “O caçador de mitos” — em formato virtual — na revista Veja por dez anos. Além disso, também foi colunista da Folha de São Paulo<sup>261</sup>, Jovem Pan<sup>262</sup>, Crusoé<sup>263</sup> e CNN Brasil<sup>264</sup>, dedicando-se a assuntos voltados à política, cultura e economia. Foi responsável, em 2024, pela campanha política da candidata à prefeitura de São Paulo, Marina Helena Santos, do Partido Novo.

---

<sup>261</sup>Folha de São Paulo. COLUNISTA: Leandro Narloch. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/leandro-narloch/>. Acesso em out. 2024.

<sup>262</sup>Jovem Pan. Leandro Narloch. Disponível em: <https://jovempan.com.br/tag/leandro-narloch>. Acesso em out. 2024.

<sup>263</sup>CRUSOE. Leandro Narloch. Disponível em: <https://crusoe.com.br/lista/secao/artigo/leandro-narloch/>. Acesso em out. 2024.

<sup>264</sup>Em sua breve passagem pela CNN Brasil, Leandro Narloch foi demitido após polêmicas causadas por um episódio de homofobia promovido pelo jornalista e, em seguida, foi recontratado pela Folha de São Paulo. APOS ser demitido pela CNN Brasil, Leandro Narloch diz que não foi homofóbico. F5, 10 jul. de 2020. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2020/07/apos-ser-demitido-pela-cnn-brasil-leandro-narloch-diz-que-nao-foi-homofobico.shtml>. Acesso em: out. 2025.

É autor da coletânea de “Guias politicamente incorretos”, lançada entre 2009 e 2015. Reconhecido por ser polêmico, Leandro Narloch ganhou destaque no meio intelectual após a produção de sua primeira obra, *Guia Politicamente incorreto da história do Brasil* publicado pela editora LeYa, em 2009. Desde seu debut, Narloch foi alvo de críticas pela classe historiadora devido ao conteúdo de sua obra que, segundo explica Renato Amado, é construída mediante revisionismo historiográfico e coloca a “História está a serviço de preconceitos”<sup>265</sup>. Se fundamenta em temáticas polêmicas como o primeiro voo do avião Santos Dumont<sup>266</sup>, a Guerra do Paraguai<sup>267</sup> e a escravidão brasileira.

Em 2011, dois anos após o lançamento do *Guia politicamente incorreto da História do Mundo*, Leandro Narloch publicou uma versão estendida na qual, conforme expôs em seu extinto site “Guia politicamente incorreto”<sup>268</sup>, adicionou dois novos capítulos com o intuito de falar bem de “personagens geralmente execrados”, como Dom Pedro e Dom Pedro II. O livro se transformou em *best-seller* e, em 2019, em comemoração ao alcance de mais de um milhão de cópias vendidas, foi relançado pela editora Globo Livros.

Dado seu grande sucesso, Narloch aproveitou para surfar na onda de sua fama “politicamente incorreta” e no ano de 2011 lançou seu segundo livro: o *Guia politicamente incorreto da América Latina*, desta vez com co-autoria do também jornalista Duda Teixeira. Seguindo a fórmula de sucesso do primeiro volume, nesta versão os autores apresentam revisionismos de figuras famosas na História, como: Che Guevara, Salvador Allende, Simon Bolívar, dentre outros. Em seguida, em 2013, utilizando o mesmo *modus operandi*, lança o *Guia Politicamente incorreto da História do Mundo*, em 2015 o *Guia Politicamente Incorreto da Economia Brasileira* e em 2017, *ESCRAVOS: A vida e o cotidiano de 28 brasileiros esquecidos pela história*.

A editora LeYa, responsável pela publicação desta coletânea, foi fundada em Portugal no ano de 2008 e abriu sua filial no Brasil no ano seguinte, bem como em outros

---

<sup>265</sup> A análise das demais obras de Leandro Narloch não se encaixam neste capítulo. Para tal, recomendamos a leitura de Renato Venâncio. VENANCIO, Renato. O Incorreto no Guia politicamente incorreto da história do Brasil. Resenha do livro: Guia politicamente incorreto da história do Brasil, v. 2, 2018.

<sup>266</sup> VISONI, Rodrigo Moura. Santos Dumont no Guia politicamente incorreto da História do Brasil. **Revista Brasileira de História da Ciência**, v. 8, n. 2, p. 43-56, 2015.

<sup>267</sup> OLIVEIRA, Vinícius da Rocha. **Revisionismo histórico e memória: as construções de Leandro Narloch sobre a Guerra do Paraguai**. 2023. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2023.

<sup>268</sup> Internet Archive. Guia Politicamente Incorreto. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20230607083336/http://guiapoliticamenteincorreto.com/>. Acesso em out. 2024.

países lusófonos, como Angola e Moçambique.<sup>269</sup> Em 2022, o setor encarregado da atuação em Portugal e Moçambique foi vendido para o grupo holandês Infinitas Learning.

Entre os anos de 2012 e 2018, inspirados pelo sucesso de Leandro Narloch, foram lançadas — também pela editora LeYa — outras obras com a mesma proposta, sendo elas: *Guia Politicamente Incorreto da Filosofia* (2012) e *Guia Politicamente Incorreto do Sexo* (2015) de Luiz Felipe Pondé; *Guia Politicamente Incorreto da Economia Brasileira* (2015), de Leandro Narloch; *Guia Politicamente Incorreto dos Presidentes da República Brasileira* (2017), de Paulo Schmidt; o *Guia Politicamente Incorreto dos Anos 80 pelo Rock* (2017), de Lobão, e por fim, o *Guia Politicamente Incorreto da Política Brasileira* (2018), de Rodrigo da Silva. Vale ressaltar que, excluindo Luiz Pondé, que é filósofo, os demais autores não são especialistas dos temas que escreveram sobre.

O primeiro lançamento de Leandro Narloch, *O Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil*, continuou rendendo frutos e, em 2017, saiu do papel e ganhou as telas por meio de uma série televisiva homônima, pelo canal History. Apresentada pelo *youtuber* Felipe Castanhari, a série dispôs de oito episódios, com participação de historiadores e jornalistas para conferir veracidade às informações expostas. No entanto, alguns dos participantes, como foi o caso da historiadora Lilia Schwarcz, disseram ter suas falas distorcidas em favor da criação de uma narrativa sensacionalista e solicitaram a remoção de sua presença nos episódios. O pedido foi atendido pela emissora e, em 2020<sup>270</sup>, a série foi anunciada com nova estrutura<sup>271</sup>, desta vez apresentada por Eduardo Bueno, jornalista e autor de *Brasil: Uma História* (2003).

A popularização do trabalho de Leandro Narloch lhe garantiu ampla admiração de uma parcela do público brasileiro. Suas redes sociais<sup>272</sup>, que contam com milhares de seguidores, servem de espaço de divulgação de suas ideias atreladas a *think tanks* liberais. Ligado a figuras como Hélio Beltrão e Joel Pinheiro Machado, Leandro Narloch já palestrou

---

<sup>269</sup> QUITA, Filipa. **Editora LeYa vendida a grupo holandês**. Dinheiro Vivo, 28 de fev. de 2022. Disponível em: <https://dinheirovivo.dn.pt/editora-leya-vendida-a-grupo-holandes-14636404.html>. Acesso em jan. 2025.

<sup>270</sup> GUARALDO, Luciano. Após irritar historiadores, Guia Politicamente Incorreto volta de cara nova. Notícias da TV, 06 de nov. de 2020. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/apos-irritar-historiadores-guia-politicamente-incorreto-volta-de-cara-nova-45258?cpid=txt>. Acesso em dez. 2024.

<sup>271</sup> Canal History Brasil. Maratona ao vivo: 4 episódios. YouTube, 23 de out. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H9Hd-ie0fc8>. Acesso em dez. 2024.

<sup>272</sup> LEANDRO NARLOCH. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/lnarloch/?hl=pt-br>. Acesso em dez. 2024.

LEANDRO NARLOCH. Facebook. Disponível em: [https://www.facebook.com/leandronarloch/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/leandronarloch/?locale=pt_BR). Acesso em dez. 2024.

LEANDRO NARLOCH. X. Disponível em: <https://x.com/lnarloch>. Acesso em dez. 2024.



em diversos eventos promotores do liberalismo econômico, como o Fórum da Liberdade<sup>273</sup>, além de ser um dos colaboradores do Instituto Millenium<sup>274</sup>.

Neste sentido, para conseguirmos compreender uma parcela da influência que os discursos de Leandro Narloch tiveram no cenário político brasileiro, iremos nos debruçar sobre sua interpretação acerca do fascismo. Para tal, iremos nos dedicar à análise do capítulo “Fascistas” presente em seu livro *O Guia Politicamente Incorreto da História do Mundo* (2013).

Leandro Narloch em *O Guia Politicamente Incorreto da História do Mundo* busca apresentar uma narrativa revisionista acerca do Fascismo. A obra utilizada como fonte, em sua ficha técnica, apresenta que 20 pessoas físicas e uma pessoa jurídica trabalharam no escopo do livro. É catalogado na grande área de História e nas subáreas da História Universal e História Política. Suas 212 páginas são divididas em oito capítulos, dentre os quais utilizaremos um deles como objeto de análise.

Sob o título de “Fascistas”, Leandro Narloch se propõe a expor em seu capítulo como o fascismo está atrelado à esquerda desde o momento de sua fecundação até o presente. Para tal, Narloch apresentou a ideia do jornalista Jonah Goldberg de que há um tipo de fascismo vestido de uma espécie de “fascismo do bem”, representado por membros da ala da esquerda do espectro político que se faz presente nas manifestações políticas atuais. Neste sentido, para o jornalista, grupos que possuem em sua essência “o impulso de calar liberdades individuais em nome da justiça social, da saúde pública ou de outro bem comum desenhado por técnicos e especialistas” seriam vinculados a políticos de esquerda do presente.<sup>275</sup>

Leandro Narloch expôs que estas características repressoras fazem parte dos ideais de Mussolini e, através delas, buscou construir a tese de que os ideais fascistas apresentados no período de guerras ainda estariam presentes no cenário político brasileiro. Para a construção de sua pesquisa, Narloch desenvolveu uma metodologia que se baseava em perguntar aos políticos brasileiros o que eles achavam de alguns pensamentos de Mussolini. Como meio de obtenção destes pensamentos, consultou:

A Doutrina do Fascismo, o manual ideológico publicado em 1932 pelo ditador italiano e seu filósofo de plantão, Giovanni Gentile, e tirei dali cinco frases que, mesmo fora de contexto, expressam o pensamento totalitário. Omiti referências à Itália e ao fascismo e expus as cinco afirmações à avaliação de 60 deputados federais

---

<sup>273</sup> Fórum da Liberdade. **35º Fórum da Liberdade**: você é livre para discordar. Disponível em: <https://www.forumdaliberdade.com.br/edicoes>. Acesso em dez. 2024

<sup>274</sup> Instituto Millenium. **Especialistas**. Disponível em: <https://institutomillenium.org.br/especialistas/>. Acesso em dez. 2024.

<sup>275</sup> NARLOCH, Leandro. **Guia politicamente incorreto da história do mundo**. LeYa, 2013. p.130.

em Brasília – sem contar para eles, é claro, que as frases vinham da obra do ditador italiano.<sup>276</sup>

As perguntas direcionadas aos políticos, que em suas respostas deveriam avaliar a concordância com as temáticas em uma escala zero a quatro, foram:

- 1) Um homem se torna um homem apenas em virtude de sua contribuição à família, à sociedade e à nação.
- 2) Como um anti-individualista, acredito numa concepção de vida que destaca importância do estado e aceita o indivíduo apenas quando seus interesses coincidem com os do estado.
- 3) O estado deve abranger tudo: fora dele, valores espirituais ou humanos têm pouco valor.
- 4) O estado deve ser não apenas um criador de leis e instituições, mas um educador e provedor de vida espiritual. Deve ter como objetivo reformular não apenas a vida mas o seu conteúdo – o homem, sua personalidade, sua fé.
- 5) O estado deve educar os cidadãos à civilidade, torná-los conscientes de sua missão social, exortá-los à união; deve harmonizar interesses divergentes, transmitir às futuras gerações as conquistas da mente e da ciência, da arte, da lei e da solidariedade humana.<sup>277</sup>

Neste sentido, ao obter respostas dos 60 deputados<sup>278</sup>, Leandro Narloch chegou a conclusão que os políticos de esquerda eram mais favoráveis às ideias fascistas. No entanto, visualizamos que somente pouco mais de 10% dos 513<sup>279</sup> deputados federais foram consultados e que esta amostragem não é representativa dos partidos e, até mesmo, dos deputados consultados, tendo em vista que foram expostos a algumas frases descontextualizadas. Apesar disto, Leandro Narloch apresenta o resultado da consulta, na seguinte tabela, calculada através da soma das avaliações expostas nas respostas.

---

<sup>276</sup>Idem, p. 131.

<sup>277</sup> Op. Cit.

<sup>278</sup> Apesar de confirmar que a pesquisa foi feita com 60 deputados, Leandro Narloch nos mostra apenas 26 participantes.

<sup>279</sup>Deputados Federais : 54ª Legislatura : 3ª Sessão Legislativa, 2011-2015. Disponível em: <https://bd.camara.leg.br/bd/items/67b4b42a-da47-457a-9e1c-5d79ad854715/full>

DEPUTADOS MAIS FAVORÁVEIS ÀS AFIRMAÇÕES DE MUSSOLINI	
Oziel Oliveira (PDT-BA)	14
Jair Bolsonaro (PP-RJ)	12
Vander Loubet (PT-MS)	10
Alexandre Roso (PSB-RS), Beto Faro (PT-PA ), Cândido Vaccarezza (PT-SP), Dalva Figueiredo (PT-AP), Protógenes Queiroz (PCdoB-SP), Flávia Moraes (PDT-GO), Francisco Praciano (PT-AM), José Aírton (PT-CE), Miguel Corrêa (PT-MG)	9

DEPUTADOS MENOS FAVORÁVEIS ÀS AFIRMAÇÕES DE MUSSOLINI	
Lael Varella (DEM-MG), Betinho Rosado (DEM-RN)	0
Augusto Coutinho (DEM-PE), Luiz de Deus (DEM-BA), Otavio Leite (PSDB-RJ)	1
Alexandre Leite (DEM-SP), Márcio Bittar (PSDB-AC ), Marco Tebaldi (PSDB-SC)	2
Valdivino de Oliveira (PSDB-GO), Pinto Itamaraty (PSDB-MA), Valadares Filho (PSB-SE), Almeida Lima (PPS-SE)	3
Carlos Zarattini (PT-SP), Fernando Coelho Filho (PSB-PE)	4

*A soma 20 indica total concordância; 10, a neutralidade; 0, a total discordância.*

**Figura 1:** Resultado da análise dos políticos brasileiros feita por Leandro Narloch.<sup>280</sup>

Além disso, complementa o resultado através da exposição, por meio de outra tabela, do demonstrativo da razão partido vs. aceitação das frases por partido:

ACEITAÇÃO DAS FRASES POR PARTIDO	
PCdoB	8,33
PT	7
PDT	6,9
PSB	5,38
PSDB	2,2
DEM	0,8
<i>A soma 20 indica total concordância; 10, a neutralidade; 0, a total discordância.</i>	

**Figura 2:** Resultado da análise dos partidos políticos brasileiros feita por Leandro Narloch.<sup>281</sup>

Dos 34 partidos políticos em atuação na época, apenas seis foram consultados. Dessa maneira, reconhecemos que a metodologia de Narloch, que ocultou como se deu a escolha dos deputados que participaram de sua pesquisa, apresenta falhas e se mostra inclinada a um resultado pré-definido pelo autor. O jornalista, ao analisar sua tabela, afirmou que: “a maior aceitação dos partidos de esquerda às frases fascistas não deveria ser uma surpresa. Mussolini

<sup>280</sup> NARLOCH, Leandro. **Guia politicamente incorreto da história do mundo**. LeYa, 2013. p. 132.

<sup>281</sup> Idem, p. 133.

nasceu e se formou politicamente no meio de movimentos radicais de esquerda”<sup>282</sup>. Entretanto, conforme a amostragem de sua pesquisa, os deputados com tendências mais favoráveis ao pensamento fascista faziam parte de partidos de centro e/ou de direita, como o caso de Oziel Oliveira, do Partido Democrático Trabalhista, e Jair Messias Bolsonaro, do Partido Progressista.

Ademais, suas alegações são baseadas no trabalho do jornalista estadunidense Jonah Goldberg. Autor do livro *Liberal Fascism* (2008), traduzido no Brasil com o título de *Fascismo de Esquerda* (2009), pela editora Record, Goldberg, no decorrer de seu trabalho, busca expor que o liberalismo estadunidense liderado por personagens como Hillary Clinton e Barack Obama, é uma manifestação do fascismo, derivado do progressismo. Em sua compreensão do que é o fascismo, Goldberg expõe que concorda com a fala de Benito Mussolini na qual o líder italiano “declarava que o século XIX havia sido o século do liberalismo e que o século XX seria ‘o século do fascismo’. Somente examinando sua vida e seu legado é que podemos ver em que medida estava certo — e o quanto à esquerda se encontrava.”<sup>283</sup>

Desta maneira, Jonah Goldberg fez uma apresentação das ligações de Benito Mussolini ao movimento socialista através do trabalho de A. J. Gregor como referência. De tal forma, apresentou sua visão que Mussolini, filho de militantes de esquerda,<sup>284</sup> teria se inspirado no socialismo sindicalista de Georges Sorel. Assim, para Gregor, “o impacto de Sorel sobre Mussolini é fundamental para se compreender o fascismo, porque, sem o sindicalismo, o fascismo seria impossível.”

Nesta construção baseada em Anthony James Gregor – que em sua visão do fascismo reconhece o movimento como fruto de uma religião revolucionária, assim como o marxismo —, Jonah Goldberg se faz valer dos argumentos do autor que afirma que, por meio de Georges Sorel e seu sindicalismo revolucionário, Benito Mussolini passaria a acreditar em uma revolução pautada no comprometimento com a moral e ética. Neste caminho, ambos, Gregor e Goldberg, salientam que a principal influência de Sorel na formação de Mussolini seria a ideia de mobilização de massas mediante um mito

De acordo com esse mito, se todos os trabalhadores declarassem uma greve geral, isso esmagaria o capitalismo e faria dos proletários — e não dos humildes — os herdeiros da Terra. O fato de uma greve geral ter ou não esse resultado não importava, de acordo com Sorel. O que contava era mobilizar as massas para que compreendessem seu poder sobre as classes dominantes capitalistas. Como disse

---

<sup>282</sup> Idem, p. 134

<sup>283</sup> GOLDBERG, Jonah. **Fascismo de esquerda**. Record, 2009. p.42.

<sup>284</sup> Op. Cit.

Mussolini numa entrevista em 1932: “É a fé que move montanhas, não a razão. A razão é uma ferramenta, mas nunca pode ser a força motriz da multidão.”<sup>285</sup>

Para complementar a ideia da influência de Sorel a Mussolini, Jonah Goldberg afirma por meio de um trecho<sup>286</sup> exposto em *The birth of the fascist ideology*, de Zeev Sternhell, que as massas absorveram o marxismo como um dogma religioso caso Marx fosse lido como um profeta e não tendo suas ideias acatadas literalmente. No entanto, Sternhell — que não reconhece o fascismo como uma doutrina religiosa — não afirma que a falta de sentido espiritual no trabalho de Marx tenha sido intencional, conforme expressa Goldberg. Ao contrário, o pesquisador expõe que, através da interpretação de Georges Sorel sobre o marxismo e sua relação com o proletariado, que o intelectual francês passou a desenvolver sua teoria da doutrina do mito que “completaria o marxismo”.<sup>287</sup>

Todavia, vemos via Leandro Galastri que a associação de Georges Sorel às bases intelectuais do fascismo é infundada, pois, para o intelectual francês, a conquista do poder pelo Estado deve ser desprezada e não almejada.<sup>288</sup> Georges Sorel via a necessidade de uma reforma moral, baseada em uma revolução, acima de tudo, na consciência. Tal revolução seria realizada mediante a construção de um “mito” do sindicalismo revolucionário, no qual uma nova cultura seria desenvolvida entre a luta de classes da classe operária, o Estado e os padrões.

Assim, esse mito seria baseado na criação de uma força coercitiva baseada no imaginário de controle proletário, definido por Georges Sorel como a greve geral “permanente no imaginário da classe trabalhadora, gerando atitudes concretas por parte do proletariado combativo”<sup>289</sup>. Contudo, Zeev Sternhell complementa que este mito não apresentava uma solução ou superação do sistema capitalista, mas sim uma manutenção do sistema e que, além disso, Sorel via no marxismo uma “espécie de receptáculo que poderia ser esvaziado de seu conteúdo original e preenchido com outra substância”.<sup>290</sup>

---

<sup>285</sup> Idem, p. 47.

<sup>286</sup> “De acordo com Sorel, O capital de Marx tinha pouco mérito quando tomado literalmente. Mas, perguntava ele, e se a falta de sentido de Marx fosse, de fato, intencional? Se você considerar “esse texto apocalíptico... como um produto do espírito, como uma imagem criada com o propósito de moldar a consciência, ele... é uma boa ilustração do princípio no qual Marx acreditava que deveria basear suas regras para a ação socialista do proletariado”. Idem, p.48

<sup>287</sup> STERNHELL, Zeev; SZNAJDER, Mario; ASHERI, Maia. **The birth of fascist ideology: from cultural rebellion to political revolution**. Princeton University Press, 1994. p.54.

<sup>288</sup> GALASTRI, Leandro de Oliveira. O revisionismo “latino” de Georges Sorel entre 1897 e 1908. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História—ANPUH**• São Paulo, 2011.

<sup>289</sup> Idem, p. 7.

<sup>290</sup> STERNHELL, Zeev; SZNAJDER, Mario; ASHERI, Maia. **The birth of fascist ideology: from cultural rebellion to political revolution**. Princeton University Press, 1994.

Além disso, ao se basear novamente em A. J. Gregor, Jonah Goldberg buscou aproximar o fascismo ao marxismo por meio da indicação que “outra das importantes contribuições de Sorel seria a necessidade de uma ‘elite revolucionária’ para impor sua vontade sobre as massas. Nesse aspecto, como muitos já observaram, Mussolini e Lenin partilhavam quase a mesma perspectiva”.<sup>291</sup> Segundo Leandro Galastri, a associação de Sorel ao fascismo só pode ser realizada mediante uma distorção de seu pensamento. Além disso, Zeev Sternhell complementa que apesar de Sorel e Lénin compartilharem a ideia da necessidade de apoio da classe trabalhadora, suas ideologias se diferem no fato do leninismo não ter se afastado do cerne do marxismo – o materialismo – e ter como objetivo da revolução a destruição do capitalismo<sup>292</sup>.

Podemos ver também a partir do subtítulo “Mussolini era a ‘terceira via’ da política”, que Leandro Narloch se esforça em expor o traço revolucionário de Mussolini que o acompanha desde sua infância. Para tal, exprime que desde

os 10 anos, o garoto liderou um protesto na escola por mais qualidade na merenda, aos 18 já escrevia para um jornal socialista e dirigia um comitê na Suíça; aos 28, como editor do *Avanti!*, um dos principais jornais socialistas da Europa, pregava ideias radicais, como a deposição da monarquia italiana e a necessidade de expulsar todos os cristãos dos países socialistas<sup>293</sup>.

Ademais, Leandro Narloch deixa evidente que pretende expor o passado do Duce como meio de mantê-lo próximo dos ideais revolucionários da esquerda marxista e, mesmo tendo exposto o fato que Mussolini foi expulso do Partido Comunista Italiano, afirmou que o italiano se manteve socialista e teve grande apreço por Lénin. Todavia, Emilio Gentile expõe que a relação de Benito Mussolini com o marxismo teria acabado ainda em sua juventude. Mussolini foi expulso do Partido Comunista Italiano ao atingir uma esfera mais radical de suas paixões e defender a participação da Itália na Guerra. Assim, foi se aproximando a outras ideologias, da mesma forma que fizeram os antigos pensadores do socialismo revolucionário ao se organizarem no fascismo. Complementa que “os fascistas que vieram da esquerda revolucionária, assim como Mussolini, eram verdadeiros ateus, no sentido que negavam radical e integralmente todas as ideias do marxismo e do socialismo igualitário internacionalista.”<sup>294</sup>

---

<sup>291</sup> GOLDBERG, Jonah. **Fascismo de esquerda**. Record, 2009. p.48

<sup>292</sup> STERNHELL, Zeev; SZNAJDER, Mario; ASHERI, Maia. **The birth of fascist ideology: from cultural rebellion to political revolution**. Princeton University Press, 1994.

<sup>293</sup> NARLOCH, Leandro. **Guia politicamente incorreto da história do mundo**. LeYa, 2013 p.134

<sup>294</sup> GENTILE, Emilio. **Fascismo: historia e interpretación**. Alianza Editorial, 2004. p.75.

Stanley G. Payne também atesta que Mussolini abandonou o marxismo e, durante a formação da doutrina fascista, se baseou em ideias ou noções, que foram debatidas por intelectuais da geração de 1890-1914.<sup>295</sup> Segundo Payne, o programa de fundação do fascismo seria baseado no sindicalismo revolucionário, psicologia de massas e no futurismo.

Além disso, Leandro Narloch expõe que, mesmo que o fascismo seja representante de uma terceira via política que, “não é nem esquerda, nem direita”, seus interesses irão sempre se voltar ao Estado por ter o senso de coletividade em sua essência.

A proximidade ideológica fica mais evidente na economia e na organização dos trabalhadores. O fascismo realizou uma forte intervenção nas empresas, nos preços e na relação entre patrões e empregados (...) A linha desenvolvimentista dos economistas brasileiros defende tarifas alfandegárias para proteger a indústria nacional; Mussolini criou diversas barreiras protecionistas para a indústria pesada e produtos agrícolas. Os partidos de esquerda depositam esperanças num planejamento central e no dirigismo econômico; Mussolini, a partir de 1925, deu fim ao estado mínimo italiano; os socialistas tardios botam as garras de fora tão logo ouvem falar de privatização; Mussolini lançou ao mundo a moda de criar imensas estatais.<sup>296</sup>

Desta forma, dá evidência à criação de empresas estatais — que em sua concepção são objetos de defesa de militantes de esquerda — feita por Benito Mussolini e busca traduzir seus feitos para a realidade brasileira através da criação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e Carteira de Trabalho (CLT) realizadas por Getúlio Vargas sob influência do líder fascista. Todavia, segundo Fabio Gentile, a implementação do corporativismo no governo de Vargas foi feita mediante a tentativa de solucionar as crises do sistema liberal e possibilitar a organização de um “projeto nacional-desenvolvimentista autoritário e Estadocentrico, de modernização corporativa da sociedade brasileira no período entreguerras”<sup>297</sup>. Para tal, afirma que não houve cópia, em sentido estrito, do corporativismo fascista, mas sim uma adaptação elaborada pelo jurista e ideólogo do Estado Novo, Oliveira Vianna.

Desta maneira, Fabio Gentile complementa que Vianna produziu a ideia de um “autoritarismo instrumental” que tem, em sua essência, o antimarxismo, nacionalismo e sindicalismo-corporativo traduzidos para a realidade brasileira. Assim, este autoritarismo se afastaria do totalitarismo e apresentaria sempre a possibilidade do governo varguista se abrir para uma sociedade liberal. Além disso, ao contrário do exposto por Leandro Narloch, Stanley Payne afirma que o corporativismo fascista funcionou mais em benefício do capital que do

---

<sup>295</sup> PAYNE, Stanley G. **Fascism: Comparison and definition**. University of Wisconsin Press, 1980.

<sup>296</sup> Idem. p. 135.

<sup>297</sup> GENTILE, Fabio. O corporativismo fascista: um modelo para o Brasil nacionaldesenvolvimentista de Getúlio Vargas. In: **Memorias del Congreso Internacional “La Modernidad en cuestión: confluencias y divergencias entre América Latina y Europa, siglos XIX y XX**. sn, 2016. p. 297-317. p.4

trabalho. Neste sentido, esclarece que o regime, que não obteve um projeto econômico fixo, alternou entre diversas políticas conforme a que lhe traria maiores benefícios.

Ao concluir seu capítulo afirmando que “como se vê, a maior aceitação dos partidos de esquerda às frases fascistas não é uma incoerência, mas prova de uma longa proximidade ideológica”<sup>298</sup>, Leandro Narloch deixa claro que o resultado esperado por essa pesquisa tinha como objetivo enfraquecer pautas progressistas com o intuito de relacioná-las a práticas fascistas. Através deste caminho, facilita o discurso de que a política brasileira, em especial os partidos tidos como esquerda, como o caso do Partido dos Trabalhadores, são nocivos para a democracia.

#### **4.3 — Usos do fascismo em Não, Sr. Comuna! Guia para desmascarar as falácias esquerdistas**

Evandro Wellington Sinotti, natural de Campinas, é uma figura pública brasileira. Comerciante, dono das lojas “Madri Magazine”, localizadas nas cidades de Pirassununga, Porto Ferreira e São João Boa Vista–SP, é participante ativo de associações comerciais em sua região.<sup>299</sup> Reconhecido por seu ofício, Evandro Sinotti se candidatou, em 2014, para o cargo de deputado estadual de São Paulo, pelo PMDB. Sob a alcunha de “Evandro Sinotti da Madri”, defendia, conforme exposto em sua campanha eleitoral na rede social X, “redução do IPVA paulista, redução do ICMS destinado a remédios, além da redução de tributação e burocracia presentes no estado de São Paulo”.<sup>300</sup>

Além de pautas atribuídas ao setor econômico, Evandro Sinotti também defendeu, em sua campanha, o fim da maioria penal, o fim da Lei Rouanet<sup>301</sup>, o fim da “doutrinação ideológica nas escolas” e a privatização das universidades públicas paulistas:

---

<sup>298</sup> Idem. p. 141.

<sup>299</sup> Segundo o cadastro de pessoa jurídica vinculada ao seu nome, Evandro Sinotti é proprietário desta empresa desde 1999. **Redesim - Rede Nacional para a Simplificação do Registro e da Legalização de Empresas e Negócio**. Disponível em: [https://solucoes.receita.fazenda.gov.br/Servicos/cnpjreva/Cnpjreva\\_Comprovante.asp](https://solucoes.receita.fazenda.gov.br/Servicos/cnpjreva/Cnpjreva_Comprovante.asp) e [https://solucoes.receita.fazenda.gov.br/Servicos/cnpjreva/Cnpjreva\\_Comprovante.asp](https://solucoes.receita.fazenda.gov.br/Servicos/cnpjreva/Cnpjreva_Comprovante.asp). Acesso em dez. 2024.

<sup>300</sup> A campanha eleitoral de Evandro Sinotti está disponível em seu perfil da rede X: <https://x.com/evandrosinotti>. Acesso em dez. 2024.

<sup>301</sup> A Lei 8.313/1991, conhecida por Lei Rouanet, é o normativo federal que institucionalizou o incentivo à cultura, por meio da criação do Programa Nacional de Apoio à Cultura – Pronac, de responsabilidade do Ministério da Cultura – MinC.



Pesquisas do Inep (órgão ligado ao MEC responsável por pesquisas educacionais) com professores mostram que nove em cada dez docentes concordam com a afirmação de que "o professor deve desenvolver a consciência social e política das novas gerações". Menos da metade, no entanto, acredita que "o professor deve evitar toda a forma de militância e compromisso ideológico em sala de aula".

**PRECISAMOS ACABAR COM A  
DOCTRINAÇÃO IDEOLÓGICA**



Figura 3: Panfleto de campanha eleitoral<sup>302</sup>

**VOCÊ ACHA ISSO JUSTO?**

**Em 2014, o repasse previsto para USP, Unesp e Unicamp é de R\$ 9,95 bilhões (9,57% do ICMS). Cada um dos 43 milhões de paulistas (crianças inclusive) irá "colaborar" com mais de R\$ 220,00 só este ano, mesmo sem estudar lá.**

**ESTÁ NA HORA  
DE PRIVATIZAR!**



Figura 4: Panfleto de campanha eleitoral<sup>303</sup>

Deu suporte à candidatura de nomes vinculados aos estados do Ceará, Distrito Federal, Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. Representantes dos partidos DEM, PDT, PMDB, PP, PSB, PSC, PSDB e PTB, são estes:

<sup>302</sup>Figura 3. SINOTTI, Evandro. Imagem. 12 de ago. de 2014. X: Evandro Sinotti. Disponível em: <https://x.com/EvandroSinotti/status/499363478172606464/photo/1>. Acesso em dezembro de 2024.

<sup>303</sup> Figura 4. Idem. Disponível em: <https://x.com/EvandroSinotti/status/499533956199763969>. Acesso em dez. 2024.



Figura 5: Candidatos apoiados por Evandro Sinotti nas eleições de 2014.<sup>304</sup>

Sinotti contou com o apoio de Jair Messias Bolsonaro que, à época, era deputado federal pelo Partido Progressista (PP) e seu filho, Eduardo Bolsonaro, candidato a deputado estadual de São Paulo pelo Partido Social Cristão (PSC)<sup>305</sup>. No entanto, com apenas 4.829 votos, o candidato não foi eleito<sup>306</sup>.

No mesmo ano de sua disputa eleitoral, foi apresentador do *Talk Show Evandro Sinotti*, programa de entrevistas e debates políticos exibido pela emissora de TV MIX Regional de Limeira, e por um canal do *YouTube*, responsável pela distribuição dos programas na íntegra. Seu canal foi o pontapé inicial para se tornar uma figura conhecida na internet. Criado em 2014, o *Talk Show Evandro Sinotti* atualmente possui 666 membros inscritos e oito vídeos publicados, com uma média de 5 mil visualizações cada<sup>307</sup>.

<sup>304</sup> Idem. Disponível em: <https://x.com/EvandroSinotti/status/499363692304408576>. Acesso em: nov. 2024.

<sup>305</sup> NARESSI, Vitor. **EVANDRO SINOTTI COM JAIR BOLSONARO**. YouTube, 14 de ago. de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K20qttSvKjw>. Acesso em jan. 2025.

<sup>306</sup> **Informações eleitorais**. Evandro Wellington Sinotti. Disponível em: [http://produtos.seade.gov.br/produtos/eleicoes/candidatos/index.php?page=pol\\_det&cand=197254](http://produtos.seade.gov.br/produtos/eleicoes/candidatos/index.php?page=pol_det&cand=197254). Acesso em jan. 2025.

<sup>307</sup> **Talk Show Evandro Sinotti**. YouTube, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/@talkshowevandrosinotti4014>. Acesso em jan. 2025.

Em declaração feita no *Mundo Conservador*, Evandro Sinotti afirmou que sempre foi simpatizante da direita, mas, pôde aprofundar seus estudos neste campo somente em 2011, por meio do Instituto Mises Brasil<sup>308</sup>. De acordo com Camila Rocha, o Instituto Mises Brasil (IMB), fundado pelos irmãos Christiano e Fernando Chiocca, através de uma comunidade da já extinta rede social Orkut, foi o “primeiro *think tank* ultraliberal do país”.<sup>309</sup> Inserido na definição de *think tank* reconhecida como “defesa da propriedade privada e a liberalização da economia”, Rocha também elenca que o IMB, foi responsável por ocupar a posição de *think tank* com maior influência fora dos EUA.

Desta maneira, a atuação do IMB é baseada na promoção de estudos voltados para o livre mercado, pautados nos ensinamentos da Escola Austríaca de Economia, que tem o economista austríaco Ludwig Heinrich Edler von Mises como um de seus principais membros.<sup>310</sup> Contam com uma extensa variedade de conteúdos educacionais divididos entre os que são pagos: cursos de curta duração e Pós-Graduação; e gratuitos: livros, artigos e podcasts. Dentre seus artigos, o vencedor do ranking de mais acessados é “Afiml, os nazistas eram capitalistas, socialistas ou ‘terceira via’?”, escrito por Chris Calton, pós-graduando do instituto.<sup>311</sup>

À vista de sua formação política, Evandro Sinotti buscou, portanto, conciliar seus interesses ideológicos com a proposta de seu programa — patrocinado pela Madri Magazine — e garantiu ter entre seus convidados membros de *think tanks* liberais, como Matheus Polli (Líber), Kim Kataguirí (Liberalismo da Zoeira)<sup>312</sup>, Roberto Barricelli (Instituto Liberal), Flavio Quintela (autor de “Mentiram (e Muito) Para Mim (2014)”, Joel Pinheiro da Fonseca (Líber) e Olavo de Carvalho.<sup>313</sup> Suas entrevistas, que tinham como cenário os

---

<sup>308</sup> Grande parte dos detalhes acerca da vida de Evandro Sinotti que utilizamos neste trabalho são pautadas em suas entrevistas e postagens autobiográficas. MUNDO CONSERVADOR. **Entrevista com Evandro Sinotti**. Disponível em: <https://mundoconservador.com.br/entrevista-com-evandro-sinotti-autor-do-livro-nao-sr-comuna/>. Acesso em jan. 2025.

<sup>309</sup> ROCHA, Camila. **Menos Marx, mais Mises: o liberalismo e a nova direita no Brasil**. Todavia, 2021. p. 130.

<sup>310</sup> MISES BRASIL. Quem somos. Disponível em: <https://mises.org.br/quem-somos>. Acesso em fev. 2025.

<sup>311</sup> CALTON, Chris. Afiml, os nazistas eram capitalistas, socialistas ou “terceira via”? MISES BRASIL, 07 de fev. de 2022. Disponível em: <https://mises.org.br/artigos/2560/afiml-os-nazistas-eram-capitalistas-socialistas-ou-terceira-via>. Acesso em fev. 2025.

<sup>312</sup> Em entrevista datada em maio de 2014, Kim Kataguirí ainda não era membro do MBL, que viria a ser fundado apenas em novembro do mesmo ano. TALK SHOW EVANDRO SINOTTI. **Debate Ideológico POLÊMICO na TV**. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nC0tXaj004Y&t=1845s>. Acesso em jan. 2025.

<sup>313</sup> Olavo de Carvalho não participou do programa de Evandro Sinotti, mas teve seus ideais expostos por meio de um vídeo no qual o apresentador, junto de seus convidados, debateu a obra do autoproclamado filósofo. TALK SHOW EVANDRO SINOTTI. **Artigos de Olavo de Carvalho (debate)**. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gSYhrVxDB80&t=2093s>. Acesso em jan. 2025.

estabelecimentos comerciais de sua cidade, eram centradas em discussões políticas que apresentavam o objetivo de evidenciar os triunfos dos princípios liberais.

Com o fim de seu programa na TV MIX Limeira, — que teve o último episódio exibido em 12 de junho de 2014 — Evandro Sinotti, que também já havia encerrado sua disputa eleitoral, decidiu explorar novos campos de atuação. Em entrevista ao programa de Podcast “Portal 347” contou que a ideia de “expor as falácias da esquerda” através de seu perfil no Facebook surgiu após o período de sua campanha eleitoral. Em sua série de postagens, que, de acordo com Sinotti, tiveram grande alcance, ele reconheceu um novo meio de expressar através da escrita e decidiu lançar um livro que iria conter um compilado do que chamaria de “falácias esquerdistas”<sup>314</sup>. Desta maneira, foi lançado sob sua autoria, em 2015, o livro *Não, Sr. Comuna: Guia para desmascarar as falácias esquerdistas*. Publicado na Editora Sinotti, que tem em seu catálogo apenas obras de Evandro Sinotti, o livro conta com 23 capítulos dispostos em 216 páginas.

O livro, que aborda uma variedade de temas com o propósito de deslegitimar práticas associadas à esquerda, foi bem recebido por veículos alinhados à direita, como o “Boletim da Liberdade”<sup>315</sup> — um canal que, embora se apresente como neutro, reforça narrativas conservadoras ao explorar questões de política, economia e cultura — e o “Mundo Conservador”, que, como indica seu próprio nome, também se dedica à defesa de valores conservadores. Além disso, foi divulgado por personalidades influentes como a YouTuber Paula Marisa, que detém mais de meio milhão de seguidores em seu canal com conteúdos referentes ao bolsonarismo<sup>316</sup> e o deputado Eduardo Bolsonaro<sup>317</sup>, filho de Jair Messias Bolsonaro. Contudo, seu maior espaço de divulgação foi construído através da rede social Facebook por meio da página homônima ao seu livro.

Criada em 15 de agosto de 2015, a página “Não, Sr. Comuna” conta atualmente com 60 mil seguidores. Em suas postagens, Evandro Sinotti compartilha imagens de quem já adquiriu seu livro. Dentre alguns personagens que se mostraram atraídos pela obra de Sinotti

---

<sup>314</sup> PORTAL 387. **Entrevista com Evandro Sinotti**. YouTube, 16 de jul. de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YJ57QOnzei0&pp=ygUQZXZhbmRybyBzaW5vdHRpIA%3D%3D>. Acesso em jan. 2025

<sup>315</sup> BOLETIM DA LIBERDADE. “**Não, Sr. Comuna!**”: Evandro Sinotti lança novo volume de sua antologia e não descarta voltar para a política. Disponível em: <https://www.boletimdaliberdade.com.br/2018/06/23/nao-sr-comuna-evandro-sinotti-lanca-novo-volume-de-sua-a-ntologia-e-nao-descarta-voltar-para-a-politica/>. Acesso em jan. 2025.

<sup>316</sup> MARISA, Paula. **Não Sr. Comuna #1**. YouTube, 4 de out. de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sa2u10OdJ84>. Acesso em jan. 2025

<sup>317</sup> BOLSONARO, Eduardo. **Livro “Não, Sr. Comuna!” é indicado por Eduardo Bolsonaro**. YouTube, 25 de jun. de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g95GkhDg-KI>. Acesso em jan. 2025.



estão: a jornalista Rachel Sheherazade<sup>318</sup>, a deputada do PL Ana Campagnolo<sup>319</sup>, Olavo de Carvalho<sup>320</sup>, o *youtuber* Nando Moura<sup>321</sup>, Sara Winter<sup>322</sup> e o músico Roger Moreira<sup>323</sup>.

Tornou-se conhecido através da promoção de *lives* que objetivavam debater com “adversários” ideológicos para desmentir as “farsas esquerdistas”. Neste período se intitulou “rei dos debates” e garantiu discussões com professores, historiadores e comunicadores, como o caso da administradora da página “Anarcomiguxos”.



Figura 6: Publicação de convite de Evandro Sinotti.

Como resultado de sua divulgação, Evandro Sinotti afirma ter vendido quase 30 mil cópias de seu livro. Impulsionado pelo sucesso da primeira edição, lançou o segundo volume

<sup>318</sup> Não, Sr. Comuna. Rachel Sheherazade também já tem o seu "Não, Sr. Comuna! - Volume 2". Facebook, 2018. Disponível em:

<https://www.facebook.com/989541167733519/photos/pb.100063357030475.-2207520000/2145083118845979/?type=3>. Acesso em: fev. 2025.

<sup>319</sup> Não, Sr. Comuna. Deputada eleita Ana Campagnolo com seu exemplar do "Não, Sr. Comuna!". Facebook, 31 de out. de 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/989541167733519/photos/pb.100063357030475.-2207520000/2125622987458659/?type=3>. Acesso em: fev. 2025.

<sup>320</sup> Não, Sr. Comuna. Qual legenda vc colocaria nesta imagem? Facebook, 31 de jan. de 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/989541167733519/photos/pb.100063357030475.-2207520000/1770993749588253/?type=3>. Acesso em: fev. 2025.

<sup>321</sup> Não, Sr. Comuna. Amigos, postem suas fotos com o "Não, Sr. Comuna!" no face e marquem a página. Facebook, 28 de dez. 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1730679940286301&set=pb.100063357030475.-2207520000>. Acesso em: fev. 2025.

<sup>322</sup> Não, Sr. Comuna. Sara Winter. Facebook, 21 de jul. de 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/989541167733519/photos/pb.100063357030475.-2207520000/1567434036610893/?type=3>, Acesso em: fev. 2025.

<sup>323</sup> Não, Sr. Comuna. Roger Moreira. Facebook, 29 de dez. de 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/989541167733519/photos/pb.100063357030475.-2207520000/1343556978998601/?type=3>. Acesso em: fev. 2025

de *Não, Sr. Comuna*. (2018), como uma continuação da exposição das “falácias esquerdistas”. Entretanto, em comparação com o primeiro livro, não temos informações acerca do recebimento pelo público ou sobre sua vendagem. Em 2021 publicou o seu terceiro livro, desta vez com a temática voltada ao futebol, o *Não, Sr. Clubista!*. No que diz respeito ao conteúdo de seu trabalho, iremos nos debruçar sobre seus escritos dedicados ao fascismo em seu capítulo intitulado “‘Vocês são fascistas’ (esquerdistas dizendo isso para defensores do livre-mercado)”, no primeiro volume do *Não, Sr. Comuna!*.

Neste capítulo, Evandro Sinotti inicia sua exposição indicando que “fascistas, entre outras coisas, defendem que o Estado deve interferir na vida das pessoas e das empresas. Isso é algo que quase todos, talvez todos, os autoritários como você, também defendem”. Aponta que, ao contrário dos “esquerdistas”, os apoiadores do capitalismo não protegem a participação do Estado na economia em um “modelo que favorece a criação de uma nociva simbiose entre empresas e governantes, que muitas vezes acaba em corrupção”<sup>324</sup>. Desta forma, expressa que a proximidade entre a máquina estatal e empresas não é benéfica para a sociedade que não pode vivenciar o estágio de bem-estar social capitalista por completo.

Ao exprimir que

Tudo no Estado, nada contra o Estado e nada fora do Estado". Esta é a famosa frase de Benito Mussolini (1883-1945), o italiano que popularizou o fascismo, uma ideologia que é conhecida nos dias de hoje como uma espécie de terceira via, entre os defensores do livre-mercado (capitalismo) e os socialistas. O nome fascismo vem de fascis, "feixe ", e a razão da escolha deste nome para a ideologia vem do fato que uma vara oferece muito menos resistência do que um feixe de varas. Ou seja, a analogia é que a coletividade é mais forte que o indivíduo.

Evandro Sinotti apresenta sua visão do fascismo como uma síntese do que foi apresentado no *Guia politicamente incorreto da História do Mundo*, de Leandro Narloch. O autor evidencia que a aproximação de qualquer tipo de coletivismo social está ligada a uma submissão estatal de origem totalitária e afirma haver mais características fascistas presentes em movimentos de esquerda do que no liberalismo.

Além de Leandro Narloch, Evandro Sinotti também se baseia em Olavo de Carvalho ao reconhecer que as fusões entre socialismo e capitalismo têm como resultado uma economia fascista reconhecida como “terceira via”.<sup>325</sup> Acrescenta que “Um efeito colateral nefasto das medidas intervencionistas dos fascistas no mercado, é que elas acabam por restringir a supremacia do consumidor.”

---

<sup>324</sup> SINOTTI, Evandro. **Não, Sr. Comuna**: Guia para desmascarar as falácias esquerdistas. Editora Sinotti, 2015. p.185.

<sup>325</sup> CARVALHO, Olavo de. A vitória do fascismo. O Globo, 2003. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/a-vitoria-do-fascismo/>. Acesso em jan.2025.

Vemos que a interpretação do fascismo feita por Evandro Sinotti tem como principal fundamento a economia. Sua formação que, conforme já citado, tem raízes no libertarianismo, é evidenciada em sua argumentação, sob o apoio dos trabalhos de Olavo de Carvalho. O destaque nas questões relacionadas à economia é baseado em Friedrich Hayek que, em *O caminho da servidão*, manifesta suas críticas ao socialismo por este não reconhecer a propriedade privada como a essência da liberdade humana. Hayek evidencia que:

O controle econômico não é apenas o controle de um setor da vida humana, distinto dos demais. É o controle dos meios que contribuirão para a realização de todos os nossos fins. Pois quem detém o controle exclusivo dos meios também determinará a que fins nos dedicaremos, a que valores atribuiremos maior ou menor importância – em suma, determinará aquilo em que os homens deverão crer e por cuja obtenção deverão esforçar-se<sup>326</sup>

Lucas Patschiki reconhece que a deturpação dos conceitos de “estatismo” e “totalitarismo” feita por estes intelectuais faz parte de uma tentativa de distanciamento do fascismo. Acrescenta que este tipo de liberalismo apresentado

é truncado, conciliando discursivamente a concordância com alguns pontos dos clássicos, relativas à mínima interferência do Estado e do livre exercício do mercado, com a rejeição dos seus aspectos morais. Para tanto recorrem a Eric Voegelin, que entende o liberalismo como fruto do “movimento interno da modernidade depois da ruptura com o cristianismo e a filosofia clássica. Desde então haverá uma sucessão de revoluções, contra-revoluções, restauração e conservadorismo, todos elementos do drama moderno oriundos da ruptura original”.<sup>327</sup>

Neste sentido, conforme reitera Patschiki, há a necessidade da existência de um elemento a ser combatido por este novo movimento emergente. Assim, segundo Enzo Traverso evidencia, apresentar o totalitarismo como antiliberalismo é o único meio de unir o fascismo e comunismo em uma mesma categoria.<sup>328</sup>

De tal maneira, por meio destas manobras conceituais, Evandro Sinotti usa este tipo de argumento para expor a esquerda como um grupo mais favorável a práticas fascistas de cunho totalitárias do que à defesa da liberdade moderna pautada na existência da propriedade privada e no livre-comércio. Também atesta que a redução da supremacia do consumidor pelo controle do Estado permite que aqueles que possuem melhores relações com políticos sejam beneficiados.

Apesar da busca de expansão de referencial teórico, nos é evidente que as argumentações de Evandro Sinotti relacionadas à oposição entre totalitarismo, promovido por movimentos socialistas, e o liberalismo, estimulado pelo capitalismo em seu estado de

---

<sup>326</sup> HAYEK, Friedrich August. *O caminho da servidão*. LVM editora, 2017.p.104.

<sup>327</sup> PATSCHIKI, Lucas. *Os litorais da nossa burguesia: O Mídia sem Máscara em atuação partidária (2002-2011)*. Dissertação de Mestrado, Unioeste, 2012.

<sup>328</sup> TRAVERSO, Enzo. *As novas faces do fascismo*. Editora Âyiné, 2021. p. 218.

bem-estar social, são totalmente fundamentadas nos trabalhos de Olavo de Carvalho e Leandro Narloch. Narloch, dois anos antes da publicação do “Não, Sr. Comuna”, já havia publicado seu *Guia Politicamente Incorreto da História do Mundo* com o mesmo objetivo de deslegitimar a esquerda por meio de aproximações de suas práticas ao fascismo.

Posto isto em conta, notamos que Evandro Sinotti conseguiu se integrar ao ecossistema das novas direitas e serviu, em certa medida, como aporte teórico de revisionismos históricos cujo objetivo era favorecer o seu viés ideológico. Foi capaz de realimentar o ideário anticomunista essencial para o fortalecimento da disputa política presente entre os anos de 2015–2018.

## 5. Considerações Finais

A História se apresenta, cada vez mais, como um campo de batalha. Entre seus combatentes estão os historiadores e os comunicadores de história. No que diz respeito ao ofício do historiador, Michel de Certeau nos esclarece que sua principal função é encarar a história como uma operação e que, para tal:

Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura). É admitir que ela faz parte da "realidade" da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada "enquanto atividade humana", "enquanto prática". Nesta perspectiva, gostaria de mostrar que a operação histórica se refere à combinação de um lugar social, de práticas "científicas" e de uma escrita.<sup>329</sup>

Desta maneira, o historiador assume o compromisso de construir uma narrativa sobre o passado mediante uma pesquisa científica baseada no tratamento de fontes. Já os comunicadores de história, ao contrário dos historiadores, apresentam como objetivo a construção de uma narrativa baseada em fatos moldados em controvérsias. Neste sentido, podemos observar que uma das principais características dos intelectuais da nova direita é deslegitimar a historiografia.

Para tal, afirmam que os ambientes acadêmicos lhes negam a “verdadeira história”. Em uma tentativa de angariar um público mais jovem para que, como expõe Leandro Narloch, sejam capazes de “refutar o professor de história”, consideramos que os autores ocupam um espaço essencial referente à formação intelectual de uma nova geração. De forma mais

---

<sup>329</sup> CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.



descontraída, buscam construir um imaginário “politicamente incorreto”, no qual opiniões moldadas por meio de revisionismo e negacionismo histórico são favorecidas.

O fomento de um imaginário que elenca o fascismo — um dos principais movimentos políticos do mundo no século XX — como representante da esquerda política acompanha a necessidade de expansão do anticomunismo, guiado pela direita, no cenário político brasileiro. Neste sentido, a participação de intelectuais representantes deste discurso foi essencial para esta ideia se infiltrar nos debates relacionados a esta temática.

As diversas manobras feitas por Olavo de Carvalho e seus discípulos Leandro Narloch e Evandro Sinotti, deram suporte teórico para que personagens diretamente ligados à política brasileira pudessem direcionar suas críticas à esquerda. Foi o caso de Jair Bolsonaro e seu filho, Eduardo, que deixaram evidente seu apreço à teoria de que o fascismo seria uma variante da esquerda.

No entanto, apesar desta ideia ter sido amplamente divulgada e acatada por aqueles que se identificam com o “politicamente incorreto”, reiteramos que, conforme nos demonstra a historiografia, o fascismo não é de esquerda. Consideramos a distinção entre os conceitos de “esquerda” e “direita” feita por Norberto Bobbio para atestar a impossibilidade do fascismo ser encaixado na esquerda. O pesquisador certifica que

a) na extrema-esquerda estão os movimentos simultaneamente igualitários e autoritários, dos quais o jacobinismo é o exemplo histórico mais importante, a ponto de se ter tornado uma abstrata categoria aplicável, e efetivamente aplicada, a períodos e situações históricas diversas;(...)

d) na extrema-direita, doutrinas e movimentos antiliberais e antiigualitários, dos quais creio ser supérfluo indicar históricos bem conhecidos como o fascismo e nazismo.<sup>330</sup>

Conforme João Fábio Bertonha nos orienta, o desejo da construção deste conceito está baseado na visão liberal na qual somente “a parte mais esclarecida da sociedade, a detentora de recursos intelectuais e, acima de tudo, financeiros, deve governá-la”. Neste raciocínio, segundo o autor, há a deslegitimação, pela “nova direita” de governos atrelados à esquerda — como o caso do governo de Lula, nos anos 2000 — ao referenciá-los como

---

<sup>330</sup>BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda razões e significados de uma distinção política**. Unesp, 2003. p.119.

representantes de barbárie. Assim, “Direita = liberdade, esse é o raciocínio que surge nesse discurso”.<sup>331</sup>

Assim, concluímos que Olavo de Carvalho através de seu alcance — virtual e editorial — conseguiu pavimentar um caminho que permitiu que novos personagens pudessem se inspirar em seus discursos. Seu contato com autores como A. J. Gregor que, antes de ser exposto em seus artigos não era reconhecido no Brasil, possibilitou a abertura a novos diálogos viabilizadores de suas pautas liberais. Desta maneira, Olavo de Carvalho deu início a movimentações intelectuais pautadas em polêmicas que objetivam enfraquecer seus oponentes políticos.

Nesta direção, Carvalho deu início a um processo que tornou mais acessível os estudos relacionados à política. Deste modo, seus discípulos reconheceram uma carência do público leigo que desejava compreender o presente de forma mais descomplicada que livros e artigos acadêmicos. Então, possibilitaram um tipo de letramento político baseado na desconstrução do “politicamente correto”.

Através deste letramento, Leandro Narloch e Evandro Sinotti, bem como Olavo de Carvalho, permitiram que seus ensinamentos se tornassem mais inerentes ao senso comum. Desta forma, conseguiram criar um sentimento de identificação do público comum com políticos que reconheceram neste discurso “politicamente incorreto” um campo a ser explorado. Foi o caso de Jair Messias Bolsonaro, mentorado de Olavo de Carvalho, que ascendeu politicamente mediante discursos polêmicos baseados em críticas à esquerda, especialmente ao Partido dos Trabalhadores e suas lideranças.

---

<sup>331</sup> BERTONHA, João Fábio. Fascismo de esquerda? Sobre a necessidade de revisão conceitual de um termo perigoso. **Espaço Acadêmico**, n. 142, p. 69-76, 2013.

## Referências bibliográficas

### Fontes

- DE CARVALHO, Olavo. **Abaixo a verdade.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/abaixo-a-verdade-2/>.
- \_\_\_\_\_. **A cultura do genocídio.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/a-cultura-do-genocidio/>.
- \_\_\_\_\_. **A mentalidade revolucionária.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/a-mentalidade-revolucionaria/>.
- \_\_\_\_\_. **Antifascismo hitlerista.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/antifascismo-hitlerista/>.
- \_\_\_\_\_. **Antropofagia.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/antropofagia/>.
- \_\_\_\_\_. **A palavra-gatilho.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/a-palavra-gatilho/>.
- \_\_\_\_\_. **A tradição revolucionária – 1.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/a-tradicao-revolucionaria-1/>.
- \_\_\_\_\_. **A tradição revolucionária – 4 (final).** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/a-tradicao-revolucionaria-4-final/>.
- \_\_\_\_\_. **A verdadeira direita.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/a-verdadeira-direita/>.
- \_\_\_\_\_. **Aviso de Alberto Dines & considerações sobre a universidade.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/aviso-de-alberto-dines-consideracoes-sobre-a-universidade/>.
- \_\_\_\_\_. **A vitória do fascismo.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/a-vitoria-do-fascismo/>.
- \_\_\_\_\_. **Bobinha.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/bobinha/>.
- \_\_\_\_\_. **Brincar de genocídio.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/brincar-de-genocidio/>.
- \_\_\_\_\_. **Bruno Garschagen entrevista Olavo de Carvalho.** Disponível em: [https://olavodecarvalho.org/ser-conservador-e-nao-ser-jamais-o-portador-de-um-futuro-radian te/](https://olavodecarvalho.org/ser-conservador-e-nao-ser-jamais-o-portador-de-um-futuro-radian-te/).
- \_\_\_\_\_. **De Bobbio a Bernanos.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/de-bobbio-a-bernanos-2/>.

\_\_\_\_\_. **Cale a boca, farsante.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/cale-a-boca-farsante/>.

\_\_\_\_\_. **Cãozinho amestrado.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/980-2/>.

\_\_\_\_\_. **Carta abierta al Diário de Notícias de Lisboa y a los lectores portugueses en general.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/carta-abierta-al-diario-de-noticiasde-lisboa-y-a-los-lectores-portugueses-en-general/>.

\_\_\_\_\_. **Carta de um cego acordado a uma vidente adormecida.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/carta-de-um-cego-acordado-a-uma-vidente-adormecida/>.

\_\_\_\_\_. **Causas sagradas - conservadorismo religioso.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/causas-sagradas/>.

\_\_\_\_\_. **Como não enxergar a realidade.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/como-nao-enxergar-a-realidade/>.

\_\_\_\_\_. **Credulidade sem fim.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/credulidade-sem-fim/>.

\_\_\_\_\_. **Cretinices gramscianas (II).** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/cretinices-gramscianas-ii/>.

\_\_\_\_\_. **Diagnóstico.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/diagnostico/>.

\_\_\_\_\_. **Difamação por osmose.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/difamacao-por-osmose/>.

\_\_\_\_\_. **Difamação pura.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/difamacao-pura/>.

\_\_\_\_\_. **Dinheiro e poder.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/dinheiro-e-poder/>.

\_\_\_\_\_. **Direita e esquerda, origem e fim.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/direita-e-esquerda-origem-e-fim/>.

\_\_\_\_\_. **Doença moral hedionda.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/doenca-moral-hedionda/>.

\_\_\_\_\_. **Do marxismo cultural.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/do-marxismo-cultural/>.

\_\_\_\_\_. **Educação Liberal.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/educacao-liberal/>.

\_\_\_\_\_. **El mayor.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/el-mayor/>.

- \_\_\_\_\_. **Em parte alguma.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/em-parte-alguma/>.
- \_\_\_\_\_. **Esquema simplório.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/esquema-simplorio/>.
- \_\_\_\_\_. **Fraude e inconsciência.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/fraude-e-inconsciencia/>.
- \_\_\_\_\_. **Ideólogo é a mãe.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/ideologo-e-a-mae/>.
- \_\_\_\_\_. **Lindeza de estupidez.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/lindeza-de-estupidez/>.
- \_\_\_\_\_. **Nazismo de cátedra.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/nazismo-de-catedra/>.
- \_\_\_\_\_. **Marxismo, Direito e Sociedade – Parte III.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/marxismo-direito-e-sociedade-parte-iii/>.
- \_\_\_\_\_. **Mentira temível.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/mentira-temivel/>.
- \_\_\_\_\_. **Miséria lingüística.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/miseria-linguistica/>.
- \_\_\_\_\_. **Obviedades estratégicas.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/obviedades-estrategicas/>.
- \_\_\_\_\_. **O cão, o lobo e o rato.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/o-ca-o-lobo-e-o-rato/>.
- \_\_\_\_\_. **O dinguinismo no Brasil.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/o-dinguinismo-no-brasil/>.
- \_\_\_\_\_. **O futuro da liberdade.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/o-futuro-da-liberdade/>.
- \_\_\_\_\_. **O Jardim das Aflições: Epicuro e Marx.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/o-jardim-das-aflicoes-epicuro-e-marx/>.
- \_\_\_\_\_. **Olavo de Carvalho entrevista Alain Peyrefitte.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/olavo-de-carvalho-entrevista-alain-peyrefitte/>.
- \_\_\_\_\_. **Olavo de Carvalho: la insolencia de tener razón.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/olavo-de-carvalho-la-insolencia-de-tener-razon/>.
- \_\_\_\_\_. **O país dos bois de piranha.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/o-pais-dos-bois-de-piranha/>.

\_\_\_\_\_. **O testemunho proibido.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/o-testemunho-proibido/>.

\_\_\_\_\_. **O último dos desinformatas.** Disponível em: [https://olavodecarvalho.org/o-ultimo-dos-desinformatas/?\\_gl=1\\*1i817dg\\*\\_gcl\\_au\\*MTAyNjg4MjAxOC4xNzMxMTg1MDIx](https://olavodecarvalho.org/o-ultimo-dos-desinformatas/?_gl=1*1i817dg*_gcl_au*MTAyNjg4MjAxOC4xNzMxMTg1MDIx).

\_\_\_\_\_. **O único mal absoluto.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/o-unico-mal-absoluto/>.

\_\_\_\_\_. **Poesia e profecia.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/poesia-e-profecia/>.

\_\_\_\_\_. **Que é o fascismo.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/que-e-o-fascismo/>.

\_\_\_\_\_. **Quem paga?** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/quem-paga/>.

\_\_\_\_\_. **Raízes do mundo novo.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/raizes-do-mundo-novo/>.

\_\_\_\_\_. **Reale ante os mediocres.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/reale-ante-os-mediocres/>.

\_\_\_\_\_. **Recordar é viver, ou: “Quem sofreu sob o teu jugo te conhece”.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/recordar-e-viver-ou-quem-sofreu-sob-o-teu-jugo-te-conhece/>.

\_\_\_\_\_. **Sutilezas da fala brasileira.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/sutilezas-da-fala-brasileira/>.

\_\_\_\_\_. **Tudo o que você queria saber sobre a direita – e vai continuar não sabendo.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/tudo-o-que-voce-queria-saber-sobre-a-direita-e-vai-continuar-nao-sabendo/>.

\_\_\_\_\_. **Uma opinião presidencial.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/uma-opinioao-presidencial/>.

\_\_\_\_\_. **URSS, a mãe do nazismo.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/urss-a-mae-do-nazismo/>.

\_\_\_\_\_. **USP é templo de vigarice.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/usp-e-templo-de-vigarice/>.

\_\_\_\_\_. **Velha lenda.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/velha-lenda/>.

\_\_\_\_\_. **Viva o fascismo!** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/viva-o-fascismo/>.

SINOTTI, Evandro. **Não, Sr. Comuna:** Guia para desmascarar as falácias esquerdistas. Editora Sinotti, 2015.

## Bibliografia

ADLER, Franklin Hugh. **Mussolini's Intellectuals: Fascist Social and Political Thought.** Perspectives on Politics, v. 4, n. 1, 2006.

AMADO, Renato. **Gramscismo e globalismo: As Teorias da conspiração capilarizadas por Olavo de Carvalho e suas inconsistências.** Brasil/Brazil, p. 68-82, 2023.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo:** antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. Editora Companhia das Letras, 2013.

BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda:** Razões e significados de uma distinção política. Unesp, 2003.

BRITO, Renata Romolo. Hannah Arendt. **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas:** Mulheres na Filosofia, V. 6 N. 11, 2020, p. 14.

CASARÕES, Guilherme. O movimento bolsonarista e a americanização da política brasileira: causas e consequências da extrema direita no poder. **Journal of Democracy**, v. 11, n. 2, 2022.

CASIMIRO, Flávio. **A construção simbólica do neoliberalismo no Brasil (1983-1998):** A ação pedagógica do Instituto Liberal. 2011. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de São João del Rei, São João del-Rei.

CALDEIRA NETO, Odilon. Breves reflexões sobre o uso da Internet em pesquisas historiográficas. **Revista Eletrônica Boletim do TEMPO**, v. 20.

\_\_\_\_\_. Memória e justiça: o negacionismo e a falsificação da história. **Antíteses**, p. 1097-1123, 2009.

\_\_\_\_\_. **“Nova República” e a ascensão das direitas no Brasil.** Conhecer: debate entre o público e o privado, v. 10, n. 24, p. 120-140, 2020.

CALIL, Gilberto. Olavo de Carvalho e a ascensão da extrema-direita. **Argumentum**, v. 13, n. 2, p. 64-81, 2021.

CARON, Giuseppe Rafael. **Fascismo Movimento e Fascismo Governo—Um debate sobre os estudos de Renzo de Felice e Emilio Gentile. XXVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios.** Florianópolis, v. 27, 2015.

CARVALHO, Olavo de. **Curriculum: Résumé – Portuguese version.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/curriculum/>.

\_\_\_\_\_. **Meus Gurus.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/alguns-de-meus-gurus/>. Acesso em: Novembro de 2024.

CHALOUN, Jorge; PERLATTO, Fernando. A nova direita brasileira: ideias, retórica e prática política. **Insight Inteligência**, v. 72, p. 24-41, 2016.

CHARTIER, Roger et al. **A história cultural**: Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, v. 1, p. 12, 1990.

CORREIA, Adriano. Antissemitismo e totalitarismo em Hannah Arendt. **Quadranti-Rivista Internazionale di Filosofia Contemporanea**, p. 135-145, 2018.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci**: um estudo sobre seu pensamento político. Rio de Janeiro: Campus, 1992,

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. Editora Companhia das Letras, 2010.

DA SILVA, Leonardo Nóbrega. O mercado editorial e a nova direita brasileira. **Teoria e Cultura**, v. 13, n. 2, 2018.

DA SILVA, Wellington Teodoro; SUGAMOSTO, Alexandre; ARAUJO, Uriel Irigaray. O marxismo cultural no Brasil: origens e desdobramentos de uma teoria conservadora. **Cultura y religión**, v. 15, n. 1, p. 180-222, 2021.

DA SILVEIRA, Pedro Telles. As fontes digitais no universo das imagens técnicas: crítica documental, novas mídias e o estatuto das fontes históricas digitais. **Antíteses**, v. 9, n. 17, p. 270-296, 2016.

DE ALMEIDA, Rodrigo Moreira. **Hannah Arendt e a natureza do totalitarismo**. Revista Diaphonía, v. 9, n. 1, p. 73-85, 2023.

DE ARAÚJO SILVA, Ricardo George; SILVA, Napiê Galvê Araújo. O totalitarismo e seus recursos sob a perspectiva de Hannah Arendt. **Kalagatos Revista de Filosofia**, v. 7, n. 13, p. 135-157, 2010.

DE MELO, Demian Bezerra. Revisão e revisionismo historiográfico: os embates sobre o passado e as disputas políticas contemporâneas. **Revista Marx e o Marxismo – Revista do NIEP-Marx**, v. 1, n. 1, p. 49-74, 2013.

FINCHELSTEIN, Federico. **Do fascismo ao populismo na história**. Leya, 2019.

FONTES, Virgínia. **Capitalismo filantrópico? Múltiplos papéis dos aparelhos privados de hegemonia empresariais**. Revista Marx e o Marxismo–Revista do NIEP-Marx, v. 8, n. 14, 2020.

GARRIDO, Álvaro. O corporativismo na História e nas Ciências Sociais—uma reflexão crítica partindo do caso português. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 42, n. 2, p. 387-408, 2016

GENTILE, Emilio. **The struggle for modernity**: Nationalism, futurism, and fascism. Westport, CT: Praeger, 2003.

\_\_\_\_\_. Fascism as political religion. **Journal of Contemporary History**, v. 25, n. 2, p. 229-251, 1990.

\_\_\_\_\_. Le silence de Hannah Arendt: l'interprétation du fascisme dans les origines du totalitarisme. **Revue d'histoire moderne et contemporaine**, n. 3, p. 11-34, 2008.



GENTILE, Fabio. O corporativismo fascista: um modelo para o Brasil nacionaldesenvolvimentista de Getúlio Vargas. In: **Memorias del Congreso Internacional “La Modernidad en cuestión: confluencias y divergencias entre América Latina y Europa, siglos XIX y XX**. sn, 2016. p. 297-317.

GIORDANI, Tommaso. Fascism as a recurring possibility: Zeev Sternhell, the anti-Enlightenment, and the intellectual history of European modernity. **History of European Ideas**, v. 49, n. 5, p. 854-869, 2023.

GREGOR, A. James. **Marxism, fascism, and totalitarianism**: Chapters in the intellectual history of radicalism. Stanford University Press, 2008.

\_\_\_\_\_. **Totalitarianism and political religion**: An intellectual history. Stanford University Press, 2012.

GRIFFIN, Roger. Cloister or cluster? The implications of Emilio Gentile’s ecumenical theory of political religion for the study of extremism. **Totalitarian Movements and Political Religions**, v. 6, n. 1, p. 33-52, 2005

HOEVELER, Rejane Carolina. O conceito de aparelho privado de hegemonia e seus usos para a pesquisa histórica. **Revista Práxis e Hegemonia Popular**, v. 4, n. 5, p. 145-159, 2019.

JOES, Anthony James. On the modernity of fascism: Notes from two worlds. **Comparative Political Studies**, v. 10, n. 2, p. 259-268, 1977.

LOSURDO, Domenico. Para uma crítica da categoria de totalitarismo. **Crítica marxista**, v. 17, p. 51-79, 2003.

LUCCHESI, Anita. História Pública Digital:: dois pitacos sobre outras histórias possíveis na Era Digital. **Boletim do Tempo Presente**, v. 11, n. 03, p. 36-43, 2022.

\_\_\_\_\_. Por um debate sobre História e Historiografia Digital. **Boletim Historiar**, n. 2, 2014.

Marx, Karl. **Sobre a questão judaica**. Boitempo Editorial, 2010.

MINICCINO, Michael; ZANON, Cássia. A nova idade das trevas: a Escola de Frankfurt e o “politicamente correto”. **Políticas Culturais em Revista**, v. 15, n. 1, p. 219-268, 2022.

NAPOLITANO, Marcos. Negacionismo e revisionismo histórico no século XXI. In: **Novos combates pela História**: Desafios, Ensino, 2021.

PASSMORE, Kevin. **Fascism**: A very short introduction. OUP Oxford, 2014

PATSCHIKI, Lucas. **Os litorais da nossa burguesia**: O Mídia sem Máscara em atuação partidária (2002-2011). Dissertação de Mestrado, Unioeste, 2012.

PAYNE, Stanley G. **Fascism: Comparison and definition**. University of Wisconsin Press, 1980.

\_\_\_\_\_. Review essay-Emilio Gentile's Historical Analysis and Taxonomy of Political Religions. **Totalitarian Movements and Political Religions**, v. 3, n. 1, p. 122-130, 2002.

PIERUCCI, Antônio Flávio. As bases da nova direita. **Novos estudos CEBRAP**, v. 19, n. 3, 1987.

PIOVEZANI, Carlos; GENTILE, Emilio. **A linguagem fascista**. Hedra, 2020.

ROCHA, Camila. **Menos Marx, mais Mises**: o liberalismo e a nova direita no Brasil. Todavia, 2021.

RUIVO, Mariana Maia; DE ALMEIDA, Giordano Sousa; TOLEDO, Sara. O Foro de São Paulo e a Política Externa do Partido dos Trabalhadores: convergências ou divergências nos governos Lula da Silva e Dilma Rousseff. **REBELA-Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos**, v. 6, n. 2, 2016.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**: A política do "nós" e "eles". L&PM Editores, 2018.

SEEFELDT, Douglas; THOMAS III, William G. **What is digital history?** A look at some exemplar projects. 2009.

SEDGWICK, Mark. **Contra o mundo moderno**: O Tradicionalismo e a história intelectual secreta do século XX. Editora Âyiné, 2021.

SEDGWICK, Mark. Traditionalism in Brazil: Sufism, Ta'i chi, and Olavo de Carvalho. **Aries**, v. 21, n. 2, p. 159-184, 2020.

SPENGLER, Oswald. **Prussianism and socialism**. Legend Books Sp. z oo, 2023.

STEFANONI, Pablo. ¿ **La rebeldía se volvió de derecha?**: Cómo el antiprogresismo y la anticorrección política están construyendo un nuevo sentido común (y por qué la izquierda debería tomarlos en serio). Siglo XXI Editores, 2021.

STERNHELL, Zeev. How to Think about Fascism and its Ideology. **Constellations**, v. 15, n. 3, p. 280-290, 2008.

\_\_\_\_\_. **Neither right nor left: fascist ideology in France**. Princeton University Press, 1996.

\_\_\_\_\_; SZNAJDER, Mario; ASHERI, Maia. **The birth of fascist ideology**: From cultural rebellion to political revolution. Princeton University Press, 1994.

TEITELBAUM, Benjamim R. **Guerra pela eternidade**: O retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita populista. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

TRAVERSO, Enzo. Interpretar el fascismo. Notas sobre George L. Mosse, Zeev Sternhell y Emilio Gentile. *Ayer*, p. 227-258, 2005.

\_\_\_\_\_. **Obituário, Zeev Sternhell, 1935–2020.** Disponível em: <https://jacobin.com/2020/07/zeev-sternhell-obituary020>.

\_\_\_\_\_.; NEVES, Lucas. **Onde Foram Parar Os Intelectuais?**. Editora Âyiné, 2020.

\_\_\_\_\_. **O passado, modos de usar.** Lisboa: Edições Unipop, 2012.

VICENTE, José João Neves Barbosa. Hannah Arendt: antissemitismo, imperialismo e totalitarismo. **Ensaio Filosóficos**, v. 6, n. 12, p. 144-154, 2012.

WOHL, Robert. French Fascism, both right and left: reflections on the Sternhell controversy. **The Journal of Modern History**, v. 63, n. 1, p. 91-98, 1991.